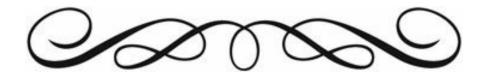
Harlequin
HISTÓRICOS
Regência
CHRISTINE
MERRILL
AMOR ERRANTE
LADIES EM DESONRA
EDIÇÃO 98

Christine Merrill

AMOR ERRANTE

Tradução
Deborah Mesquita de Barros

2012

Capítulo Um

EMBORA EMILY Longesley pudesse dizer com sinceridade que não antipatizava com muitas pessoas, tinha começado a suspeitar que detestasse Rupert, o primo de seu marido. Havia alguma coisa na maneira como olhava para a mansão quando a visitava que a fazia pensar que queria tirar as medidas da mobília.

Era ainda mais irritante saber que tinha direito aos sentimentos de posse. Se ela não tivesse filhos, o título iria para Rupert. E, com o passar dos anos, desde que o marido a abandonara, as visitas dele eram cada vez mais frequentes, mais intrusivas, e se tornava cada vez mais confiante na possibilidade de sua herança. Ultimamente, dava um sorriso irritante quando perguntava da saúde de seu marido, como se guardasse alguma informação secreta que ela não soubesse.

Era ainda mais perturbador suspeitar que isso pudesse ser verdade. Embora o secretário de seu marido, Hendricks, insistisse que o conde estava bem, também insistia que Adrian não tinha desejo de se comunicar com ela. Uma visita dele era improvável. Uma visita *para* ele não seria apenas indesejável, como estava fora de questão. Escondiam alguma coisa, ou o desgosto de seu marido por ela era tão transparente quanto parecia?

Hoje, não podia aguentar mais aquilo.

– Rupert, qual é o significado dessa expressão no seu rosto? Quase parece que duvida de minha palavra. Se suspeita que Adrian esteja doente, então pelo menos poderia fingir ser solidário.

Olhou-a com um sorriso presunçoso que parecia significar que a pegara, finalmente.

– Não desconfio de uma doença de Folbroke tanto quanto começo a duvidar da sua existência.

– Que pretensão. Sabe muito bem que ele existe, Rupert. Conhece-o desde que era criança. Esteve em nosso casamento.

– Foi há quase três anos. – Olhou ao redor, como se o ambiente vazio fosse uma descoberta

recente. – Não o vejo aqui, agora.

– Porque ele reside em Londres a maior parte do ano. – O ano inteiro, na verdade, mas falar aquilo não ajudaria.

– Nenhum dos amigos de Adrian o viu por lá. Quando o Parlamento está reunido, o assento dele na Câmara dos Lordes fica vago. Não vai a festas ou teatro. E quando visito seus aposentos, Adrian nunca está lá ou voltará em breve.

– Talvez não queira vê-lo – disse Emily. Se assim fosse, ela encontraria alguma coisa em comum com seu esposo ausente.

– Também não desejo encontrá-lo, particularmente – disse Rupert. – Mas pela segurança desta sucessão, exijo ver alguma evidência de que o homem ainda respira.

– Que ainda respira? De todas as coisas ridículas que falou, acho que essa é a pior. É o parente vivo mais próximo de Adrian. E seu herdeiro. Se o conde de Folbroke tivesse morrido, você teria sido notificado imediatamente.

– Se pretendesse me contar. – Olhava-a com uma expressão desconfiada, como se tivesse certeza de que, se a encarasse um pouco mais, admitiria um corpo enterrado sob o piso de tábuas.

– É claro que eu lhe contaria se alguma coisa tivesse acontecido com Adrian. Que motivo teria para esconder de você?

– Todos os motivos do mundo. Acha que não posso ver como ficou no comando desta fazenda, uma vez que ele está ausente? Os servos aceitam suas ordens. Vi o mordomo e o administrador pedindo-lhe instruções. E a vi lendo os livros contábeis como se tivesse alguma ideia do que fazer com eles.

Depois de todo tempo que Emily passara lendo-os, sabia perfeitamente o que fazer com as contas. E seu marido não se opunha que cuidasse daquilo, até mesmo expressando concordância com sua gestão, nas curtas comunicações que lhe chegavam através de Hendricks.

– Uma vez que ainda não é o conde, por que deveria lhe importar?

Os olhos de Rupert se estreitaram.

– Porque isso não é natural. Não quero ver minha herança desperdiçada pela má administração de uma mulher. Tenho escrito a Folbroke frequentemente, relatando meus temores. Todavia, não há sinal de que esteja vindo tomar o controle do que lhe pertence por direito. Vem aqui tão raramente que poderia estar morto também. E talvez esteja, considerando com o que parece se importar. Vem administrando a fazenda à sua maneira, não é? Mas se Adrian faleceu, e acha que pode manter uma farsa de que há um governante aqui, então está redondamente enganada.

Emily respirou fundo, tentando permanecer calma diante do bombardeio. Rupert sempre fora desagradável, mas fizera o possível para ser gentil com ele, pelo bem de seu marido. Seu temperamento tranquilo fora desperdiçado com Adrian e seu primo ridículo, e sua paciência chegara ao fim.

– Suas acusações são ridículas.

– Acho que não, senhora. Da última vez que visitei os aposentos de Adrian, os criados alegaram que estava indisposto. Mas quando forcei meu caminho para procurá-lo, não o encontrei em parte alguma.

– Se abusa da hospitalidade do conde e intimida seus criados, então não é de admirar que não deseje recebê-lo. Seu comportamento é muito rude. O fato de não tê-lo visto, não significa que

eu não tenha. Como acha que os papéis referentes aos negócios desta propriedade são assinados? Não posso assiná-los. – Na verdade, Emily achava sua falsificação bastante aceitável. E o que não podia ser forjado era passado através do secretário de seu marido, e depois retornava a ela. Todavia, sabia que Hendricks era tão devotado ao marido quanto prestativo com ela. Embora não houvesse provas de que aqueles papéis também fossem falsificados, às vezes tinha suas dúvidas.

Mas Rupert não acreditou naquilo.

– Pelo contrário, não tenho dúvidas de que poderia redigir e assinar os papéis. Se um milagre ocorrer, e receber uma carta de seu marido, não terei provas de que foi escrita por ele.

– E suponho que não acredite em mim quando digo que tenho contato com Adrian regularmente.

Seu primo riu.

– É claro que não. Acho que esse é um estratagema para me manter longe do que é meu por direito.

A certeza dele na quase inexistência do casamento a fez perder o resto de calma que lhe restava.

– Esta fazenda não é sua. Nenhuma parte dela. Pertence a Adrian Longesley, o atual conde de Folbroke. E quem a herdará é o filho dele.

O primo de Adrian riu novamente.

– E quando teremos esperança de ver um herdeiro de seu marido invisível?

Uma ideia ocorreu a Emily subitamente, e não pôde deixar de expressá-la:

– Muito provavelmente em oito meses. Embora talvez seja uma menina. Mas Adrian me garante que, na família dele, a primeira criança é quase sempre do sexo masculino.

Isso pareceu roubar o ar de Rupert, que gaguejou a próxima resposta:

– Você está... está...

– Aumentando minha forma. Sim. – Agora que a mentira fora dita, sentiu-se encorajada a continuar: – Não pretendia ser tão indelicada e levantar o assunto da minha condição, mas uma vez que insiste em suspeitas infundadas, não tenho escolha. E se fosse você, pensaria com cuidado antes de falar o que deve estar pensando, e insinuar que a criança não é de meu marido. Se ouvir qualquer coisa que indique isso, contarei a Adrian como fala comigo quando está fora. E não pensará em ligações familiares, fazendo-o pagar caro pelos boatos lascivos que espalhar sobre mim. Adrian esteve no exército, sabe? Ainda pode atirar bem, e tem incrível habilidade com a espada. E é muito sensível em relação às minhas emoções. Não gostaria que fosse magoada. – A última era a maior mentira de todas. Mas o que importava, depois de um bebê imaginário?

O rosto de Rupert estava pálido, com as faces coradas de vermelho, e os lábios se contraíram, como se estivesse prestes a ter paralisia repentina, dificultando-lhe a fala. Finalmente, conseguiu:

– Se é verdade, o que sinceramente duvido, então não sei o que dizer a respeito.

Emily deu-lhe um sorriso irônico.

– Bem, meu caro primo Rupert, é muito simples. A única coisa que deve me dizer é *parabéns*. E depois, *adeus*. Mulheres na minha condição se cansam com facilidade. E, infelizmente, não tenho mais forças para me socializar com você. – Emily pegou-lhe a mão de um jeito que poderia parecer afetuoso, se não fosse forçado, e puxou-o, antes de impulsioná-lo para frente, de modo que ele passasse pela porta do salão e fosse em direção ao hall. Assim que se afastou da porta,

fechou-a e encostou seus ombros na vidraça, como se isso fosse o bastante para bloquear quaisquer outras visitas.

Tinha sido ruim o suficiente quando, no começo do interrogatório, temera que tivesse de criar seu marido ausente. Mas agora deveria criar tanto ele quanto um filho... e fazer com que Adrian concordasse em dizer que era pai da criança, fosse ou não.

Ou não. Agora, aí estava uma possibilidade interessante. Até o momento, Emily não possuía admiradores para encorajar de maneira tão apaixonada. E apesar de não se considerar sem atrativos, suspeitava que houvesse algumas coisas que até mesmo o leal Hendricks não faria para manter o status quo.

E se Adrian quisesse que ela continuasse fiel, então era melhor que voltasse para casa, pelo menos por tempo suficiente para provar sua boa saúde, se não sua virilidade. Emily não ouvia uma palavra sobre ele há quase um ano. Embora os criados jurassem que o tinham visto, faziam isso com o tipo de expressão preocupada que lhe dizia que alguma coisa estava errada. E alegavam a mesma coisa que Hendricks, que não precisava ir a Londres para ver aquilo pessoalmente. Na verdade, aquela seria a pior coisa que Emily poderia fazer.

O motivo era uma mulher, suspeitava. Estavam tentando protegê-la do fato de que seu marido estava vivendo em bases permanentes com outra pessoa. Estava disposto a abandonar a própria esposa e a chance de uma família por uma amante e uma fila de bastardos.

Pensou que estava sendo ridícula, assim como muito dramática. A maioria dos homens tinha casos de um tipo ou outro, e esposas contentes em ignorar tais arranjos. Mas conforme os meses se transformavam em anos, e Adrian não lhe dava a menor atenção, ficava cada vez mais difícil fingir que não se importava.

No momento, suas preocupações eram menores em relação ao que ele poderia ter feito, e maiores quanto ao que não fizera. Embora fosse difícil ser objeto de tanta rejeição, tornara-se insustentável quando isso prejudicava sua habilidade de permanecer na própria casa. Depois de três anos morando ali, Emily passara a pensar na Mansão Folbroke como sua por direito. E se o tolo com quem se casara fosse declarado morto porque não podia se incomodar de aparecer, teria de entregar a fazenda ao imbecil do Rupert.

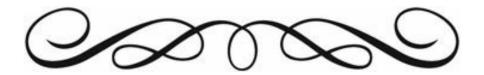
Isso resultaria em inconveniência e incômodo para todos os envolvidos.

Emily olhou a escrivaninha no canto, e pensou em escrever uma carta séria sobre o assunto. Mas a questão era muito urgente e pessoal para arriscar expô-la aos olhos de outras pessoas. Se, como imaginava, Hendricks lesse todas as correspondências do conde, Emily não queria que soubesse que ela recorrera a uma carta para requisitar congresso sexual.

E seria ainda mais embaraçoso se a resposta chegasse pela mão de outra pessoa, ou se não viesse em absoluto. Ou pior ainda, se fosse negativa.

Considerando todas as coisas, seria melhor fazer uma aparição súbita em Londres, acampar do lado de fora dos aposentos de Adrian, e esperar pelo seu retorno. Uma vez que os criados vissem que sua intenção era séria, aceitariam sua demanda perfeitamente lógica por uma audiência com o próprio marido. Quando Emily o visse, diria que teria duas opções: providenciar para que ela tivesse um bebê, ou informar ao odioso Rupert que ainda estava vivo, de modo que o homem a deixasse em paz.

Então, poderiam voltar à situação atual e levar vidas separadas. E poderia fingir que ela não existia, como tão claramente desejava fazer.

Capítulo Dois

PELA PRIMEIRA vez em anos, Emily estava na mesma cidade que Adrian Longesley. A poucos quilômetros de distância... possivelmente até menos. Mesmo agora, talvez ele estivesse em casa, atrás da porta fechada, bem à sua frente..

Lutou contra a onda de terror que essa perspectiva lhe despertou, abrindo a mão contra o vidro respingado de chuva da janela da carruagem, desejando que estivesse tão fria como aquela janela. A proximidade com Adrian era algo palpável, como um puxão num barbante amarrado a alguma coisa vital em seu interior. Apesar de ter sentido isso a maior parte da vida, aprendera a ignorar isso. Mas a sensação se tornou mais forte quando a carruagem chegou aos arredores de Londres, um aperto horrível no peito, como se não pudesse levar muito ar aos pulmões.

Com aquela falta de fôlego, viria a fraqueza da voz, o tom baixinho e a tendência a desafinar. E, pior de tudo, isso a impediria de falar com ele. Quando tentasse, gaguejaria, iria se repetir ou faria pausas inapropriadas no meio de um pensamento, apenas para tagarelar em seguida, atropelando as palavras. Mesmo que conseguisse ficar silenciosa, haveria rubor, e a inabilidade de encontrar os olhos de Adrian.

E uma vez que estava certa de que ele não sentia aquele elo mágico entre os dois, seu comportamento o irritaria. Adrian a acharia uma tola, como acontecera desde o primeiro momento em que tinham se casado. Ele a dispensaria novamente, antes que ela pudesse se explicar.

Ao lidar com Adrian, achava muito mais fácil comunicar-se através da escrita. Quando tinha tempo de ordenar os pensamentos, e a habilidade de jogar quaisquer começos mal elaborados no fogo, não havia problema em expor seu ponto.

E nesse aspecto, era o extremo oposto do marido. Fora claro o bastante, quando se dera ao trabalho de lhe falar. Mas as poucas cartas que Emily recebera, tinham sido resumidas, cheias de

palavras rabiscadas, numa letra tão rudimentar que era praticamente ilegível. Suspeitava que a bebida causava aquilo. Embora fáceis de decifrar, as últimas cartas chegaram com um breve preâmbulo, explicando que o conde estava indisposto e ditara o conteúdo a Hendricks.

Emily olhou seu reflexo no vidro molhado. A aparência melhorara com a idade. A pele estava mais clara, os cabelos mais vistosos. Apesar da vida no campo, sempre se vestia de acordo com a última moda. Embora nunca tivesse sido uma garota bonita, considerava-se uma mulher elegante. E mesmo que não concordasse com aquilo, sentia-se lisonjeada quando outras pessoas usavam a palavra *bonita* para descrevê-la. Pessoas também lhe diziam que sua companhia era charmosa e a conversa, inteligente.

Mas para o único homem que sempre quisera impressionar, não conseguia se comportar diferente da irmãzinha inoportuna de David Eston. Estava certa de que era apenas por lealdade ao amigo e à família que Adrian estivera disposto a se unir a uma criatura tão enfadonha e sem graça.

Diante dela, a própria imagem se dissolveu quando o cocheiro abriu a porta e baixou o degrau, segurando um guarda-chuva sobre a cabeça de Emily, conduzindo-a à entrada da casa.

A porta se abriu e o mordomo de seu marido a cumprimentou, boquiaberto e ofegante.

– Minha *lady* Folbroke.

– Não é necessário me anunciar, Abbott. Se puder encontrar alguém para pegar minha capa, ficarei à vontade no salão.

Quando nenhum lacaio apareceu para ajudá-la, desfez o laço no pescoço e deu um passo à frente, deixando a capa deslizar de seus ombros.

Abbott se aproximou rapidamente, pegando a capa antes que caísse.

– É claro, minha *lady.* Mas meu lorde Folbroke...

– Não está me esperando – terminou por ele.

No fim do hall de entrada, o secretário de seu marido apareceu, fitou-a, e então olhou para trás, como se desejasse sumir, feito um coelho ao encontrar a raposa.

– Olá, Hendricks. – Sorriu de uma maneira que era tanto calorosa quanto firme, e passou pelo mordomo, aproximando-se de Hendricks.

– *Lady* Folbroke. – Parecia apavorado ao vê-la, e repetiu: – Não era esperada.

– É claro que não. Se meu querido Adrian soubesse de minha chegada, estaria caçando na Escócia. Ou no continente. Em qualquer lugar que não fosse em Londres, comigo. – Tentou dar uma risada leve para mostrar como aquilo não era importante, e fracassou terrivelmente. Ignorou o estranho nó na boca do estômago e a dor em seu peito, que resultavam do reconhecimento de que não era realmente desejada ali.

O secretário teve a cortesia de parecer envergonhado por aquilo, mas não se esforçou para negar as palavras dela.

– Suponho que seja demais esperar que ele esteja aqui no momento.

– Não, minha *lady.* Está fora.

– Essa é a mesma história que contou ao primo dele, Rupert, que vem me atormentando infinitamente com o assunto do paradeiro de Adrian. Não aguento mais isso, Hendricks. – Emily parou para respirar, pois, embora seu tom de voz tivesse volume suficiente, não queria que se tornasse agudo. Então continuou: – Meu marido deve aceitar que, se não pode lidar com o herdeiro, terá de lidar comigo. É injusto da parte dele nos evitar. E, embora esteja disposta a

assumir a responsabilidade sobre a fazenda, arrendatários, colheitas e diversos rebanhos, enquanto ele anda a esmo pela cidade, o fardo adicional de Rupert é simplesmente demais, Hendricks.

– Entendo, *lady* Folbroke. – A expressão assustada tinha sido substituída por uma cortesia neutra, como se esperasse que seu silêncio calasse as perguntas de Emily.

– Meu marido ainda está na cidade? – Ela enviou-lhe um olhar crítico.

Contorceu-se e assentiu com um gesto da cabeça.

Ela acenou em resposta.

– E quanto tempo pode demorar até que retorne?

O secretário deu de ombros.

– Honestamente, Hendricks. Sabe mais do que diz, tenho certeza. Tudo que peço é uma simples resposta. Pretendo esperar o tempo que for necessário, de qualquer forma. Mas seria bom saber se devo pedir uma refeição leve, ou mandar buscar minha bagagem e me preparar para uma longa estadia.

– Não sei, *lady* Folbroke. – O tom de desespero contido na declaração quase a fez acreditar no homem.

– Certamente, deve informá-lo de seus planos quando ele sai.

– Quando meu lorde se incomoda de fazê-los – disse o mordomo, revelando uma amargura que combinava com franqueza. – Se faz planos, raramente os cumpre. Às vezes, desaparece por horas. Outras vezes, por dias.

– Então deve ter aposentos em algum outro lugar.

– Pode ser verdade. Mas não sei onde, pois nunca os visitei. E quando retorna... – Hendricks meneou a cabeça, claramente preocupado.

– Suponho que esteja embriagado. – Deu um suspiro em desgosto. Já desconfiava daquilo, mas a confirmação não fez nada para melhorar seu humor.

– Se isso fosse tudo... Ele está... – Hendricks esforçou-se para encontrar uma frase que não entregasse uma confidência. – Ele não está bem. Não está saudável, minha *lady.* Duvido que coma. Ou durma. Quando consegue chegar depois de uma dessas excursões, dorme dias seguidos. Temo que meu lorde cause sérios danos a si mesmo por autonegligência.

– O pai dele tinha aproximadamente a mesma idade quando morreu, não tinha?

– Sim, minha *lady.* Um acidente a cavalo.

Aquilo foi colocado de maneira gentil, como tudo que Hendricks falava. O homem era um mestre em atenuar situações através de palavras suaves. Mas Emily se recordava bem das circunstâncias, uma vez que a gravidade dos ferimentos do falecido conde tinha sido o assunto principal da vizinhança. O pai de Adrian costumava beber muito e cavalgar através das matas, dando saltos que outros cavalheiros sóbrios não teriam arriscado. A queda matara homem e cavalo de um modo que não havia sido rápido nem indolor.

O irmão de Emily não comentara nada sobre a reação de seu amigo quando o acidente ocorrera. Mas podia lembrar claramente da profunda tristeza do jovem na fazenda vizinha, e de como aquilo a assustara tanto quanto intrigara.

– Talvez esteja mentalmente perturbado por este fato. Mais uma razão para que eu fique aqui e ponha um ponto final nisso.

Hendricks pareceu inseguro e esperançoso ao mesmo tempo, como se não pudesse decidir a

quem deveria ser leal.

– Chame o cocheiro que o levou quando partiu, de modo que possamos descobrir seu destino. Se pudermos descobrir os lugares que normalmente frequenta, então o procurarei até encontrá-lo.

– Não pode fazer isso. – Hendricks inclinou-se para frente, e, pela expressão claramente alarmada do homem taciturno, soube que a situação deveria ser séria.

– Farei isso, de qualquer maneira.

O homem observou-a nos olhos, como se para avaliar a certeza de sua decisão. Então suspirou.

– Eu a acompanharei.

– Não é necessário.

Hendricks endireitou os ombros, tentando parecer formidável.

– Sinto muito, *lady* Folbroke, mas devo insistir. Se continuar com esta atitude desaconselhável, então não posso permitir que faça isso sozinha.

– E quem lhe dá o direito de me questionar?

– O próprio lorde Folbroke. Foi bem claro comigo com instruções em relação a você. Devo auxiliá-la de todas as maneiras, confiar no seu julgamento e lhe obedecer, como faria com ele. Todavia, em primeiro lugar, quer que a mantenha longe do perigo.

Aquilo a pegou de surpresa. Depois de um ano de silêncio da parte de Adrian, nunca ocorrera a Emily que seu marido pudesse pensar nela por um momento que fosse. E muito menos por um período suficientemente longo para se importar com sua segurança.

– Adrian se preocupa comigo?

– É claro, minha *lady.* Ele pergunta sobre você toda vez que volto de Derbyshire. Normalmente, asseguro a meu lorde que não haja motivo para preocupação. Mas neste caso... – Ele balançou a cabeça.

Emily reprimiu o sentimento momentâneo de afeição diante da imagem de Adrian perguntando por ela.

– Se meu bem-estar é seu desejo mais importante, talvez possa compartilhar isso comigo. Ou poderia ficar longe de lugares decadentes. Então, não precisaria procurá-lo em locais onde não quer que eu vá.

Hendricks franzia o cenho diante da lógica da declaração de Emily, tentando encontrar uma incoerência ali, então ela não lhe deu mais tempo. Voltou-se para o mordomo.

– Abbott, mande trazer a carruagem, sr. Hendricks e eu sairemos. Vamos voltar com lorde Folbroke.

Olhou para Hendricks.

– Goste o lorde ou não.

– TEM CERTEZA de que é este o lugar? – A construção diante de Emily dava todas as indicações de ser exatamente o que era: um buraco abominável, muito inferior ao prostíbulo da alta sociedade que esperava.

– Sim, minha *lady* – disse Hendricks com um sorriso triste. – Ultimamente, os servos o trazem para cá. Ele acha seu próprio caminho de volta.

Ela suspirou. Havia uma placa balançando acima da porta, com a pintura de uma mulher de

pouca virtude, e roupas ainda mais limitadas.

– Isso aqui é um bordel? – Emily espiou pelas vidraças sujas à frente, tentando não demonstrar a curiosidade que sentia.

– Não, minha *lady.* Uma taverna.

– Entendo. – O lugar não se parecia nem um pouco com as tavernas ou hospedarias conservadoras do vilarejo deles. Mas, com certeza, as coisas eram diferentes em Londres. – Muito bem, então. Espere na carruagem.

– Certamente não farei isso. – Levou um momento antes que o secretário percebesse que ultrapassara completamente os limites em seus esforços para protegê-la. Então, acrescentou com mais suavidade: – Já entrei em lugares como este, e vi a sua clientela. É um lugar perigoso para lorde Folbroke, e mais ainda para uma mulher sozinha.

– Não pretendo ficar tempo suficiente para correr riscos. Se Adrian estiver lá, pensará o mesmo que você, e apesar de ter escolhido o lugar para seu próprio entretenimento, será forçado a me escoltar para fora. – Emily ergueu o queixo da maneira que fazia para informar os servos de Derbyshire que não tolerava mais tolices, e viu o secretário fraquejar.

– Se encontrá-lo, talvez não esteja disposto a sair. – Mais uma vez, houve uma breve pausa, enquanto procurava uma saída para as ordens dela. – Talvez precise de minha ajuda.

Aquilo era verdade. Não tinha razão para acreditar que seu marido ouviria suas súplicas, se não respondera sua correspondência.

– Levaria-o à força, se necessário?

Hendricks fez uma nova pausa. Ficar do lado dela na presença do lorde seria quase como uma rebelião. Havia sido soldado de Adrian no exército, e sua absoluta lealdade em relação a um oficial superior equiparava-se à sua dedicação a um amigo e empregador. Mas então confessou, como se não quisesse compartilhar aquilo:

– Se a instrução viesse de você, e fosse para o próprio bem de meu lorde, então eu a cumpriria. Há motivos para o comportamento excêntrico dele que logo entenderá. Mas se não é mais capaz de agir em seu próprio bem, então alguém precisa fazer isso por ele.

Emily tocou o ombro de Hendricks para tranquilizá-lo.

– Não tema por sua posição. Prometo que nada de ruim lhe acontecerá por fazer a coisa certa. Mas devemos combinar tudo antes de começarmos. Pedirei que Adrian volte para casa. E se não sair daqui comigo, deve me ajudar a removê-lo.

– Muito bem. – Ele assentiu. – Vamos fazer isso rapidamente, agora que estamos decididos. A situação não pode continuar como está por mais tempo.

Entraram juntos, Hendricks perto do ombro dela. E Emily deu um passo atrás quando absorveu a cena diante de si. O som de pessoas bêbadas a atingiu primeiro: risadas, brigas e música vulgar. E depois o cheiro... de urina e vômito, adicionados à fumaça vinda de uma chaminé bloqueada, e carne queimada para tornar o ambiente ainda mais desagradável. Esperara encontrar Adrian em alguma casa de jogo, onde homens apostavam valores altos e mulheres não eram *ladies.* Ou talvez num bordel, onde o jogo era de uma forma totalmente distinta. Mas tinha assumido que esses seriam os locais que lordes frequentavam quando queriam se divertir longe dos círculos sociais mais restritos.

Não havia sinal nem mesmo dos membros mais baixos do grupo social deles. Aquele era um lugar abominável, repleto de homens ainda mais abomináveis, que iam lá para apreciar seus

vícios, sem preocupação com a lei de Deus ou dos homens.

Hendricks tocou-lhe o ombro.

– Vamos pegar uma mesa no canto, afastada desta gentalha. E perguntarei sobre Adrian para você. – Conduziu-a para o canto, e uma garçonete, com expressão desdenhosa, levou duas canecas à mesa. Emily olhou para a sua, a fim de ver o que continha. Sentiu cheiro de zimbro.

Hendricks pôs uma das mãos no copo de Emily.

– A potência do gim não compensará a sujeira da louça. – Jogou uma moeda sobre a mesa. Quando a garçonete ia pegar, segurou-a pelo pulso. – O conde de Folbroke. Você conhece? Está aqui? – A garota meneou a cabeça, mas ele não a libertou. – Conhece Adrian Longesley?

– Addy? – Assentiu com um único movimento da cabeça, e Hendricks a soltou, mas sua ação tinha chamado atenção de outros.

Os homens que se levantaram da mesa mais próxima eram brutamontes, procurando qualquer razão para brigar.

– Ei, estranho. Tem sua própria bonequinha, não é? – O homem que falou deu a Emily um sorriso desdentado.

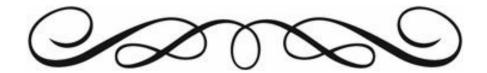
– Sim – disse outro. – Se quer compartilhar nossa Molly, então deve compartilhar sua boneca também. – Atrás dela, um homem se inclinou mais perto, e ela afastou a cadeira.

– Agora, olhe aqui. – O olhar de Hendricks era feroz, e os ombros largos. Embora o considerasse tímido quando comparado a Adrian, fora capitão no exército, e Emily não tinha dúvidas de que usaria habilidades consideráveis para defender a honra dela. Mas com tantos homens contra um, duvidava que sua força lhes trouxesse algum bem.

E como temia, assim que Hendricks começou a se levantar, um soco no maxilar o enviou de volta à cadeira.

Emily soltou um gritinho de alarme quando um dos homens perto da mesa estendeu o braço para tocá-la. Aquele fora um erro terrível. O lugar era horrível, os homens horríveis, e o que provavelmente iria acontecer agora seria por sua própria estupidez. Mesmo que o marido estivesse lá, duvidava que quisesse vê-lo. Se Adrian fizesse parte daquela multidão que a rodeava, chegara a um estágio em que não poderia mais ser redimido.

E então, quando deu outro grito, uma mão se inseriu entre os corpos que rodeavam a cadeira, agarrou-lhe o braço e a puxou para frente, até que Emily colidisse com o peito largo de seu salvador.

Capítulo Três

— NÃO VEEM que ela não deseja a companhia de vocês? – Uma bengala com cabo de prata foi arremessada, atingindo um homem na cabeça e outro na mão. Emitiram gritos de dor, enquanto outros riam de seu sofrimento.

Aliviada, Emily abraçou a cintura do homem que a segurava, para não desmaiar. Reconheceu a voz de seu marido, e se sentiu feliz por estar perto dele, mais do que se sentira em qualquer momento desde o dia em que se casaram.

– E acha que ela quer você, em vez disso? – um homem falou. Houve um coro de risos ao redor do salão.

– Como poderia não querer? – respondeu Adrian. – Sou o único cavalheiro aqui.

Novas risadas em resposta.

– É claramente uma *lady* de gosto refinado, se teve o bom-senso de rejeitá-lo.

Aquilo causou mais gargalhadas, e Emily não sabia se as risadas eram dirigidas a Adrian, ou ao fato de ser chamada de *lady*.

Houve uma pausa, e se perguntou se pretendia responder aos insultos dirigidos a ela com mais do que brincadeiras. Então virou-a de frente para ele.

Mudara, é claro, mas não a ponto de se tornar irreconhecível. O casaco de Adrian era de boa qualidade, mas estava sujo e rasgado. O cachecol, manchado, e os cabelos castanhos-escuros precisavam ser penteados. Mas ainda possuía incríveis olhos azuis, embora não se fixassem no seu rosto naquele momento. E havia o sorriso travesso que compartilhava com outras mulheres mais vezes do que com ela. O corpo era tão forte e sólido como sempre fora, tão musculoso que Emily sentiu que encolhia quando a abraçou com mais força. Experimentou o medo de ser esmagada, ao mesmo tempo em que se sentiu protegida.

Podia sentir sua coragem desaparecer, agora que Adrian estava tão perto, e o desejo crescente

de se fundir a ele, de mergulhar no calor daquele corpo maravilhoso. Tudo ao redor não importava. Estava com ele. Ficaria bem.

E então a beijou. Na boca.

A ação inesperada deixou-a chocada. Esperara um cumprimento frio, e a costumeira expressão distante dele, como se, mesmo enquanto dizia *olá*, pensasse em maneiras de dizer *adeus*.

Mas a beijava. Estavam realmente se beijando. E era como nada que já experimentara antes. Adrian cheirava a gim e tabaco, assim como a suor, e o rosto não via uma lâmina de barbear havia dias. O beijo era como um ataque a seus sentidos: uma estranha combinação agradável e desagradável. Alegre. Devasso.

Os beijos que lhe dera no passado não tinham sido memoráveis, mas sim reservados. Sem sabor e textura. E por mais que Emily quisesse sentir de outra forma, não gostara muito deles. Havia sido tão cuidadoso para não ofendê-la que também não poderia ter apreciado tais beijos. Mesmo na consumação do casamento, mantivera-se distante, não se permitindo perder o autocontrole.

Mas hoje, numa taverna lotada, sem pedir autorização e sem se preocupar com os homens que os viam, devorava-lhe a boca como se fosse uma fruta deliciosa e rara, emitindo um gemido quase silencioso de satisfação. Adrian segurou-lhe as nádegas e deslizou uma perna entre as coxas abertas de Emily, pressionando-a ali, para se certificar de que a abalara até o âmago.

E por um momento, esqueceu a raiva e o medo em relação a ele. Todos os sentimentos de mágoa e traição desapareceram, com a timidez que sentia quando estava ao seu lado. Depois de todo aquele tempo, tinha decidido que o amava. Que o queria. E se pudesse tê-lo de volta, tudo ficaria bem.

Então Adrian afastou-se e sussurrou em seu ouvido:

– Pronto, meu amor. Não há nada a temer. Vamos esquecer estes patifes. Venha se sentar no meu colo.

– Como? – Todos os pensamentos felizes congelaram na cabeça de Emily, e a lógica voltou a reinar. O pedido era estranho, e feito de um modo que mostrava uma estranha falta de sentimento por seu amigo e secretário, Hendricks, que voltava à consciência na cadeira à frente de Adrian.

Adrian deu-lhe outro abraço e um beijo breve nos lábios para tentar convencê-la.

– Pode me ajudar com as cartas esta noite. Haverá uma moeda de ouro de vinte xelins à espera, se for boazinha. – Disse aquilo como se falasse com uma estranha. Não havia traço de reconhecimento na voz dele. Nenhuma indicação de que era uma brincadeira, ou de que tentava protegê-la dos rufiões, escondendo sua identidade.

Adrian estava tão bêbado que não a reconhecia?

– Ajudá-lo com suas cartas? – disse ela. A última névoa de desejo desapareceu de sua mente. Se não a reconhecia como esposa, então quem achava que beijara? – Acho que conseguiria jogar sem minha ajuda, como faz normalmente, meu lorde.

Adrian não pareceu registrar censura na voz dela.

– Ficaria surpresa, minha querida. – Ele sussurrava em seu ouvido. – Parece que preciso de mais ajuda a cada dia – acrescentou, beijando-lhe a lateral da cabeça, como se para confirmar aos outros que estava falando palavras carinhosas, então disse em tom de voz mais alto: – Uma vez que seremos amigos, pode me chamar de Adrian. – E então a puxou para longe da multidão,

tropeçando numa mesa de jogo do outro lado do salão.

Emily lutou contra ele, tentando recuperar o fôlego para argumentar que aquele comportamento era um insulto pior do que qualquer outro que já sofrera. Mas ele a conduziu com facilidade e se sentou numa cadeira, com as costas para a parede, puxando-a para seu colo. E durante o tempo inteiro, continuou beijando seu rosto e a lateral do pescoço, como se não pudesse ter o bastante do contato.

A sensação daqueles lábios quentes na pele de Emily, fez sua raiva parecer distante e sem sentido. Se não podia superar aquele súbito desejo de tocá-la, então por que ela deveria? O corpo de Adrian a reconhecia, mesmo que a mente não pudesse. Arqueou as costas e pressionou o rosto nos lábios dele, pensando que, embora tivessem diferenças a acertar, certamente aquilo poderia esperar mais um pouco...

E então ele sussurrou em voz calma, não afetada por sua proximidade:

– Distribuirão cartas para mim, e deve ler os números em meu ouvido. Finja que isso é mera afeição, como acabei de fazer com você. Ajude-me a descobrir as que estão no jogo. E, como prometido, terá a moeda de ouro de vinte xelins.

– Fingir? – Aquilo era tudo que queria?

– Psiu – sussurrou, os lábios ainda no queixo de Emily. – Um guinéu então, que vale 21 xelins.

A raiva de Emily retornou. Não era nada além do que acreditara que fosse: um bêbado condenado que não pensava em nada a não se em seu próprio prazer. E era uma tola que não podia realizar as fantasias que projetara no marido, independentemente de quantas vezes lhe mostrasse sua verdadeira face.

Com a raiva, veio a curiosidade. Ainda não a reconhecera. Mas parecia que a sedução de Adrian era uma farsa para a estranha que pensava ter nas mãos. Ele parecia se importar mais com as cartas do que com os beijos. E se fosse verdade, suas ações não faziam o menor sentido para Emily. Então fez o que ele pedira, esperando que o motivo fosse esclarecido com o tempo. Segurou-a bem perto quando recebeu as cartas, e ela sussurrou os números das cartas em seu ouvido.

Observou os homens do outro lado da mesa, certa de que deveriam fazer alguma ideia do que acontecia, pois não paravam de encará-la enquanto seguravam as próprias cartas com firmeza, como se temessem que pudesse tentar ver o que escondia atrás das mãos.

Mas seu marido pareceu não notar o fato, não se importar com as cartas dos outros. Adrian recebia cada uma das cartas com um sorriso vazio e inexpressivo, a cabeça inclinada para um dos lados, de modo que pudesse se concentrar nas palavras que ela sussurrava em seu ouvido.

Conforme observava, Emily começou a suspeitar de que não era o sorriso dele que estava frio. Era a expressão em seus olhos. Não olhava para ela, ou para as cartas à frente... nem mesmo para os homens do outro lado da mesa. Era como se estivesse mirando, através do espaço ao redor, um pouco para a esquerda, em direção a algum ponto perto do chão, esperando que uma porta invisível se abrisse para revelar um lugar inteiramente diferente. Estava bêbado ou algo muito pior?

Apesar do comportamento estranho, sua mente ainda funcionava com astúcia. Depois das simples informações repassadas, não teve problemas em manter o jogo certo na mão, nem com as apostas e pontos. Ganhou mais do que perdeu. E então correu as mãos sobre os ganhos

amontoados à frente, consciente de qualquer tipo de trapaça que pudesse vir da lateral da mesa, pegando sua bengala e batendo-a no chão para enfatizar desaprovação, se o que encontrasse não fosse de seu agrado.

Ela viu o olhar cauteloso que os homens ao redor deram à bengala com seu cabo de prata, e a velocidade com a qual puseram um fim em qualquer brincadeira quando a alcançou. Pareciam ver a bengala e seu marido, não com medo, mas uma espécie de respeito, como se a experiência lhes ensinasse que não era um oponente fácil de ser batido.

Após um instante, pareceu cansado do jogo, movendo-a em seu colo, como se estivesse irrequieto.

– Basta, cavalheiros – disse com um sorriso, puxando o dinheiro diante de si para a ponta da mesa, e para dentro de uma carteira que removeu do casaco. Deu um bocejo teatral e, virando a cabeça para Emily novamente, murmurou: – Vou me recolher pela noite. – E então: – Se for gentil em me acompanhar, darei a moeda que prometi.

Guardou a carteira e segurou a cintura dela, antes de subir a mão e acariciar a lateral do seio sob o tecido do vestido.

Deixou escapar um gritinho, embaraçada pela ousadia do marido, e deu um tapa em seus dedos.

– Por favor, não faça isso.

Os homens ao redor riram, e Emily manteve os olhos fixos na mesa, não querendo ver o que Hendricks pensava daquela afronta pública em relação à sua pessoa.

Também não queria que visse o rubor de excitação no seu rosto. Apesar de não querer sentir nada decorrente daquele gesto, o toque de seu marido a excitava. Talvez fosse melhor que não a reconhecesse. Do contrário, teria se erguido, falado educadamente e segurado-a pelo braço, em vez de pela cintura. Então a mandaria de volta ao campo, de modo que a presença dela em Londres não estragasse sua diversão.

Em vez disso, podia sentir a ereção dele sob seu traseiro, e o jeito como sua recusa o excitara mais ainda. Adrian enterrou o rosto na curva de seu pescoço, inalando profundamente e lambendo a clavícula de Emily.

– Não posso evitar minha reação. Seu cheiro é tão maravilhoso.

– Mas o seu não é. – Emily afastou o rosto de sua pele, sentando-se mais ereta, zangada tanto pela fraqueza dele quanto pela sua.

Adrian soltou uma gargalhada, e foi uma risada honesta, como se não esperasse ser comparado a uma mulher imoral. Cheirou o próprio casaco, como se avaliasse a situação.

– Uma vez que me livre destas roupas, descobrirá que não sou tão ruim.

Apesar de duvidar do fato, ela assentiu com um gesto da cabeça. Seria melhor conter seu temperamento por um tempo, pois muita coisa precisava ser dita, e não desejava que isso fosse feito na frente daquela audiência grotesca. Se conseguisse fazer com que Adrian saísse de lá de livre e espontânea vontade, realizaria seu objetivo, e quando revelações fossem feitas, seria mais fácil para ambos.

Inclinou a cabeça para o lado, não reconhecendo sua concordância, então ela disse:

– É claro, Adrian. Lidere o caminho.

Empurrou o traseiro de Emily e a tirou do colo, então se levantou e pegou a bengala. Ela notou que não se inclinava na bengala para se apoiar, como um mero ornamento. Em vez disso,

usou-a para separar a multidão ao redor da mesa, batendo preguiçosamente no chão enquanto andava. E em vez de ir em direção à porta da frente e para fora, andou mais para o fundo da taverna, em direção a uma escada no final do salão.

Emily puxou-lhe a manga e falou com dentes cerrados:

– Meu lorde, não gostaria de sair deste lugar?

Segurou-a e puxou pelo braço.

– Tenho espaço aqui. É mais fácil, depois de uma longa noite de jogo. – Beijou-a novamente, um beijo longo e profundo, até que a mente dela ficou em branco. – E muito mais perto. – Quando alcançaram os degraus, segurou o corrimão, protegendo-lhe o corpo entre o seu próprio e a parede. No momento em que começaram a subir, Emily se virou para Hendricks, que ainda estava sentado perto da porta, dando-lhe um olhar indefeso, e esperando que tivesse alguma sabedoria ou explicação a oferecer.

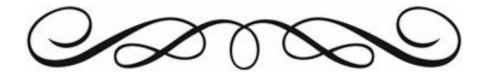
Mas ele respondeu dando de ombros, como se dissesse que aquele plano era seu, não dela. Hendricks esperaria ordens de Emily para decidir o que fazer depois.

Então meneou a cabeça e ergueu uma mão para indicar que ele deveria ficar onde estava, esperando que entendesse que pretendia segui-lo, pelo menos por enquanto. Não fazia sentido revelar sua identidade diante daquelas pessoas. Já seria embaraçoso o bastante quando estivessem sozinhos.

Foi então que Emily viu um corpo surgindo da multidão logo abaixo, correndo para a escada. Um perdedor furioso da mesa esperara até que ele estivesse de costas, e os perseguia, erguendo ameaçadoramente um braço.

Seu marido inclinou a cabeça para o lado ao som dos passos apressados vindos de trás, e, sem uma palavra, trocou a bengala de mão, virou-se e golpeou a cabeça do adversário. Ainda com a bengala, empurrou o homem, fazendo-o perder o equilíbrio e rolar escada abaixo.

– Idiota – murmurou Adrian. – Jogarei cartas em outro lugar, se é o que desejam. O que pensaram que conseguiriam com isso não faço ideia. Este homem deveria saber muito bem que sou cego, não surdo.

Capítulo Quatro

– CEGO? – NÃO deveria ter ficado surpresa, visto que os sinais eram óbvios... não conseguira ler as cartas em sua mão, nem reconhecer a própria esposa, embora ela tivesse se sentado em seu colo.

Adrian sorriu, não parecendo nem um pouco incomodado com aquilo.

– Não totalmente. Não ainda, pelo menos. Posso ver formas. E luz e escuridão. E o bastante de você para saber que é uma companhia muito mais atraente do que o imbecil que acabei de jogar escada abaixo. Mas infelizmente, ler cartas está além de minha capacidade.

– Mas como?

– É uma criatura curiosa, não é? – Subiu o resto dos degraus com ela, abrindo a porta no topo da escada e a conduziu por um corredor escuro. – É uma condição familiar, agravada por um ferimento de guerra. Houve uma explosão, e eu estava muito perto. Sem isso, poderia ter durado muito tempo com estes velhos olhos cansados. Uma vida inteira, talvez. Ou não. Nem todos os homens da minha família têm o problema. Entendo que pode levar algum tempo antes que o mundo comece a escurecer.

– Mas nunca soube disso. – E a família de Adrian vivia ao lado da sua por gerações.

– Da existência de cegueira hereditária? – Ele sorriu, e se virou subitamente, empurrando-a contra a parede e prendendo as mãos dela acima da cabeça com a bengala cor de ébano. Então, beijou-a de novo, de maneira mais ardente do que já beijara em qualquer momento durante o breve tempo que tinham passado juntos. Os lábios de Adrian estavam em sua boca, em seu rosto, em seu queixo e em seu pescoço. E Emily experimentou a deliciosa perda de controle que sentira quando a beijara no andar de baixo, quando nada havia importado, exceto o momento que compartilhavam. Inclinou-se para ela, de modo que pudesse lamber e mordiscar o topo de seus seios, que estavam expostos acima do decote do vestido. Como se não pudesse esperar nem mais

um momento para desnudá-los, e tomar os mamilos entre seus lábios. Emily gemeu frustrada, arqueando as costas, lutando contra a madeira que a prendia e impedia de se doar a ele. Não importava que ele não pudesse ver quem beijava. Era Adrian, e a desejava. E, finalmente, iria se entregar a seu marido do jeito que sempre imaginara, que sempre sonhara.

Adrian movimentou os quadris, de modo que ela pudesse sentir o que aqueles beijos tinha provocado nele. E Emily sentiu seu próprio centro do prazer umedecer em resposta às lembranças daquela extensão rígida e da penetração bem-vinda, do desejo ofegante de ser possuída.

E então ele disse:

– O problema são apenas meus olhos. O resto de mim é bastante saudável, garanto. Uma vez que apagarmos as velas, perceberá que sou como qualquer outro homem.

Como qualquer outro homem?, para ela, nunca houvera outro. Mas o que acontecia com Adrian era tão comum que mal o afetava. Emily abriu os olhos e viu por sobre o ombro dele, ciente das redondezas decadentes, lembrando-se do motivo pelo qual tinha ido procurá-lo. Tratara-a de maneira abominável desde o dia em que tinham se casado. E agora, após alguns beijos, esquecera tudo aquilo, e estava disposta a ser usada num corredor público como uma das prostitutas de Adrian.

– Solte-me. Imediatamente. Liberte meus braços, seu idiota, ou vou gritar até que o teto caia. – Lutou contra os lábios dele, contra o corpo forte e a bengala que impedia o movimento de suas mãos.

Ele deu um passo atrás e abaixou a bengala, uma expressão levemente intrigada no rosto.

– Tem certeza? Há um quarto privado no final do corredor. A porta tranca e somente eu tenho a chave. Estaremos sozinhos, sem medo de interrupções. – Adrian pausou, então curvou os lábios num sorriso sedutor. – Posso lhe dar o guinéu que prometi. Há mais do que suficiente do jogo desta noite. Deveria saber, pois viu. Consigo distinguir bem o dinheiro, uma moeda da outra. – Apressou-se em garantir, como se assumindo que esse pudesse ser o problema. – São diferentes em peso e tamanho. E quanto ao resto? – Ele deu um passo à frente novamente. E quando ela não se afastou, Adrian abaixou a cabeça e começou a beijá-la mais uma vez, descendo lentamente a boca numa trilha por seu pescoço até o ombro. Então, moveu-se apenas o bastante para que os lábios não a tocassem, antes de falar e deixar que a respiração a provocasse: – Assegurei-me de que a dependência dos outros sentidos fez de mim um amante muito mais atento. Valorizo particularmente o toque nestes momentos, e o uso para ter uma boa vantagem. E também o paladar. – Lambeu-a com a ponta da língua, como se provasse o seu gosto.

Emily tremeu; podia jurar que sentira aquela única lambida no centro de seu corpo, fazendo-a imaginar que a beijava num lugar que era provavelmente muito impróprio. E perguntou-se: ficaria chocado se ela sugerisse uma coisa como aquela?

Ou ele fazia isso, e coisas piores? Tinha sido assegurado de suas proezas, não tinha? *Assegurado por quem?* Enterrou os dedos nos cabelos de Adrian, tentando afastá-lo, concentrando-se nos últimos três anos, na dúvida, na solidão, na raiva. Ficara cego aos poucos, desde o começo? Soube disso quando se casaram? Apressara-se para se casar com uma mulher tola que não percebia sua deficiência?

E o que vinha fazendo desde que a deixara?

Deu um pequeno gemido de dor pelo puxão em seus cabelos e levantou o rosto como se

quisesse olhá-la, mas a cabeça inclinada de lado disse a ela que não podia realmente enxergar.

– A moeda que ofereci ainda é sua, pelos serviços prestados à mesa de jogo. Mas agora que estamos aqui em cima... – ele deu de ombros. – Se acha que isso não é suficiente, estou aberto para discutir o assunto.

Ela fechou o punho e o socou perto da orelha.

– Não sou prostituta, seu bêbado. E mesmo que fosse não me deitaria com você nem por todo dinheiro do mundo.

O soco não o intimidou nem um pouco. E os insultos despertaram-lhe o riso. Mas libertou-a com uma reverência.

– Então peço perdão por meu erro, embora dificilmente possa ser culpado por isso. Se não é prostituta, então o que faz num lugar como este?

Era uma pergunta lógica, e Emily não sabia responder. Finalmente, disse:

– Procurava uma pessoa. – Olhou-o, querendo que a reconhecesse. – Meu marido.

– E posso presumir que, uma vez que está aqui, sozinha comigo, que não o encontrou?

– Não, eu não o encontrei. – Porque o homem diante dela, embora tivesse a mesma aparência física, era muito diferente daquele com quem acreditara ter se casado. Um pouco de sua raiva deu lugar a desapontamento. E então, sentiu o calor crescente da vergonha. Se Adrian já estava se divertindo, o quanto riria ao perceber que desperdiçara beijos com a própria esposa?

– Deveria ter reconhecido que é uma *lady* educada pelo seu tom de voz. – Ele suspirou, e bateu na testa com o cabo da bengala. – Talvez o gim tenha finalmente entorpecido meu cérebro. Mas quando subiu aqui comigo, tive a impressão... – Adrian pigarreou e sorriu, permitindo que ela deduzisse o resto.

– Pode não ser capaz de enxergar seu jogo, mas tenho o infortúnio de dois bons olhos. Tolamente entrei num lugar que não era seguro para mim. Apareceu e me salvou, e pensei que, diferentemente dos outros homens daqui, se ficasse a sós com você, conseguiria uma conversa racional. O que faço agora. – Embora ele não pudesse apreciar o fato, Emily ajeitou os cabelos e as roupas, tentando apagar os sinais de seu comportamento anterior.

– Bem, esqueça o que presumi. – Pigarreou ele novamente. – Quanto menos falarmos disso, melhor. Estava errado e sinto muito se a ofendi. Se puder ser de alguma valia, por favor, diga-me. – Era como se, com algumas sentenças, quisesse recuperar sua honra e fingir que os últimos minutos não tinham ocorrido.

Não sabia se deveria ficar zangada ou impressionada pela transformação. Abaixo deles, podia ouvir os homens da taverna se tornando mais barulhentos, mais furiosos, e possivelmente mais perigosos. Talvez aquele fosse o melhor momento para dizer ao marido o que pensava do seu comportamento, e da rápida mudança de atitude sobre a questão da virtude dela.

– Se quiser me ajudar, então me tire daqui. Este é um lugar horrível, cheio de violência, de homens bêbados. Há alguma escada nos fundos que podemos usar para escapar?

Adrian meneou a cabeça.

– O único jeito de sair é voltando para o lugar de onde viemos.

– Permitiu que ficássemos presos aqui em cima? – Aquela certamente não era a estratégia militar inteligente que esperara de um ex-oficial do exército da realeza. – O que estava pensando para pegar um quarto aqui? Talvez consiga lutar com eles esta noite, mas, algum dia, os rufiões com quem joga o pegarão desprevenido e vão acabar com você.

Ele deu de ombros, e tateou para lhe acariciar o braço.

– É claro, minha querida. Tenho total consciência de que isso pode acontecer.

Viu que ela estava perplexa, então percebeu que sua expressão chocada era inútil como maneira de transmitir suas emoções.

– Então, por que está aqui?

– Porque logo o resto de minha visão desaparecerá, e não serei útil para o mundo. É melhor sair e fazer as coisas de que gosto do que pôr uma bala na cabeça ao primeiro sinal de problema. É assim que as coisas são na minha família. Meu pai morreu montado num cavalo. – Ele sorriu. – Ou caindo do cavalo, na verdade. Uma coluna quebrada e um corpo esmagado. Mas adorava cavalgar. E até o fim, fez extravagâncias que não podia mais num deles. Meu avô era franco-atirador. Até o dia em que errou o tiro, pelo menos. – Adrian sorriu, como se aquilo fosse algo a ser admirado. – Morto num duelo. Por causa de uma mulher, é claro.

E não era aquilo que sempre soubera sobre o marido e a família dele? Mas seu irmão a assegurara que Adrian era *extravagante como todos os Folbroke. Mas com um bom coração. Um coração muito bom.*

– E você?

– Sou um soldado – retrucou. – Acostumado a beber e jogar em companhia de homens brutos. E se a noite acaba em briga? Não há nada que goste mais. Quando as probabilidades são ruins, o sangue pulsa nas veias. – Pareceu crescer um pouco com o pensamento, como se estivesse se preparando para batalha.

– E agora, por causa de seu tolo desejo por autodestruição, acabarei minha noite à mercê da gangue que está lá embaixo.

Ele ficou imóvel, e então algo em sua atitude mudou, como se pudesse se livrar do estado de embriaguez com a mesma facilidade que se livraria de um casaco. E por um momento, no escuro, era o jovem energético que tinha ido à guerra, só para retornar e partir o coração dela. Então ele sorriu. Era o velho sorriso, também, sem a distorção de gim ou luxúria. Um sorriso corajoso. Lindo. E um pouco triste.

– Ainda não provei que sou capaz de cuidar de mim mesmo, assim como de você? Ou outra demonstração está sendo pedida?

Apesar de não poder ver, olhou-a com tanta intensidade que a dor no interior de Emily não pareceu importar. Havia alguma coisa naquele olhar e naquele sorriso que dizia que qualquer ação que ele pudesse tomar seria uma grande aventura, e que teria prazer em compartilhar tal aventura com ela. Isso fez o coração de Emily palpitar como antigamente, como antes de se casassem, e antes que ela descobrisse o erro que cometera.

– Talvez seja melhor se esperarmos dentro do quarto que mencionou, até que seja seguro partir. – Podia sentir sua coragem diminuindo novamente, e a voz se tornando fraca. A velha Emily hesitante retornava querendo conquistar seu marido sóbrio.

Ele riu.

– Ainda não fiz nada para ganhar tanta intimidade de sua parte, por mais prazerosa que a oferta seja. Mas se ficar bem atrás de mim enquanto descemos a escada, posso levá-la para a segurança. Segure-se na cauda de meu casaco e deixe minhas mãos livres, pois precisarei delas para lutar.

– Mas não pode enxergar – disse lastimosa.

– Não preciso enxergar. Conheço o caminho para fora da taverna. E pretendo atacar qualquer um que se colocar entre mim e a porta. Quem não quiser nos machucar terá o bom-senso de sair do caminho.

Emily não sabia o que responder àquilo, não tendo experiência com a situação de alguém precisando lutar para sair de uma taverna. Então pegou a cauda do casaco dele, e o seguiu de perto durante a descida da escada. Quando chegaram à metade, ela podia dizer, pelos sons logo abaixo, que a multidão se tornara mais violenta. Havia barulho de botas e punhos se chocando, e móveis quebrando.

Adrian fez uma pausa, ouvindo.

– O que vê à sua frente? Rápido, amor.

– Dois homens estão brigando perto de uma mesa à direita.

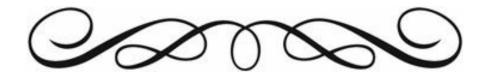
– Muito bom. – Continuou descendo, tocando a parede enquanto ia em direção à porta. Quando a briga se afastou da mesa para se colocar em seu caminho, Adrian atacou com a bengala, exatamente como dissera que faria. O primeiro golpe foi de relance, fazendo o homem na frente gritar e recuar.

Mas o segundo avançou, como se estivesse disposto a lutar tanto contra seu suposto inimigo, como contra qualquer um que se opusesse. Adrian estendeu a bengala rapidamente, enfiando sua ponta no estômago do homem.

O bêbado tentou vomitar, sem êxito, e então partiu para o ataque. Bateu a bengala na cabeça do homem com tanta força que, por um momento, Emily temeu que a madeira tivesse partido ao meio.

Ele pisou sobre o corpo caído, levando uma mão atrás para firmá-la. Mas a distração momentânea pela segurança dela foi o bastante para que o próprio Adrian se colocasse em perigo. Pelo canto do olho, Emily viu o flash de uma mão levantada, e o homem que se aproximara da escada antes atirar uma garrafa na direção deles.

Antes que pudesse avisar, tinha sido atingido, e caía para trás, uma das mãos sobre a testa. O corpo grande amoleceu nos braços de Emily, enquanto tentava segurá-lo.

Capítulo Cinco

ENTÃO, HOUVE um flash em direção ao teto e o som de advertência de um tiro. O secretário de seu marido surgiu do nada e puxou Adrian para frente, e de cima dela. De seu jeito geralmente calmo, Hendricks falou:

– Peço perdão por não interferir até este estágio delicado. Mas tenho certeza de que meu lorde teria preferido assim. E agora, acho melhor irmos embora enquanto podemos. – Colocou um segundo revólver na mão de Emily. – Duvido que isso seja necessário, agora que os assustei. Mas é melhor estarmos prevenidos.

Ele empurrou Adrian contra a parede por um momento, e então jogou o corpo inerte sobre seu ombro, indo em direção à porta da rua.

Emily segurou o revólver, esperando não parecer tão assustada quanto se sentia. Mas aquilo foi efetivo. O homem que golpeara Adrian estava se preparando para atacar de novo, mas, com a visão da arma, deu um grande passo para trás, a raiva se dissolvendo em medo.

Hendricks passou pela porta e seguiu para a carruagem que esperava. Avistando-os, o cocheiro apressou-se para ajudar a colocar seu patrão inconsciente nela.

Enquanto o coche fazia seu percurso, o pobre Adrian continuou desmaiado no banco, rendido por uma combinação de violência e álcool. Não foi até que estivessem quase de volta a seus aposentos que ele voltou à consciência subitamente, balançando um braço, como se estivesse procurando ar à frente.

– Hendricks?

– Sim, meu lorde.

– Havia uma mulher na taverna comigo. Tentava ajudá-la.

– Está segura, senhor.

Adrian relaxou de novo no assento, suspirando de alívio com uma careta de dor.

– Muito bom.

Uma vez que chegaram em casa, ela seguiu os homens que o ajudavam a subir a escada. Notou as expressões alarmadas nos rostos dos criados quando a viram atrás de Adrian. Claramente, esperavam punição da parte de Emily, por terem lhe escondido a verdade, ou da parte de Adrian, por terem revelado tal verdade.

Ao passar por eles, enviou-lhes olhares que avisavam de que deveriam manter silêncio.

Hendricks abriu a porta do quarto e pôs um braço ao redor dos ombros de seu empregador.

– O pajem o ajudará a partir de agora, humm... senhora. – Esforçou-se por um momento para escolher um título que expressasse respeito, como se lembrasse de que aparentemente não sabia o nome da mulher que os acompanhara até lá. – Encontrarei alguém que a leve para casa.

Quando Emily teve certeza de que seu marido veria a sombra sobre sua cabeça, assentiu em aprovação. Então saiu do quarto e fechou a porta.

– Hendricks. – Manteve o tom de voz baixo, de modo que não chegasse ao quarto, mas usou um tom de comando que lhe servira bem ao lidar com empregados que pensaram, mesmo por um momento, que deviam mais lealdade a seu marido do que à mulher parada à frente deles.

– Minha *lady.* – Emily viu a coluna de Hendricks enrijecer instantaneamente numa postura de total obediência.

Encarou-o.

– Não me contou.

– Que estava cego? Pensei que soubesse.

Era a esposa. Deveria ter sabido daquilo. Seria mais um desgosto numa lista muito longa de desgostos? Mas agora, Hendricks zombava de sua ignorância.

Então, como um calmante para seus sentimentos, disse:

– Os criados não têm permissão de discutir a indisposição de lorde Folbroke. Ele finge que isso não importa. No geral, não importa. Mas age como se as coisas impulsivas que faz não representassem riscos. Está muito errado.

Ela teve de concordar, pois aquilo era obviamente verdade.

– Entre o estado de embriaguez e a perda da visão, não me reconheceu.

– Sim, minha *lady*. – Não pareceu surpreso. Mas Emily sentiu alguma gratificação ao ver que parecia envergonhado de sua parte na situação atual.

– Se as coisas permanecerem assim por esta noite, será menos embaraçoso para nós. Informará aos servos que, independentemente do que possam pensar, o conde foi trazido para casa por uma estranha. Está claro?

– Sim, *lady* Folbroke.

– Depois que tiver algum tempo para pensar sobre tudo, conversarei com ele. Mas preciso esperar que meu marido esteja completamente sóbrio.

Hendricks relaxou seus modos discretos.

– Embora não tenha dúvidas de que fará a primeira parte de sua declaração, a última pode estar fora de nosso controle. – Então, como se pudesse suavizar a declaração audaciosa, acrescentou: – Minha *lady.* – E deu-lhe um olhar desesperado, como se doesse trair a confiança do lorde. – Raramente fica sóbrio nos últimos tempos. Mesmo durante o dia. Nós, que servimos o conde pela maior parte de sua vida, estamos desesperados, e não sabemos o que pode ser feito.

Emily pensou no homem dentro do outro cômodo, cheirando a gim. Aquilo era tão diferente

do que temera? Em seu coração, tivera certeza de que o encontraria bêbado. Mas se enganara quanto ao motivo. Tocou o braço do homem ao lado.

– Há quanto tempo ele está assim?

– Bebeu durante o último mês inteiro, certamente. – Hendricks bateu na testa. – São os olhos, minha *lady.* Conforme a visão diminui, perde todas as esperanças. O pajem de meu lorde ouviu ele rir e dizer que isso não seria um problema por muito tempo. Tememos que faça alguma coisa em desespero. E não sabemos como impedir.

Emily fechou os próprios olhos e respirou fundo, pensando que aquela era uma questão de bens materiais, nada mais. Seu coração não estava mais envolvido nisso. Deveria lembrar-se das razões que tivera para procurá-lo, e não tinham nada a ver com reconciliação ou em repreendê-lo por conduta escandalosa.

Mas, apesar da maneira como Adrian a tratara no passado, não conseguia permitir que tirasse a própria vida.

– Meu marido pôs na cabeça que morrer seria melhor. Posso ver, tão claramente quanto você, que é uma bobagem. Não está raciocinando direito, e não permitirei que cause qualquer dano a si mesmo. Pelo menos, não até que apresente um motivo melhor do que o pequeno problema que tem.

Ou até que eu tenha certeza que minha posição está segura.

Se Adrian estivesse realmente determinado a acabar com a própria vida, duvidava que houvesse algo a ser feito. Era quase uma estranha para o marido. Por que se importaria com o que ela pensava? Emily endureceu o coração contra o desespero e pânico que sentia.

– Minhas ordens permanecem as mesmas. Você e outros criados estão proibidos de falar sobre meus esforços de encontrá-lo, ou sobre meu retorno com ele esta noite. Deixe-o pensar que sou uma estranha. – Então passou por Hendricks e entrou no quarto do marido.

O pajem pareceu apavorado com a súbita aparição, e Emily ergueu uma das mãos como sinal de cautela. Então olhou o homem na cama, que agora estava vestido numa camisola masculina, e usava uma bandagem improvisada na testa.

– Antes de ir, quis me assegurar de que está bem.

Ao som de sua voz, pareceu aflito de ela o encontrar impotente. Havia uma expressão perdida nos olhos azuis que o fazia parecer menor do que era.

– Não devia ser tarefa sua cuidar de minha segurança. Como um cavalheiro, deveria ter sido capaz de cuidar de você.

– Foi bem-sucedido – disse. – Lutou bem. Estávamos a poucos metros da porta quando foi atacado. E foi por um golpe baixo. Um homem dotado de visão que não poderia ter feito melhor se não apelasse para a covardia, e que teria acabado como você.

Deu um pequeno sorriso travesso, e tentou brincar para afastar seu embaraço.

– Meus talentos não acabam aí, querida. – Adrian deu um tapinha na cama ao lado. – Se quiser chegar mais perto, ficaria feliz em demonstrar.

– Não será necessário. – Ela fez uma pausa, tempo o bastante para ver uma pequena ruga de desapontamento se formando na testa dele. – Prefiro minhas companhias de banho tomado e barba feita. E não cheirando a gim. Todavia...

Emily inclinou-se para lhe dar um beijinho de despedida na testa. Mas quando fez, percebeu que o beijo simbólico seria tudo que Adrian temia sobre o futuro. O que pretendia que fosse um

conforto, pareceria um gesto assexuado e maternal, uma rejeição cruel ao homem que lutara para protegê-la.

Então, empurrou-lhe o peito, forçando-o a se recostar nos travesseiros, e beijou-o propriamente na boca. Os lábios dele se abriram surpresos, e Emily jogou a cautela ao vento, inserindo a língua entre eles, explorando o interior da boca dele, como fizera com a sua. Sentiu a mesma onda de excitação que sentira na taverna, e o desejo de estar ainda mais perto. E a sensação que experimentara com frequência, durante os últimos anos: que alguma coisa faltava em sua vida bem-ordenada... e que, talvez, fosse Adrian Longesley.

Então ela afastou-se do beijo e se virou para partir.

– Espere. – Adrian segurou-lhe o pulso.

– Preciso ir.

– Não pode. Não depois disso.

Emily deu uma risada curta.

– Também não posso ficar.

– Encontre-me novamente. – Deslizou a outra mão pelos cabelos num gesto de exasperação, e suas palavras foram apressadas, como se estivesse tentando pensar em alguma coisa que pudesse convencê-la a ficar. – De modo que possa me assegurar de sua segurança, quando não estiver indisposto. – O sorriso voltou. – Gostará mais de mim quando estiver de banho tomado, vestido e barbeado.

– Tenho de ir a um bordel para encontrá-lo? Ou a uma casa de jogo? – Ela balançou a cabeça, e lembrou que ele não veria sua recusa, então falou: – Acho que não.

– Por que não aqui? Amanhã de manhã.

– Espera que eu venha ao quarto de um homem, em plena luz do dia, e sem ser acompanhada?

A expressão dele entristeceu.

– Sua reputação. Tinha esquecido.

– Muito obrigada pela sua preocupação atrasada.

Ele tremeu, como se fosse um esforço físico atender às cortesias que ela merecia.

– Se houver algum lugar onde possamos conversar em privacidade e com discrição...

Suspirou, como se não estivesse certa da sabedoria de suas ações, e então se permitiu ser persuadida.

– Enviarei uma carta, então irá até mim quando for conveniente.

Adrian soltou a mão, deixando os dedos escorregarem pela extensão da mesma até que tocasse apenas as pontas dos dedos dela.

– Esperarei ansioso por sua comunicação.

Estava satisfeita que não podia vê-la claramente. Se não fosse cego, teria notado que suas faces estavam rubras e que a expressão no seu rosto não continha o sorriso travesso de uma cortesã, mas um olhar irônico. Seu marido estava ansioso por encontrá-*la.* Antes que pudesse estragar o momento dizendo alguma coisa inapropriada, Emily virou-se e saiu do quarto.

PERMITIU-SE RELAXAR só até que estivesse na carruagem, a caminho da casa de seu irmão, antes de olhar para Hendricks sentado à frente.

– Há quanto tempo sabe?

– Desde o começo. A condição começou gradualmente, depois que saímos de Portugal. Insistiu para que não lhe contasse nada. E embora você e eu tivéssemos razões para trabalhar juntos, o conde é, antes de mais nada, meu empregador. Devo obedecer aos desejos dele antes de obedecer aos seus.

– Entendo. – Por isso, Hendricks não podia ser de confiança. Sentiu um calafrio diante da perda de um aliado que confiara quase como num irmão desde o dia que havia se casado com Adrian. Mas se era capaz de esconder um fato tão importante, que outros segredos tinha? – Então, pretendia receber o salário do homem e permitir que ele se destruísse, quando uma conversa comigo poderia impedir isso?

Ficou embaraçado quase ao ponto de sentir dor.

– Não achei que esta fosse uma função minha.

– Nesse caso, deve avaliar melhor sua posição. – Emily usou o tom de voz sério, quase masculino, que usava para indicar que falava por seu marido, e que desobediência estava fora de questão.

– É claro, minha *lady.*

Intimidara-o, e isso a fez se sentir melhor, mais no controle do que tinha se sentido desde o momento em que percebera que precisava ver Adrian novamente.

Mas por dentro não sabia se ria ou chorava. Aquilo finalmente acontecera, como Emily sonhara desde que era uma garotinha. Esta noite, o homem que amava a olhara com desejo, ouvira cada palavra sua e segurara a ponta de seus dedos, como se separar-se fosse uma agonia.

É claro, estava embriagado, era cego e não sabia quem era ela. E a situação toda acontecera tão mais tarde do que deveria que aquele ponto era controverso. Ter o bonito conde de Folbroke loucamente apaixonado por ela não passara de uma fantasia infantil. Mas então pensara que se casar com Adrian significaria algo além do acordo estéril que era. O tempo lhe provara que não tinha sentimentos por ela, ou teria voltado para casa muito antes.

– Suspeito que só tenha me achado tão atraente porque pensa que sou casada com outra pessoa.

– *Lady* Folbroke! – Foi uma exclamação de choque, mas não de negação. Emily temeu que aquilo fosse um sinal de que Hendricks conhecia muito bem seu marido. Ela retornaria pela manhã, quando estivesse sóbrio, e diria o que pensava sobre aquela tolice. Deficiência não era desculpa para a maneira como tinha se comportado. Se não tomasse cuidado, poderia se matar. Em que situação isso a deixaria?

E se Adrian morresse, então talvez nunca soubesse...

No dia seguinte, ele esperaria por um encontro clandestino, onde poderiam estar sozinhos para conversar. Da próxima vez que o visse, falaria muito. Diria o quanto era idiota por não reconhecê-la, e por pensar que a boa aparência e charme dele seriam suficientes para fazê-la esquecer que a abandonara, e para levá-la para cama.

Um arrepio delicioso a percorreu com o pensamento de estar na cama com ele, e reprimiu a sensação. Parecia que sua tolice em relação ao homem não tinha fim. Soubera desde o começo que era um libertino. Tal conhecimento deveria ter proporcionado algum bloqueio contra seu charme. Mas os beijos de seu marido a faziam imaginar como seria se resolvesse se dedicar a conquistá-la, mesmo que por algumas horas.

E talvez essa fosse a única maneira de obter um herdeiro de Adrian. Era isso que quisera,

acima de qualquer coisa. Esta era a sua razão para ir a Londres.

Emily fitou Hendricks, seus olhos se estreitando e o queixo se erguendo, a fim de lembrá-lo que era a condessa de Folbroke, e não alguma adolescente tola. Merecia o respeito dele tanto quanto seu marido instável.

– Adrian está muito enganado se pensa que vai manter escondidos de mim os fatos por mais tempo. E você é tão tolo quanto, por ajudá-lo durante todo esse tempo. Não tolerarei que ele beba, ou apoiarei a noção lunática de que ser derrubado numa briga comum é a maneira de encontrar o Criador em seus próprios termos. Mas se um romance ilícito com uma mulher casada é o que ele deseja, então não vejo motivo para não lhe dar isso.

Sorriu e observou a expressão alarmada no rosto do criado.

– E como pretende fazer isso?

– Pretendo voltar para a casa de meu irmão e não fazer absolutamente nada. Mas terá um dia movimentado amanhã, sr. Hendricks. Quero que arranje um apartamento para mim enquanto estiver em Londres. Algum lugar simples, pequeno. *Um pied-à-terre.* Decoração não é importante, uma vez que meu convidado não a verá. Precisarei de staff, também. Escolha o que for necessário de nossa casa, ou contrate pessoas, se precisar, mas não quero fofocas. Não falarão uma palavra, de modo que não se identifiquem para lorde Folbroke, ou demitirei todos. Está claro?

– Sim, minha *lady.* – Obviamente, as ações não eram compreendidas. Julgando pela expressão no rosto de Hendricks, não entendia o motivo daquilo tudo. Mas não ousaria contrariá-la, e isso bastava.

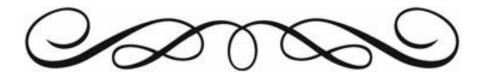
– Depois que isso estiver feito, e não antes, levará um bilhete para meu marido. E não lhe dará nenhuma indicação de meu envolvimento nisso, ou juro, sr. Hendricks, que independentemente do que meu marido diga a respeito, estará procurando um novo emprego antes que o sol se ponha. Fui clara?

– Sim, *lady* Folbroke. – Havia um traço de temor respeitoso no tom de voz dele. Mas também havia alívio, como se Hendricks entendesse que, se ela tivesse permissão de assumir o controle da situação, todos sairiam ganhando. Sua obediência era gratificante, entretanto, estranhamente decepcionante. Estava cansada de ser cercada por homens que não apresentavam desafio à sua autoridade.

Mas suspeitava de que estaria lamentando a falta deles na noite seguinte. Tremeu ao se recordar do beijo que Adrian lhe dera, e do beijo que dera em retorno. Nunca sentira tanto poder em sua vida, mesmo que sob o domínio de outro. O homem que beijara quisera ser seduzido, tanto quanto quisera tomá-la. E, por um momento, desejara o mesmo.

No dia seguinte, em terreno neutro, os dois se encontrariam. Ela convidaria. Ele aceitaria. Ela fingiria *ingenuidade.* Ele sugeriria. Ela protestaria. Ele insistiria. Ela seria convencida. A conclusão podia ser inevitável, mas, por um tempo, haveria uma batalha fervorosa, levando ambos a uma rendição completa e a uma vitória igualmente completa. Se tudo fosse bem conduzido, haveria êxtase, satisfação e uma vingança muito, muito doce.

No assento da carruagem à sua frente, Hendricks parecia perturbado pela última sucessão de eventos. Mas em relação a Adrian, Emily nunca se sentira tão confiante na vida. Assim que tudo estivesse no seu devido lugar, começaria o processo ridículo, porém estranhamente estimulante, de enlaçar seu próprio marido.

Capítulo Seis

ADRIAN LONGESLEY acordou no dia seguinte com a mesma dor de cabeça irritante que resultava da ressaca com a qual se acostumara. Uma manhã passava rápida o bastante quando ele não acordava. Em comparação, seria um alívio bem-vindo. Mas hoje estava vivo e consciente, e sentindo-se pior ainda, devido a um galo na testa. Se tivesse sido golpeado por trás, teria se sentido melhor com o ferimento. Mas ser atingido de frente por um golpe que parecera ter vindo de lugar nenhum provava o quanto suas habilidades haviam diminuído. Suspirou no travesseiro, esperando que o quarto parasse de girar e que pudesse se sentar.

A náusea provavelmente seria pior se pudesse ver o movimento. Mesmo sem este sentido em particular, sabia que podia sentir o balanço, como se estivesse fazendo uma travessia de barco para a França. Mas ainda estava no quarto, e podia sentir o cheiro de um café da manhã para o qual não tinha apetite.

A mulher.

Fora um bêbado tolo por pensar que teria sorte bastante para resgatá-la duas vezes do lugar em que a encontrara. Se o seu descuido tivesse feito com que caísse nas mãos dos homens brutos da taverna...

Adrian se sentou em pânico, então lamentou o fato, antes de se lembrar do fim da noite. Teve uma vaga lembrança da voz dela na carruagem no caminho para casa, assim como da voz de Hendricks. Seu homem devia tê-lo encontrado a tempo, salvado a garota e os ajudado a voltar para casa.

Era lamentável o fato de que precisava ser resgatado. Se tinha chegado a um ponto que não podia mais cuidar de si mesmo e colocava pessoas inocentes em risco, então podia estar na hora de procurar um fim breve para as coisas, e parar de perder tempo, esperando que a natureza seguisse seu curso. Mas a noite anterior não havia sido a hora certa. A mulher estranha precisara

dele, mesmo que por um breve período de tempo. Se a intervenção de Hendricks garantira a segurança dela, então seu próprio orgulho poderia sobreviver ao dano da assistência necessária.

Alegara ser uma *lady* educada, e era gentil, apesar de certamente não ter sido sábia. Uma mulher sábia jamais iria a um lugar como aquele. Talvez tivesse falado a verdade, e estivesse realmente procurando o marido. Triste para a garota, se aquele era o lugar que ele frequentava. Embora Adrian também fosse à taverna, não se orgulhava disso. Mas, pelo menos, tinha o pequeno conforto de saber que a esposa nunca vira o lugar.

A estranha o rejeitara, quando ficaram sozinhos. Então, aquela não era uma visita induzida por um desejo secreto de conhecer uma novidade. E depois, seguira-o de volta para sua casa. Estivera naquele mesmo quarto, mesmo que por poucos minutos. Adrian lembrou-se das palavras que usara para tranquilizá-lo, dizendo que ele lutara bem, falando num tom de voz cético, que continha uma ponta de admiração.

Fora ousada em seus modos e beijos. Até mesmo o aroma da mulher era ousado, pois podia jurar que ainda sentia a fragrância cítrica na pele onde o tocara. Que mulher! Se a sua memória fosse confiável, teria gostado da companhia por mais tempo. Tinha sido tão delicioso sentir aquele corpo suave e arredondado em seu colo, assim como a língua sensual explorando-lhe a boca. O peso prazeroso dos seios roçando seu braço quando ela se abaixara sobre sua cama. E um beijo repleto de promessas.

Adrian riu. Outro encontro era improvável, e talvez impossível. Prometera, é claro, para que soltasse sua mão. Mas não lhe dera um nome ou endereço, e censurara sua aparência desleixada. Esfregou os pelos do queixo. Estava provavelmente certa.

Seu pajem devia tê-lo escutado se mexendo, pois Adrian o ouviu entrar, e sentiu o cheiro do chá da manhã, colocado sobre o criado-mudo, e a fragrância do sabonete que o pajem carregava enquanto ia para a bacia preparar a água para que Adrian se banhar e fazer a barba. Houve outro rumor de passos, o farfalhar de cortinas sendo abertas, e então o súbito borrão de luz quando o sol se infiltrou no quarto.

– Hendricks – disse –, você é cruel. O mínimo que deveria fazer é permitir que um homem se adapte aos poucos à luz da manhã.

– Da tarde, meu lorde – respondeu educadamente. – É quase uma hora da tarde.

– Tudo igual para mim. Sabe a hora em que cheguei, e em que condições estava, pois me trouxe para casa. – Um pensamento lhe ocorreu: *E como conseguiu fazer isso? Quando saí daqui, estava sozinho.*

Houve certa agitação corporal e o som do serviçal pigarreando.

– Fui procurá-lo, meu lorde. Enquanto esteve fora, *lady* Folbroke visitou-o para informá-lo de que está hospedada em Londres. Insistiu muito para saber seu paradeiro. E pensei que seria melhor...

– Entendo. – Sua esposa já tinha ido à cidade antes. E sempre conseguia evitá-la. Mas era muito estranho, depois dos eventos da noite anterior, pensar que ela estava por perto. Estendeu o braço para pegar o medalhão com a miniatura de Emily em seu lugar de sempre sobre o criado-mudo, traçando-a preguiçosamente com os dedos.

– O senhor já tinha saído há algum tempo – continuou Hendricks. – Os servos estavam preocupados.

Uma voz na cabeça de Adrian disse que não era da conta de ninguém o que fazia com seu

tempo. A preocupação não passava de sentimento velado de pena, e da suspeita de que não podia ser confiável para cuidar de si mesmo. Controlou seu temperamento. Uma pessoa que era carregada inconsciente para fora de uma taverna não tinha direito de argumentar que podia se virar sozinho.

Em vez disso, falou:

– Agradeça-lhes a preocupação, e obrigado por sua intervenção na hora certa. Apreciei muito. Tentarei ser mais cuidadoso no futuro. – Na verdade, não faria nada do tipo. Mas não precisava explicar suas intenções para outro homem.

E então, para dar a impressão de que só pensara naquilo agora, voltou ao assunto que mais o preocupava:

– Disse que Emily está na cidade. Perguntou-lhe a razão desta visita?

– Não falou, meu lorde. – Houve um barulho nervoso de papéis nas mãos de Hendricks.

– Cuidou da transferência de fundos para a conta da fazenda, que discutimos depois de sua última viagem ao norte?

– Sim, meu lorde. *Lady* Folbroke inspecionou os danos das tempestades de primavera, e reparos nos chalés já estão sendo realizados.

– Suponho que o motivo não seja este, então – disse, tentando não ficar apreensivo. A eficiência de sua esposa era quase lendária. Hendricks lera o relatório que ela escrevera, explicando, em detalhes, a extensão dos danos, seus planos para consertos e o orçamento que previa. A assinatura que requerera dele era pouco mais do que uma cortesia da parte de Emily, para fazer com que sentisse que estava envolvido na administração de suas terras.

Mas se Emily fora a Londres, e mais importante, tinha ido procurá-lo, era bem provável que o assunto fosse de natureza muito mais pessoal. Adrian perguntou da maneira mais casual possível:

– Como está?

A pausa que se seguiu foi tão grande que Adrian imaginou se ela não estaria bem, ou se havia alguma coisa que não queriam que soubesse. Então Hendricks respondeu:

– Parece bem.

– Tenho pensado tanto em Emily nos últimos tempos. – Era provavelmente a culpa. Pois podia jurar que a fragrância cítrica ainda permanecia no quarto, e temia que o criado também pudesse sentir. – Há alguma coisa que ela queira? Mais dinheiro, talvez?

– Estou certo de que se precisasse de dinheiro, escreveria um cheque da conta para despesas domésticas.

– Oh. Roupas, então. Ela faz compras com frequência? Sei que minha mãe fazia. Talvez Emily tenha vindo à cidade para isso.

– Nunca reclamou da falta de roupas – replicou, como se o assunto fosse tedioso ou desprovido de interesse.

– Joias, então. Não recebeu nada desde nosso casamento.

– Se está interessado, talvez deva perguntar diretamente a ela – disse Hendricks, e, a despeito de sua natureza paciente, estava se tornando frustrado pelas perguntas infindáveis.

– E mencionou a possibilidade de vir me visitar novamente? – A pergunta o preencheu com esperança e medo, como sempre acontecia. Pois embora quisesse muito vê-la de novo... embora fosse até possível... não estava ansioso para ouvir o que Emily diria ao descobrir a verdade.

– Acho que ela mencionou algo sobre arranjar uma moradia aqui em Londres. – Mas

Hendricks parecia mais do que incerto. Parecia estar escondendo um segredo. Possivelmente, a pedido de sua esposa.

– Sabe se visita mais alguém? – Como se ele tivesse algum direito de sentir ciúme, depois de todo aquele tempo. Mas faria total sentido se ela tivesse encontrado alguém para entretê-la em sua ausência. Fazia três anos. Desde que Adrian partira, ela teria florescido para o apogeu da feminilidade.

– Não que eu saiba, meu lorde. Mas mencionou seu primo Rupert.

– Humm. – Adrian deu um gole no chá, tentando parecer calmo. Algumas pessoas considerariam uma atitude mercenária da parte dela, mas havia algum tipo de sentido naquilo, supunha, se transferisse seus interesses para o próximo conde de Folbroke. Quando se fosse deste mundo, Emily poderia manter o título, assim como o lar. – Mas Rupert... – disse, incapaz de esconder o desgosto que sentia pelo homem no tom de voz. – Sei que é um homem de família. Mas esperei que ela tivesse um gosto melhor.

Se Adrian tivesse olhos tão fortes quanto punhos, seu primo nunca interferiria nesse aspecto de sua vida. Mesmo cego, pretendia dar uma surra nele na próxima vez que Rupert aparecesse por lá. Apesar de poder perdoar a infidelidade da esposa, pondo a culpa disso nele mesmo, por tê-la negligenciado, não permitiria que Rupert pensasse que Emily era parte da herança. Merecia coisa melhor.

Não que fosse obter coisa melhor de Adrian...

– Não compartilha os detalhes de sua vida pessoal com os criados – murmurou Hendricks, interrompendo seu devaneio. Aquilo era para cutucar sua consciência por fazer perguntas para as quais somente ele saberia as respostas?

Certamente, a essa altura, o mordomo já tinha adivinhado seus verdadeiros motivos para a curiosidade, e sabia da impossibilidade dele falar com Emily pessoalmente.

– Isso não é da minha conta, também, com certeza. Não tenho direito real a ela.

– Além do casamento – apontou Hendricks num tom seco de voz.

– Uma vez que não me esforcei para ser um bom marido, parece hipocrisia esperar que continue sendo leal a mim. E se ela tiver uma razão para me visitar novamente, gostaria que você me avisasse da visita com antecedência, se possível. Se um encontro não puder ser evitado, é melhor que esteja preparado. Aliás, é melhor que ambos estejamos preparados. Ela merece um aviso, também. Não estava em condições físicas ou mentais de encontrar sua esposa agora.

– Muito bem, meu lorde. – Adrian podia sentir uma queda de tensão do homem ao lado da cama com a menção da mera possibilidade de um encontro. Agir como intermediário entre vinha sendo difícil para seu amigo.

Mas agora o criado estava se mexendo de novo, como se houvesse algum outro problema.

– Há algo mais que o traga aqui? – questionou Adrian.

– O correio chegou – disse de forma inexpressiva.

– Se dormi até depois do meio-dia, imagino que tenha chegado. Há alguma coisa que deseja ler para mim?

– Uma carta. Não tem endereço, e a cera não continha carimbo de identificação. Tomei a liberdade...

– É claro. – Adrian gesticulou uma mão no ar para dissipar as preocupações de seu secretário. – Uma vez que não posso ler as palavras, minha correspondência é um livro aberto para você.

Por favor, leia. – Pôs a xícara de chá sobre o criado-mudo, pegou uma torrada da bandeja e esperou.

Hendricks pigarreou, e leu em voz alta, com óbvio desconforto:

– *Gostaria de agradecer pela ajuda na noite anterior. Se quiser me honrar com sua presença para jantar, pegue a carruagem que enviarei aos seus aposentos, às 20h da noite*.

Adrian esperou por mais, mas nenhuma palavra veio.

– A carta não está assinada?

– Não, assim como não há nenhum tipo de saudação.

– Dê-me aqui. Quero examiná-la. – Pôs o café da manhã de lado e pegou o papel, deslizando os dedos nele, desejando que pudesse sentir o significado nas palavras. Não havia indicação de que jantariam sozinhos, mas também não havia sinal de que outros estariam presentes.

– E não há nada que indique a identidade do remetente? Nenhum endereço? Uma marca qualquer? – Embora, se assim fosse, teria sentido um selo ou um monograma em relevo, com os dedos.

– Não, senhor. Presumi que soubesse a identidade da mulher.

Adrian ergueu o papel em seu nariz. Havia o leve cheiro de tinta fresca, e o inconfundível perfume de limão. Ela esfregara o papel no corpo, ou apenas tocara-o no frasco de perfume para enviar esta parte da mensagem?

Sorriu. E sabia que ele questionaria tal fato? Adrian preferia pensar no papel preso àqueles seios macios, perto do coração palpitante.

– Sobre aquela... – Era vergonhoso admitir que nem mesmo soubera o nome da garota. Adrian não queria mostrar a Hendricks como tinha se rebaixado, pois o homem era mais do que apenas um criado, após anos juntos no exército, e a dependência crescente de Adrian em relação a ele desde o ferimento. Mas conforme a devoção de Hendricks à *lady* Folbroke crescera, passara a suspeitar que a lealdade de seu amigo estava mais dividida do que de hábito.

– Não tivemos tempo para uma apresentação formal ontem à noite. Só a conheci poucos momentos antes de você chegar. E, como estou certo de que pôde notar, a situação estava frenética. – Fez uma pausa por um momento, para deixar seu secretário concluir o que quisesse, então disse: – Mas você a viu, não é? Como era?

Ouviu Hendricks se movimentar desconfortavelmente mais uma vez. Nunca pedira antes que o pobre homem o ajudasse no que dizia respeito a romances. Ser forçado a trair a condessa devia ferir os escrúpulos de Hendricks. Mas a curiosidade de Adrian sobre a mulher não seria negada.

– Era atraente? – perguntou.

– Muito – admitiu Hendricks.

– Descreva-a.

– Cabelos castanhos, curtos e cacheados. Olhos verdes, um queixo determinado.

Determinada. Podia acreditar nisso sobre a garota. Na noite anterior, mostrara força e uma maneira direta de falar que provava que não era facilmente impressionada por palavras finas. Podia sentir a atração por ela, arrepiando sua pele como o ar antes da tempestade.

– E? – incentivou, ansioso para saber mais.

– Vestiu-se com roupas caras. – E quando a levou para casa, onde era? Foi você quem a escoltou, não foi?

Hendricks movimentou-se novamente.

– Ela me fez jurar, em nome de minha honra, que não lhe daria informações sobre sua identidade ou endereço. Tem direito a exigir minha honestidade, é claro, uma vez que é meu empregador...

Adrian suspirou.

– Mas não usaria esse direito para fazê-lo quebrar sua palavra com uma *lady*.

– Obrigado, meu lorde.

– E creio que ela irá divulgar o que deseja que eu saiba, se a encontrar esta noite.

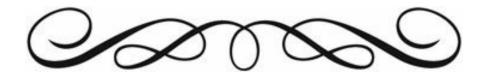
Ele ouviu mais movimentos que indicavam o desconforto de Hendricks.

– E não esperarei que se envolva mais nisso, como criado, do que me ajudar com a leitura de minha correspondência. Entendo que é uma ajuda valiosa para Emily, assim como para mim. Não irei forçá-lo a uma posição ainda mais difícil do que aquela que já ocupa.

– Obrigado, meu lorde.

– Esta noite, pegarei a carruagem quando ela chegar, e aceitarei qualquer agradecimento que a mulher quiser me dar. Suspeito que isso será o fim; não ouvirá mais esta história.

– Muito bem, meu lorde. – Mas a voz de Hendricks soava irritantemente duvidosa.

Capítulo Sete

AO SENTIR um tapa no ombro, Adrian levantou o queixo para facilitar o trabalho do pajem, que o barbeava pela segunda vez naquele dia. Não gostava da sensação de impotência que aquele processo lhe despertava. O que era ridículo, claro. Suportara esse tipo de ajuda a vida toda, mesmo quando sua vista era boa. Mas agora que não podia fazer a tarefa sozinho, tinha vontade de bater nas mãos que o ajudavam, para afastá-las.

Concentrou-se na carta em suas mãos para acalmar os nervos. Quando a mulher misteriosa na taverna o rejeitou, era pelo o que ela via, e não pelo o que Adrian podia ver. Achara-o sujo e desalinhado, e comentara seu estado de embriaguez. Aquilo o fizera lamentar os efeitos entorpecentes do gim pela primeira vez em anos. A garota estava certa, é claro. Se quisesse a companhia dela, precisaria de uma mente clara para apreciá-la, assim como ela desejava um parceiro lúcido.

Para mostrar seu respeito no segundo encontro, Adrian deveria estar imaculadamente limpo e arrumado. Não conseguiria isso sem ajuda alheira, e deveria estar grato pelo que seu secretário era capaz. Passou uma mão ao longo do maxilar, agora barbeado. Perfeitamente macio. Levantou-se para aceitar a camisa, a gravata e o paletó, então o resto da vestimenta e uma escovada nos cabelos, antes que seu servo o anunciasse.

Adrian andou três passos para a porta, parou e se virou, pondo a carta de lado e pegando a miniatura de Emily para colocá-la em seu lugar de costume... no bolso do paletó. Ela serviria como um lembrete, caso os atrativos de sua companhia o fizessem esquecer para quem seu verdadeiro amor e dever estavam prometidos. Aquela seria uma noite prazerosa, porém nada além disso.

Ele saiu de seu quarto, deu dez passos para atravessar a sala de estar, passou pela porta da frente e desceu quatro degraus para a rua.

Podia ouvir a carruagem esperando à frente, sentir o cheiro de couro e dos cavalos, e ver o formato indistinto da mesma, mais clara nas extremidades, mas se transformando numa escuridão impenetrável no centro. A pouca visão que restava era quase mais enlouquecedora do que a cegueira total. Dava-lhe a fútil esperança de que uma imagem poderia subitamente se tornar clara se piscasse, ou de que uma leve virada da cabeça ou movimento dos olhos facilitaria a visão do que estava na periferia da retina.

Adrian tentou se acalmar. Era somente quando não buscava claridade que podia usar a visão limitada. Um cavalariço deu um passo à frente para ajudá-lo e, desta vez, empurrou a mão do criado, tateando ao longo da porta aberta para encontrar a correia, procurando, com o pé, pelo degrau que descera, antes de subir e se sentar. O homem fechou a porta e fez um sinal para o cocheiro, e então partiram.

Para passar o tempo, Adrian contou as viradas, imaginando o mapa da cidade. Aquele caminho o levaria a Piccadilly. Então, passaram pelo bairro e viajaram mais uma curta distância, até que a carruagem parou, a porta se abriu, e Adrian ouviu o degrau sendo abaixado novamente. O mesmo cavalariço que estivera pronto para auxiliá-lo antes, não ofereceu a mão desta vez, mas murmurou:

– Um pouco para sua esquerda, meu lorde. Muito bom! – permitindo que saísse sozinho do veículo. Quando Adrian ganhou a rua, o homem disse: – A porta que o senhor quer está bem à sua frente. Dois passos curtos. Então cinco degraus com um corrimão à direita. A aldrava é um anel, preso à boca de um leão.

– Obrigado. – Deveria lembrar-se de cumprimentar sua anfitriã pela astúcia dos servos. Com poucas ações simples, aquele homem aliviara a trepidação que Adrian frequentemente sentia em redondezas estranhas. Seguindo as instruções, chegou à porta e bateu.

Parecia que o lacaio também estava preparado, descrevendo o hall pelo qual passavam, abrindo a porta para a sala de estar e informando-o das posições dos móveis, de modo que não precisasse ir tateando para o sofá. Adrian podia sentir o fogo à sua frente, mas antes de se sentar, pausou. O ar cheirava a limão. O aroma dela permanecia na sala? Não. Podia ouvi-la respirar, se prestasse atenção. Virou-se na direção do som.

– Queria me enganar? Está de pé no canto, não está?

Ela deu uma pequena risada, e Adrian gostou do som bonito.

– Não achei que fosse preciso pedir que o mordomo o anunciasse. Estamos nos encontrando em segredo, não é?

Andou na direção dela, rezando para que a confiança do movimento não fosse estragada por um móvel.

– Se é isso que deseja.

– Acho que prefiro assim, Adrian.

Ele se surpreendeu, então riu da própria tolice.

– Dei-lhe meu primeiro nome ontem à noite, não? E não recebi nada em retorno, pelo que recordo. Talvez uma apresentação completa da minha parte a encoraje a revelar mais.

– Não é necessário, lorde Folbroke – disse. – Mesmo que não me contasse, eu o reconheci ontem à noite. E teria me identificado, se ainda tivesse a visão.

– Teria? – Ele fez uma pausa e pensou, tentando combinar o som daquela voz com um nome, ou pelo menos com um rosto. Mas quando nada lhe veio à mente, deu de ombros de maneira

apoteótica. – Estou embaraçado em admitir que não a conheço, mesmo agora. E espero que não pretenda me punir, mantendo segredo.

– Lamento, mas preciso fazer isso. Se der alguma dica de minha identidade, você me reconhecerá imediatamente. E esta noite acabará de modo muito diferente do que desejo.

– E como deseja que a noite acabe? – perguntou ele.

– Na minha cama.

– Verdade? – Não esperara que ela fosse tão direta sobre algo que sabiam que aconteceria. – E se me contasse seu nome?

– Isso poderia lhe dar razão para ficar zangado comigo, ou para descobrir um desgosto ou uma hesitação que não sente agora. Tal fato mudaria tudo.

Então deveria ser a esposa de algum amigo, pensou Adrian. E considerava-o honrado o bastante para não traí-lo.

– Talvez seja verdade. – Ou talvez não. Seu caráter não era tão impecável ultimamente.

Ela suspirou.

– Prefiro que pense em mim como uma estranha, e que me beije como ontem à noite, como se não pensasse em outra coisa, tirando o momento presente e eu. Como se estivesse gostando.

– Gostei – confirmou ele. – E aparentemente, você também, ou não teria tido tanto trabalho para fazer isso de novo.

– Foi muito bom – retrucou educada. – E diferente de tudo que já tinha experimentado antes.

Se Adrian descobrisse que era a esposa de um velho amigo, poderia não estar disposto a continuar. Mas iria atrás do homem e lhe daria um sermão sobre como tratar sua *lady*. Considerando o estado de seu próprio casamento, a ideia de que aconselhasse alguém era risível.

– Lamento em ouvi-la dizer isso. Não havia nada de incomum no jeito como a beijei. Foi dolorosamente negligenciada. E ficaria honrado em corrigir um erro tão grave, se me permitir. Lábios doces como os seus são feitos para serem beijados com paixão e frequência.

Ela deu um suspiro alto, que acabou num pequeno gritinho de irritação, como se fosse muito sensata para ser balançada pelas palavras dele.

– Ainda não, acho. Devemos comer. A refeição foi posta na sala de jantar, e não gostaria que esfriasse.

– Permita-me. – Adrian pegou-a pela mão e colocou na curva de seu braço, perguntando-se o que deveria fazer em seguida. Orgulho era uma coisa boa, mas de que adiantava, se não sabia para onde conduzi-la?

Ela percebeu seu dilema.

– A porta está à frente. E um pouco para a direita.

– Obrigado. – Andou para a frente, e ela se permitiu ser guiada. Ele quase desejou que atravessassem a soleira e se encontrassem num quarto. Então poderia se livrar da tensão que estava se formando em seu interior. Mas, não. Podia sentir o cheiro de carne em algum lugar por perto. Ela não mostrou hesitação, então continuou andando em direção ao borrão à sua frente, estendendo uma das mãos para sentir à mesa que tinha certeza estar diante deles.

Lá estava. Seus dedos tocaram a ponta da mesa e uma toalha de linho. Conduziu-a para o que esperava ser uma cadeira aceitável, então foi para o outro lado da mesa, sentando-se e pondo a mão no prato à frente, a fim de se familiarizar com o ambiente.

Agora a tensão que o preenchia era de um tipo totalmente distinto. E se entornasse seu vinho

ou derrubasse carne no colo sem notar? E se, Deus amado, ela lhe servisse sopa? Se fizesse papel de tolo, talvez nunca mais tivesse a chance de conhecê-la melhor.

Ouviu a aproximação de um criado, e cheirou para tentar descobrir a refeição. Seria peixe? Ou talvez carneiro. Havia alecrim em algum lugar ao redor, tinha certeza. E ervilhas frescas, o que significava problema, pois rolariam no prato se não fosse cuidadoso. Era melhor amassá-las com o garfo do que caçá-las ao redor da louça.

Ao som de uma risada leve do outro lado da mesa, levantou a cabeça.

– O que foi?

– Olha para seu prato como se fosse um inimigo. E parece ter me esquecido completamente. Estou tentando decidir se devo me sentir feliz ou insultada por isso.

– Perdoe-me. É apenas que... refeições podem ser momentos difíceis para mim.

– Gostaria de ajuda?

– Não será necessário. – Humilhava-o mostrar sua fraqueza tão claramente, e ansiava acabar aquele jogo e se deitar com ela. Quando seus corpos se tocassem, ela veria quão pouco aquilo importava.

Mas o ignorara, pois Adrian podia ouvi-la aproximando a cadeira da sua.

– Disse que não preciso de sua ajuda – declarou ele num tom de voz mais ríspido do que pretendera.

Todavia, aquilo não pareceu perturbá-la, porque a resposta foi muito tranquila.

– Que pena. Porque isso poderia ser bastante prazeroso para nós.

Tocou a boca dele com o dedo, descansando a ponta no centro de seu lábio inferior, quase como um beijo.

Adrian tocou sua língua no dedo e provou o vinho. Ela mergulhara o dedo no copo.

Por sua vez, ele estendeu o braço, muito cuidadosamente, para a própria taça, mergulhando o dedo, e então seguindo o som da voz dela para tentar tocar seu lábio.

Ela riu novamente, pegando a mão e levando os últimos centímetros restantes à boca, a fim de lamber o vinho. Com o toque da língua em seu dedo, a boca de Adrian ficou tão seca que mal conseguia falar.

– Viu? – sussurrou ela. – Pode não ser tão ruim aceitar minha ajuda.

– Mas não quero me acostumar a ser alimentado na boca, por mais atraentes que sejam as suas mãos.

Ela riu.

– Minhas mãos podem ser feias, por tudo que você sabe. Assim como meu rosto.

Adrian afastou a mão dos lábios de Emily e pegou a dela. Então, virou-a, alisando seus dedos, esfregando o polegar ao longo da palma delicada, sobre o dorso, circulando o pulso. Os dedos eram longos, as unhas curtas, a pele macia. Levou-a ao rosto.

– A mão é adorável, assim como a mulher. Nunca me convencerá do contrário.

Ela respondeu com um suspiro, e Adrian a sentiu inclinando-se em sua direção, enquanto a pressão daquela mão suave aumentava.

– Você é um bajulador. Mas faz isso muito bem.

– E você é tentadora. E estou altamente cativado. – O que não era bajulação, mas a pura verdade. Estava excitado, e ainda nem tinham começado a comer. Mas embora não fosse capaz de mudar a reação do corpo, o controle da noite começou a voltar a suas mãos e, com isso,

relaxou e se concentrou no seu objetivo maior. – Antes de irmos mais longe, serei sua única companhia esta noite?

– É claro. – Pareceu surpresa pela pergunta. Certamente, era um bom sinal.

– Então, suponho que ainda não encontrou seu marido? Ou o encontrou e está punindo por levá-la a correr o perigo que correu ontem à noite?

Surpresa, emitiu de surpresa e recolheu a mão.

– Não traí meu marido. Foi ele quem me deixou. Não o vejo há um bom tempo. E suspeito que zombaria de minha busca, assim como você.

– Sinto muito. Não quis lembrá-la de nenhum tipo de infelicidade. Só queria me certificar de que ficaríamos sozinhos a noite inteira. – Para encobrir o momento desconcertante, Adrian voltou-se para a refeição. O mais discreto possível, encostou na comida no prato para descobrir sua localização, então limpou os dedos no guardanapo e pegou uma faca para cortar a carne que encontrara. Ouviu o ruído de talheres ao lado, quando ela também começou a comer.

Então falou:

– Não precisamos temer interrupções. Esta não é minha casa, na verdade. Foi alugada para que possa me entreter em paz. E esta noite, não espero mais ninguém.

Então ela possuía muito dinheiro, e tomava cuidados escrupulosos com sua reputação. Adrian não podia pensar em descobrir sua identidade a partir das dicas que ela lhe dava.

– Trouxe muitos admiradores aqui?

– Não. Só você.

A pulsação de Adrian acelerou.

– Não pense que não recebi ofertas – acrescentou, como se não quisesse que a considerasse indigna de atenção masculina. – Mas sabem que sou casada. E que não permitirei que façam as coisas que insinuam quando estão comigo.

– Todavia, por que me convidou para vir aqui? – Adrian deu-lhe um sorriso. – Estou muito lisonjeado. Qual é a razão de minha boa sorte?

– Você é diferente.

O jeito que ela falou a palavra pareceu maravilhoso e estranho ao mesmo tempo, como se achasse que ser diferente dos outros fosse uma coisa boa. Talvez fosse, se aquilo atraía uma mulher tão especial.

– Passei muito tempo desejando não ser diferente. Mas parece considerar isso uma vantagem.

– Não falo da sua visão.

– Sobre o que, então?

– É mais bonito do que os outros, para começar. E mais corajoso. – A voz feminina ainda tinha a qualidade neutra da noite anterior, mas Adrian podia quase sentir o calor do rubor dela na própria pele.

– E o que a faz pensar assim?

– A maneira como me protegeu ontem à noite. Duvido que os homens que normalmente me procuram teriam coragem de fazer aquilo com dois olhos bons. Mas não pensou duas vezes.

– O que prova que sou um beberrão tolo, mais do que um herói.

– Acho que é possível ser ambas as coisas.

E ele sentiu uma pequena onda de orgulho, o desejo percorrendo seu sangue.

– E gostaria de me recompensar pela bravura com o jantar?

– Eu lhe disse antes que era mais do que isso. Convidei-o porque senti que me queria. Mas não tinha certeza se, quando estivesse sóbrio, você viria. Achei que seria melhor, caso estivesse enganada, apreciar uma boa refeição do que ficar sentada sozinha, vestida de maneira desleixada, esperando por um homem que não me queria. – O desejo em sua voz era evidente, embora tentasse disfarçá-lo com um tom de voz leve. Sem pensar, Adrian estendeu o braço para tocá-la, quase derrubando seu copo de água no processo. Ela firmou o copo sem esforço, encontrando sua mão na dele ao cercar com os dedos a haste da taça.

– Acho que já comi bastante – disse ele, levando o copo aos lábios para um gole de água, antes de beijar os dedos de Emily que descansavam ao lado dos seus no copo. – Se soubesse que estava vestida para me seduzir quando entrei, duvido que chegássemos à mesa. – Ele depositou o copo novamente e levantou. Então, aproximou-se um passo, ouvindo-a se afastar.

Ouviu-a arfar quando se levantou.

– Não esperei que fosse tão fácil trazê-lo aqui. Devo tomar isso como um elogio? Ou acreditar que não é muito meticuloso em relação às conquistas?

Era amargura que ouvia?

– Está zangada comigo porque aceitei seu convite?

– Talvez esteja zangada comigo mesma por ter feito o convite. – Houve outra pausa. – Ou talvez, agora que o momento se aproxima, não possa manter uma fachada de sofisticação. Apesar de querer fingir o contrário, estar com você dessa forma me assusta.

Houve um quê de vulnerabilidade na voz dela novamente, e aquilo a atraiu para Adrian de uma maneira muito diferente do que a simples luxúria da noite anterior. Ele fechou a distância entre os dois e a abraçou, sentindo-a tensa, e depois relaxou.

– Não sinta a necessidade de brincar de mulher faceira para manter meu interesse. Ou de continuar a representar, se mudou de ideia. Gostaria de conhecê-la exatamente como é. E gostaria de lhe dar prazer. – E por um momento, confortou-se na sensação maravilhosa de ter alguma coisa para oferecer a ela, e de saber que a noite podia significar mais do que apenas satisfazer as próprias necessidades.

– É claro – disse Emily. – O quarto fica do outro lado da sala de estar. Se deseja ir para lá, não me importo... – Mas o corpo delicado se contraiu de tensão.

– Não precisa de pressa – tranquilizou-a, acariciando o seu ombro. – Estava certa ao pensar que a desejei. Passei o dia inteiro aflito, temendo ter interpretado mal sua oferta. E se pareci me apressar durante a refeição, não foi por querer estar em outro lugar. Temi que pudesse fazer alguma coisa risível, ou lhe causar repugnância.

– Jantando comigo? – Que ideia estranha. Jamais o acharia risível, a menos que tentasse me divertir. E tenho certeza de que, quando me deixar triste, isso não terá nada a ver com seus modos à mesa.

– Quando a deixar triste? Parece muito certa de que isso vai acontecer.

– É claro. Vai para cama comigo... e depois partirá. Essa é sua intenção, não é?

E o que ele podia responder? Pois aquela fora exatamente a sua intenção.

– Mas tenho esperança de que, depois da forma como se vangloriou ontem à noite, a experiência seja suficiente para aliviar um pouco a dor que sua partida causará.

O que o patife do marido dela fizera para torná-la tão ansiosa para ser usada, entretanto tão convencida que não poderia prender o interesse de um homem por mais de uma noite? Aquilo o

fazia querer provar que estava errada.

– Mas suponha que essa não seja minha intenção?

Ela pareceu encolher, como se quisesse evaporar, mesmo quando a abraçou mais forte. Então falou suavemente, sem nenhum traço da confiança com a qual Adrian passara a se acostumar:

– Fiz alguma coisa errada?

– Pelo contrário. É mais certa do que imaginei. Por que pergunta?

– Se não me quiser...

– É claro que quero, minha querida. Mas as coisas dão mais prazer se saborearmos devagar. Há um sofá perto do fogo onde podemos tomar nosso vinho e sentar por um momento? – Podia senti-la respirar fundo, pronta para negar o pedido. Então ergueu o braço e tocou a ponta do nariz dela com o dedo. – Não se preocupe. Quando a hora certa chegar, pretendo levá-la para cama – acrescentou, tocando-lhe o queixo com o mesmo dedo, guiando-se para o rosto dela até que seus lábios se encontrassem. O beijo breve tinha gosto de paraíso, exatamente como na noite anterior. – Na verdade, duvido que serei capaz de me conter.

Beijou-a mais uma vez, lentamente. Deslizou as mãos pelas curvas dos ombros delgados e sentiu o tecido macio da roupa.

– O que está usando? Acho que é algo de cor escura. E parece seda.

– É um penhoar. De seda na cor azul.

– Descreva a cor. É como o mar? O céu?

Ela pensou por um instante.

– Acho que a cor pode ser chamada de safira.

– E o que está usando por baixo do penhoar?

Ouviu-a engolir em seco, nervosa.

– Minha camisola.

Adrian aconchegou-a mais no círculo de seus braços, acariciando-lhe o corpo de leve, a fim de satisfazer sua curiosidade sem excitá-la. Não sentiu espartilho ou anágua. E amaldiçoou os olhos pela traição. Não teria sido capaz de comer se soubesse que do outro lado da mesa havia apenas algumas camadas de tecido entre ele e a suavidade do corpo daquela mulher.

Ela se punha na ponta dos pés para alcançar sua altura, beijando-lhe a orelha com pequenas lambidas. Podia sentir todos os toques com cada fibra de seu ser.

– Vamos nos sentar – sussurrou Adrian novamente. – Mostre-me aonde ir.

Ela saiu de seus braços e pegou-lhe a mão, conduzindo-o pela sala, passando por uma porta aberta e indo em direção ao brilho de um fogo. Sentou-o em algum tipo de sofá diante da lareira, e Adrian a puxou gentilmente para seu lado.

– Antes de beijá-la novamente, gostaria de tocá-la. – Talvez aquilo parecesse estranho, mas ainda havia tanto que não sabia sobre a garota. A aparência dela não teria importado se sua intenção fosse sair de lá antes do amanhecer. Mas com aquela mulher? De alguma maneira, tudo era diferente.

Podia sentir a hesitação no ar, enquanto ela tentava decifrar o pedido. Então perguntou:

– Onde?

Ele riu.

– Em todos os lugares. Mas vamos começar pelo começo, certo? – Estendeu uma das mãos para lhe tocar os cabelos.

Cachos, exatamente como Hendricks dissera. Embora gostasse de cabelos longos numa mulher, a textura era interessante. Podia sentir o formato dos cachinhos nas laterais, os grampos que os seguravam no lugar, e a forma como revelavam a pele suave do pescoço feminino. Adrian abaixou mais a cabeça e encontrou o lugar onde o perfume havia sido espirrado, inalando profundamente e tocando o ponto com a língua.

Ela se sobressaltou, surpresa.

Adrian deslizou os dedos ao longo do lugar que seus lábios haviam tocado, encontrando os tendões, as curvas, sentindo movimento quando ela engolia. Era um pescoço longo e adorável, e imaginou se o tom seria alvo ou dourado.

O queixo era bem desenhado, com uma firmeza que indicava teimosia. Já provara ser teimosa, de modo que aquilo não era uma verdadeira surpresa. E havia a boca sensual. Sorriu, lembrando-se do gosto daquela boca. Maçãs do rosto salientes, uma covinha, uma sobrancelha arqueada, que ele alisou, sentindo a pequena ruga de confusão na testa dela e a pulsação nas têmporas. Os olhos estavam fechados. Adrian roçou-os com o polegar, sentindo os cílios longos descansando sobre as faces. Quando estivessem abertos, saberia que a expressão deles seria atenta, perspicaz, inteligente. Mas pareceria uma criança quando dormindo, calma e em paz.

– Descobriu o que queria? – Adrian ouviu uma ponta de dúvida na voz suave, como se ela temesse que seu desejo fosse descoberto sob aquela inspeção.

– Você é linda. Como sabia que seria.

Sentiu o calor nas faces dela, o ar sendo exalado em alívio, e o jeito que o corpo delgado relaxou ao seu lado, sabendo que a aprovava.

Então segurou-a na nuca e trouxe seus lábios doces para tomá-los, quando se abriram para falar. Uma língua quente tocou a sua ansiosamente, e mãos delicadas pressionaram seus ombros, mantendo-o no lugar, como se ela achasse que, a qualquer momento, fosse recuperar seu bom-senso e rejeitá-la.

Adrian tomou-lhe a boca num beijo profundo e apaixonado, enquanto acariciava o corpo dela por toda parte, sentindo o calor através da trama de seda. Então achou a faixa do penhoar, e deslizou uma das mãos por dentro da abertura, puxando a camisola para cima até alcançar a bainha, daí ergueu-a até os seios, deixando a parte de baixo do corpo delgado coberta apenas pela seda azul do penhoar. Acariciou-lhe as laterais através da roupa, roçando o tecido em Emily, até que ela gemeu de prazer e lutou para se libertar.

Ele riu, esfregando o tecido mais grosso da camisola nos mamilos dela, baixando a boca onde a pele suave já estava desnuda, beijando-a, lambendo e enlouquecendo.

A luta cessou, e ela ficou imóvel, esperando pelo momento em que a desnudasse por completo. Quando Adrian não se moveu, arqueou as costas e gemeu, e ele ergueu-lhe mais a camisola, deleitando-se naqueles seios incríveis, usando a boca, a língua e as mãos.

– Adrian. – A voz dela era torturada, desesperada. – Termine isso rapidamente.

– Só estou começando, meu amor.

– Mas tenho medo... Acho que estou doente... Sinto-me tão estranha... – As palavras foram mastigadas.

E Adrian se perguntou... poderia uma mulher casada ainda ser virgem para seu próprio prazer? Libertou-lhe os seios, diminuindo as investidas para acalmá-la.

– Ficará bem, querida. Mas deve confiar que sei o que é melhor para você. Agora, ajude-me a

remover sua camisola. – Beijou-a na boca novamente, enquanto usava uma das mãos para desamarrar a faixa do penhoar. Ela lutou com as mangas, e entre os dois, conseguiram remover a peça pela cabeça e jogá-lo no chão.

– Agora, recoste-se na seda. Relaxe. Há um lugar em seu corpo tão maravilhoso como a pérola numa ostra. E pretendo tocá-la até que se renda. – Adrian deslizou os dedos no calor das pernas de Emily, entre as dobras femininas, para encontrar o ponto que sabia que a enlouqueceria. Com a outra mão, achou a bainha do penhoar e suas pontas com franjas, subindo uma delas pela barriga reta até os seios, onde provocou seus mamilos com as franjas sedosas.

Ela soluçava agora, tremendo como se lutasse contra a libertação. Então ele abaixou a mão, pressionando o clitóris com o polegar enquanto inseria dedos na intimidade de Emily. Estava quente, apertada e úmida, e logo entraria lá. Enquanto a tocava intimamente, sentiu seu sexo pulsar, para combinar com a pulsação de sua mão, quando o corpo em chamas desistiu da luta e se rendeu.

– Adrian – gritou mais alto do que seu coração acelerado –, sou sua. – Podia senti-la, deitada diante dele, as pernas abertas ao redor de sua mão, pronta para ser tomada.

Pensara em levá-la para cama, em carregá-la se pudesse. Mas era impossível, pois não aguentaria esperar. Curvou os dedos no interior dela, e a fez tremer mais uma vez, enquanto usava a outra mão para abrir os botões da calça, e então tirar do bolso o pacotinho que carregava.

Ela congelou, e em seguida, remexeu-se, contorceu-se, saindo de seu toque.

– O que é isto?

Adrian estendeu o braço para ela novamente.

– Imagino que nunca tenha visto tal coisa. Chama-se preservativo.

– E para que serve? – perguntou ela.

Queria gemer e dizer que não havia tempo para perguntas, colocar o preservativo e penetrá-la. Mas esforçou-se para ser paciente, pelo bem da inocência dela.

– Algumas pessoas chamam isso de preventivo. Pode ser usado pelo homem durante o sexo.

– E o que procura prevenir? – perguntou, distante e fria agora.

Adrian cerrou os dentes para controlar seus nervos e seu desejo.

– Diversas coisas. Doenças, por exemplo.

– Acha que tenho uma doença? – Ela se levantou do sofá, e ouviu a taça de vinho bater na mesa lateral antes de cair no tapete.

– É claro que não. É uma *lady,* e tenho experiência limitada com tais coisas. Mas, por meu comportamento recente, dificilmente posso ser considerado um cavalheiro. E se uma pessoa não pode ver, é melhor ser mais cuidadoso do que o usual, quando decide... – Deixou o resto da sentença em aberto.

– Eu o encontrei ontem, totalmente embriagado numa taverna, brigando com homens brutos. E agora quer que acredite que se preocupa tanto com a própria saúde, e com a saúde de suas mulheres, que se incomoda com uma coisa dessas? – A inocência havia desaparecido agora, substituída pelo tom de voz amargo e exigente que ele ouvira no dia anterior.

– É melhor uma morte rápida numa briga do que uma morte lenta de sífilis. – Ele deu um tapinha no joelho dela, convidando-a de volta a seu colo.

– Vá embora – murmurou, afastando-se ainda mais.

– Isso a chateia tanto? – Pôs o preservativo de volta no bolso, imaginando se seria possível

fazê-la esquecer aquilo.

– Talvez me chateie pensar em você dormindo só Deus sabe com que tipo de mulheres. E então vindo a mim, tratando-me como se fosse ninguém, exatamente como sempre fez. Vá embora daqui – repetiu em voz alta.

– Querida – deu uma risada curta, como se fosse tão fácil reduzir a dor que ela causava –, é melhor assim, realmente. Você é casada, e também sou. Não queremos correr nenhum risco. Suponha que ficasse grávida?

– É claro que não iríamos querer isso. – A voz dela revelava amargura agora. – Por que alguém iria desejar engravidar? É bom que não possa ver, pois tenho certeza que me acharia tão repulsiva que fugiria, depois de alguns poucos dias.

– Não se trata disso, de maneira alguma – murmurou, o desejo sendo substituído por irritação por causa da necessidade tola que ela tinha de o tranquilar. – Estou certo de que você é muito linda, como já falei.

– Mentiroso – acusou, e a palavra acabou num soluço. – Mentiroso. Vá embora. Não me toque. – Enrolou o penhoar de seda no corpo de forma audível para se certificar de que escutasse.

– Estava gostando dos meus toques minutos atrás. Não entendo sua súbita mudança.

– Bem, entendo o bastante por nós. Recusa-se a se deitar comigo de uma forma normal. Então me recuso a me deitar com você de qualquer forma. – Bateu um pé com força suficiente para que ele sentisse as vibrações do chão nas solas de suas botas. – Vá embora.

Adrian se levantou, fechando seus botões, querendo correr para a porta e para a rua, pegar a primeira carruagem que encontrasse e ir para longe daquele lugar, de modo que nunca mais a visse.

E então bateu a canela na mesinha ao lado do sofá, e lembrou que não podia vê-la em absoluto. Nem podia se lembrar do caminho até a porta. Estava mergulhado em vergonha agora, o rosto, sem dúvida, vermelho, sentindo-se fraco e impotente na presença de uma mulher que desejava.

– Sinto muito, mas não irei embora... não posso.

– É claro que pode. Se pensasse, mesmo por um momento, sobre o dano que causou às pessoas que se importam com você...

– Não. Não se trata disso. – O que ela dizia não fazia o menor sentido, e não tinha nada a ver com a confusão que estava sofrendo. – Acredite, neste momento, tudo que eu mais queria era ir embora deste lugar e esquecer esta noite o mais rapidamente que for capaz.

Então Adrian ergueu uma das mãos em resignação.

– Mas precisarei que alguém me dê a bengala e encontre meu casaco e chapéu, pois não posso. Depois, terá de chamar um criado para que me guie até a carruagem, a menos que pretenda me deixar abandonado na rua. Ou talvez queira rir de meus esforços. – Um pensamento lhe ocorreu. – Talvez esse tenha sido seu jogo o tempo inteiro. Diverte-se em me deixar tão excitado, para depois me rejeitar, sabendo como será fácil escapar?

– É claro – retrucou. – Porque tudo que acontece envolve você e seu orgulho, e o que as pessoas irão pensar. Por alguns momentos esta noite, fui tola o bastante para pensar que você não era o homem mais egoísta do mundo. – Empurrou-lhe o ombro para lhe virar um pouco o corpo. A porta está na sua frente. Vá reto.

Não falou mais uma palavra, mas andou ao seu lado, até que ele estivesse no hall de entrada.

Estaria envergonhada da própria explosão, ou tão desgostosa pela fraqueza dele quanto Adrian? Qualquer que fosse o caso, sabia que ela não o queria o bastante para mudar de ideia, pois tocou o sino para chamar um criado.

Enquanto esperavam em silêncio, até que alguém chegasse para levá-lo à carruagem, Adrian tocou seus botões, arranjando as roupas o melhor que podia, verificando se não tinha abotoado a calça de maneira torta, para que quando saísse, não ficasse tão óbvio para todos que saíra apressado de lá. Quando tinha certeza que não ia se envergonhar ainda mais, murmurou:

– E agora, sabe por que tomo tanto cuidado para não espalhar minha semente. Esta maldição que me deixou inútil veio a mim por causa de meu pai, e do pai dele. Não tenho intenção de cometer o mesmo erro, pondo um filho no mundo para ser motivo de chacota. Foi por isso que fugi de meu próprio casamento. E é por isso que não me deitarei com você sem proteção. Lamento se isso a desagrada, mas esse é um fato da vida, e não pode ser mudado. Boa noite, senhora.

Capítulo Oito

EMILY AGUARDOU até que tivesse certeza de que seu marido estava a caminho de casa, antes de se mover da porta. Esperou que não soubesse que ela o observara subir na carruagem para se certificar de que estivesse em segurança. Adrian não era criança. Não precisava de ajuda. E seria ainda mais ferido se ela mostrasse falta de confiança.

Havia algum alívio em saber que suas malas haviam sido levadas para o quarto daquele apartamento. Pelo menos, não seria forçada a voltar para a casa em Eston, e arriscar revelar ao irmão, David, a profundidade de sua tolice.

Mas sentia que precisava compartilhar uma pequena parte da verdade com alguém, se não quisesse enlouquecer. Então gesticulou para o lacaio que acabara de acompanhá-lo até a porta, e disse-lhe que desejava falar com sr. Hendricks, pedindo que fosse, sem demora, buscá-lo em seus aposentos, antes que lorde Folbroke retornasse.

Em seguida, foi ao seu quarto e chamou a criada, pedindo que todas as evidências de seu encontro com Adrian fossem removidas da sala de estar, avisando-a de que iria se vestir de modo mais apropriado para receber uma visita.

Todavia, uma parte sua, recentemente despertada e viva, não queria vestir uma roupa. Queria se deitar na cama e deleitar-se com o toque da seda em sua pele, e nas lembranças das mãos do marido em seu corpo.

Aquela fora tanto a melhor quanto a pior noite de sua vida. Adrian tinha sido tudo que imaginara que podia ser. Gentil num momento, vigoroso no seguinte. Mas sempre ciente das necessidades dela, ansioso para agradá-la antes de tomar o próprio prazer.

E o prazer que lhe dera... Emily passou os braços ao redor de seu corpo, sentindo a seda do penhoar roçar seus seios doloridos. Que Deus a perdoasse, mas ainda o desejava. A pele estava quente pelos toques, e seu corpo protestava, dizendo-lhe que fora uma tola em deixar que o

orgulho impedisse uma união mais completa.

Até que Adrian mostrasse o pequeno pacotinho, praticamente esquecera o quanto sofria pelo fato de seu marido negligenciá-la, ou como estava longe de perdoá-lo. Não pensara além da necessidade imediata do contato íntimo com o corpo dele, além da paixão desenfreada, e até mesmo da pequena possibilidade de que poderia gerar um filho de Adrian.

Era para isso que tinha ido a Londres, afinal de contas. E uma vez que a ideia se plantara em sua mente, crescera ali, como o bebê que queria que crescesse em seu útero. Se não podia tê-lo, então talvez pudesse ter uma pequena parte dele, para criar e amar.

Mas agora parecia que esta havia sido a precisa razão pela qual a deixara. No estado atual de espírito em que Adrian se encontrava, mesmo se voltasse a Derbyshire por um tempo, a fim de apaziguar o primo, recusaria-se a tocá-la. Morreria de maneira impulsiva, como o pai, e a deixaria sozinha, exatamente como Emily temia.

Mesmo fingindo que não era sua esposa... as coisas não tinham sido como esperara. Imaginara que a separação tivesse acontecido por um motivo pessoal. Adrian a evitava em particular, mas entregando-se com abandono, de corpo e alma, a qualquer outra mulher que lhe agradasse. No anonimato, Emily poderia ter tido uma parte do que outras recebiam dele. Mas parecia que o ato era apenas uma gratificação de uma necessidade física, e nunca houvera confiança do lado dele. Adrian mantinha-se distante dela e de qualquer outra mulher com quem se deitasse.

Um lacaio bateu à porta para avisar que Hendricks a esperava na sala de estar. Sua criada, Hannah, deu o último puxão no cinto do vestido, e Emily foi cumprimentar seu visitante. Mas entrar na sala de estar lhe trouxe uma série de lembranças embaraçosas, e se apressou para se sentar no sofá diante do fogo, gesticulando para que Hendricks ocupasse a poltrona oposta.

– Minha *lady*? – Pelo jeito que a olhava, imaginou se alguma pista permanecia na sala, ou em sua pessoa, que indicasse o que acontecera há pouco mais de uma hora. Observou-a muito atentamente quando entrou, o olhar se demorando em seu vestido, em seu corpo e em seu rosto, de uma maneira muito inapropriada.

– Quer saber o que ocorreu, suponho? – disse Emily, tentando não demonstrar seu fracasso.

– É claro que não. – O pobre homem devia ter percebido que a encarava de modo impróprio. Desviou os olhos depressa e ficou vermelho, provavelmente temendo ter sido tirado da cama para receber alguma revelação muito pessoal da parte dela.

– Não tem nada a temer – disse Emily em tom ríspido. – A noite transcorreu sem incidentes.

– Sem... – Hendricks a fitou e ajeitou os óculos no nariz, como às vezes fazia quando estava surpreso. Mas por trás das lentes, os olhos se estreitaram, como se duvidasse de sua palavra.

– Bem, quase sem incidentes – respondeu, tentando achar uma maneira apropriada de explicar. – A situação é muito mais complicada do que temia. Quando vim a Londres, assumira por anos que Adrian não gostava de mim, e por isso me abandonou na fazenda. Sendo assim, achei que não houvesse futuro para nós, além do arranjo que fizemos. Não podemos mudar a natureza de uma pessoa, afinal de contas.

– Mas nossa separação não é por minha causa, em absoluto. Ele me evita porque quer morrer sem motivo. Acredita que ao fazer isso, ao deixar o título para Rupert, pode eliminar para sempre a fraqueza da família... o que é uma grande bobagem. Mas isso significa que sou a última mulher no mundo que deseja conhecer.

– Mas a ideia dele tem algum mérito – murmurou o criado de maneira sensata. – É algo lógico

querer um herdeiro saudável, e acreditar na possibilidade de que seu filho compartilhe da deficiência.

Fitou-o com raiva.

– Não me importo com lógica. Tenho certeza de que, se examinarmos a história da família, descobriremos que alguns dos condes desta mesma linhagem tiveram vidas longas e bem-sucedidas, com visão total até o último dia. Assim como muitos de seus filhos e filhas tiveram. E é bem possível, se examinarmos a ascendência de Rupert na árvore familiar, que encontremos problemas similares de cegueira lá. O pai de Rupert estava quase cego antes de morrer, não estava?

Hendricks assentiu.

– Mas ninguém deu importância a isso, porque ele não era um Folbroke.

– Então os problemas de Adrian são... que Deus me perdoe pela expressão... de visão limitada. Foi apenas uma anomalia médica que causou a deficiência nos últimos três condes, e não uma maldição terrível sobre o herdeiro Folbroke.

– A linhagem precisaria de sangue inteiramente novo para resolver o problema – admitiu Hendricks.

– Que democrata – comentou seca. – A seguir, vai sugerir que me acasale, como uma égua, com alguém saudável, para o bem da sucessão. – Tremeu com repulsa. – Acredito que devo ter alguma escolha na questão. E goste ou não, escolho o marido que já tenho. Talvez Adrian pense que nosso casamento foi forçado. Mas desde o primeiro momento em que posso lembrar, jamais quis outro homem, e isso não mudará agora que descobri a situação em que ele se encontra. – Emily sentou-se ereta e pegou um lenço no bolso, a fim de remover um cisto que fazia seus olhos lacrimejarem. – Nem sempre queremos a pessoa que é a melhor para nós, infelizmente.

– Os poetas nunca disseram que o caminho do verdadeiro amor fosse fácil – acrescentou Hendricks num tom de voz lastimoso.

– Nenhum poeta foi necessário para provar isso esta noite.

– Então contou quem é?

– Certamente não – respondeu, e ficou irritada ao notar o lapso em sua própria lógica. A compreensão atual que tinha de seu marido não negava a compreensão anterior. Embora Adrian fosse muito atencioso com ela enquanto a considerava uma estranha, não mencionara os sentimentos que nutria pela esposa. – A situação já foi difícil o bastante, sem trazer minha identidade à conversa. Se soubesse que sou sua esposa, teríamos – deu de ombros, embaraçada –, chegado muito menos perto da coisa que ele evitava do que chegamos.

Hendricks a olhava com um tipo de curiosidade horrorizada. Emily falara demais, tinha certeza. Com um aceno da mão no ar, como se pudesse apagar as palavras faladas, continuou:

– Estou certa de que, se tivesse contado a Adrian minha identidade, ficaria furioso por ter sido enganado. Seria melhor, acho, esperar até que possa encontrar alguma maneira de explicar. E um momento em que esteja de ótimo humor. – E que Hendricks ficasse pensando o que poderia melhorar tanto o humor de seu patrão.

Emily continuou:

– Mas esta noite, saiu zangado daqui. E foi culpa minha. Discutimos sobre... uma coisa. E quando o mandei embora, esqueci que Adrian não enxergava e não podia encontrar o caminho até a porta. Vê-lo parado ali, orgulhoso, todavia, impotente... – E agora, quando levantou o lenço,

não pôde negar que era para secar uma lágrima. – Precisa de mim.

– Isso é verdade, *lady*. – Hendricks pareceu relaxar na poltrona, como um homem que achara um pedaço de terra firme depois de se perder no pântano.

– Preciso que entregue outra carta para ele, similar àquela que entregou esta manhã. Só Deus sabe se a receberá bem, pois tenho certeza de que Adrian ficou furioso depois da maneira como me comportei hoje. Mas quero tentar novamente, amanhã à noite, ganhar a confiança dele.

QUANDO ADRIAN acordou na manhã seguinte, a falta de dor de cabeça tornou os sentimentos de arrependimento ainda mais agudos. Voltara a seus aposentos, pronto para desabafar com Hendricks sobre os caprichos da mente feminina. Mas o homem, que parecia não ter vida fora do trabalho, escolhera aquela noite para sair de casa.

E então Adrian pensara em encontrar uma garrafa e uma mulher mais sensata. O álcool levantaria seus ânimos, e uma prostituta não recusaria as preferências de qualquer homem com dinheiro para comprar seu tempo. Na verdade, as mulheres daquele ramo geralmente ficavam aliviadas que um cliente desperdiçasse tempo para se proteger.

Mas uma mulher nobre não teria tal compreensão. Para ela, a mera menção de um preservativo era um insulto grave. Querer dizer que não era limpa o bastante. E fazer isso com uma mulher que já tinha sentido a dor da rejeição?

Qualquer frustração que Adrian sentisse depois daquela noite era sua própria culpa. E seu desconforto era provavelmente uma punição merecida por deixar a mulher acreditar que era digno dela, para depois desapontá-la e insultá-la. No final, ele pedira um único copo de uísque e levara a sua cama grande e vazia.

Esta manhã, o farfalhar das cortinas veio, como de costume, mas a luz do dia que se seguiu pareceu mais um brilho gradual do que um rompante de fogo.

– Hendricks.

– Sim, meu lorde.

– Ainda é de manhã, não é?

– São 10h30. Recolheu-se cedo.

– Mais cedo do que você, parece.

– Sim, meu lorde. – Seu secretário não mostrou interesse em compartilhar as atividades da noite anterior, e lamentou a perda de camaradagem fácil que tinham compartilhado enquanto lutavam juntos em Portugal. Naquela época, saíam juntos, ou dividiam histórias sobre suas explorações durante o café da manhã seguinte.

– *Lady* Folbroke requisitou meus serviços.

E aquele era o verdadeiro motivo do rompimento das relações amistosas, mais do que a desigualdade de status entre os dois, ou sua dependência crescente. E por um momento, imaginou se haveria uma razão para a hora que Hendricks a visitara. Que momento melhor para encontrá-la, do que quando tinha certeza de que o marido dela estaria ocupado em algum outro lugar?

– Ela está bem, creio?

– Quando a deixei, sim.

Isso implicava que ficava melhor quando na companhia de Hendricks? Formariam um casal

bonito, similares em tom de pele ewdisposição, sérios, porém inteligentes. Entretanto, a ideia o perturbou, e Adrian forçou-se a reprimir a imagem dos dois que se formara em sua cabeça.

– Parabenizo-o pelo sucesso. Gostaria que minha própria noite tivesse sido boa. Parece que não sou mais uma boa companhia para uma *lady,* pois não posso passar algumas horas na presença de uma insultá-la.

Hendricks não pediu detalhes, nem se ofereceu para corrigir quaisquer mal-entendidos sobre as atividades dele. Adrian ouviu o barulho do jornal da manhã na correspondência.

– Deseja que leia as notícias, meu lorde? Ou devo começar pela correspondência?

– A correspondência, acho. – Se não pretendia ir ao parlamento quando houvesse uma sessão, então ouvir as notícias do dia apenas o fazia se sentir inútil.

– Há somente uma carta aqui. E é similar àquela que recebeu ontem.

– Similar de que maneira? – Duvidava de que seria similar no conteúdo, depois da forma como tinham se separado.

– Na letra, e na falta de endereço de remetente. A cera é a mesma, porém sem carimbo. Não a abri. – Hendricks fez uma pequena pausa. – Achei melhor esperar suas instruções.

A situação embaraçosa da noite anterior ainda estava fresca em sua mente, e parte dele queria jogar a carta no fogo, sem ler. O que ela teria enviado, logo depois de sua partida? Uma crítica furiosa? Uma dispensa curta? Palavras floridas de amor ou uma descrição das atividades no sofá eram improváveis. Mas estas pareceriam estranhas hoje, pronunciadas pela voz grave de Hendricks, enquanto tentava não imaginá-lo fazendo coisas similares com Emily.

Controlou seus nervos e disse, o mais natural possível:

– Melhor ler, suponho, no mínimo para satisfazer minha curiosidade.

Houve um ruído de papel quando o selo de cera foi aberto, e Hendricks desdobrou o bilhete:

“Perdoe-me. Se aceitar este pedido de desculpas, retorne esta noite.”

Então, mesmo depois da noite anterior, ainda queria vê-lo. Sentiu-se tanto aliviado quanto envergonhado acreditar ser ela quem devia se desculpar... assim como se sentiu muito afortunado por ter uma nova chance.

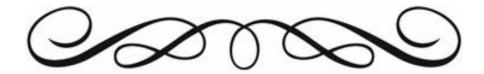
Mas o risco de outra rejeição valeria a pena? Se quisesse brincar com ele, então que assim fosse. Mesmo depois dos desastres das noites anteriores, Adrian sentia o sangue ferver com o pensamento de beijá-la novamente, e de que permitisse tomar mais liberdades do que ele já supora.

Adrian sorriu para o secretário, que perguntou de maneira gentil:

– Haverá uma resposta?

As coisas que queria lhe dizer passaram por sua cabeça apressadamente, enquanto percebia que teriam de ser filtradas pelo pobre Hendricks, que se sentiria tão desconfortável quanto Adrian. Nunca antes o forçara a escrever uma carta de amor, e não faria isso hoje.

– Normalmente, enviaria uma resposta imediatamente. Mas ela não ofereceu endereço. E depois de diversas horas na companhia da mulher, ainda não sei como chamá-la, pois não me deu sequer seu primeiro nome. Se quer continuar fazendo mistério, não faço objeção. Mas por castigo, ficará sem saber de meus sentimentos até que a encontre esta noite.

Capítulo Nove

EMILY ANDAVA de um lado para o outro no hall de entrada do apartamento alugado, incapaz de conter a agitação diante do pensamento do encontro noturno. Ela esperara com nervosismo por alguma resposta do marido. Durante a tarde, uma resposta apressada chegara, diretamente de Hendricks, dizendo-lhe que poderia esperar uma visita naquela noite. Mas não houve menção de como Adrian reagira, se ficara zangado, feliz ou indiferente com o convite.

Estava tão aliviada quanto irritada por isso. Embora fosse lisonjeiro pensar que sua rejeição não reduzira o interesse dele, não podia esquecer que seu marido acreditava estar indo ao encontro de uma estranha, com a intenção de traí-la.

Mas então, lembrou-se dos sentimentos que havia experimentado na noite anterior. As coisas que fizera eram tão diferentes do comportamento de Adrian durante a primeira semana do casamento que mal podia acreditar que era a mesma pessoa. Se uma revelação de sua identidade significasse que retornariam à fazenda para uma vida conjugal estéril, Emily preferiria ser o objeto misterioso da sua infidelidade.

Às 8h em ponto, ouviu-se uma batida à porta. Antes que o servo pudesse chegar, Emily abriu a porta e puxou Adrian para o hall de entrada.

No começo, resistiu, não querendo ser ajudado. Mas, então, reconheceu o toque dela e se submeteu, tateando para fechar a porta.

Antes que pudesse falar, Adrian a agarrou, a bengala na mão esquerda encostando verticalmente na coluna de Emily, quando a beijou. Foi um beijo longo e ardente, enquanto a pressionava contra seu corpo e levava uma das mãos entre os dois para desabotoar o botão do topo da capa com a mão direita. Com a capa aberta escondendo-os de possíveis observadores, começou um exame cuidadoso de seu vestido com os dedos.

– Um vestido esta noite, minha querida? Com medo de arriscar uma camisola novamente,

percebo. Mas o que é isto aqui, entre rede e pérolas? – Uma das mãos grandes segurou um dos seus seios. – Não se incomodou com espartilho. Isso é uma coisa boa para um homem cego. Posso ler sua resposta à minha chegada com um único toque.

– Está indo rápido demais – observou ela, mas não fez esforço para afastar a mão que roçava seu mamilo sensível.

– Eu estou – admitiu Adrian. – E tinha pretendido deixá-la à vontade com meus bons modos, esta noite. Já fracassei.

– Não importa. Estou feliz que voltou. E desculpe-me por ontem à noite.

A mão de Adrian deixou seu seio e encontrou os lábios, então colocou um dedo neles para parar o pedido de desculpas.

– Sou eu quem lhe deve desculpas. Fui eu quem a ofendi. Tratei-a como trataria alguém que não significa nada para mim.

– Como deveria ser. Afinal de contas, mal me conhece.

– Agora, talvez. Mas gostaria de conhecê-la melhor. – Baixou a cabeça para encostá-la na dela, testa com testa. – Não poderia entender meus motivos para me comportar como me comportei. E não lhe dei razão para tentar. Pensei apenas em minhas próprias necessidades, que eram urgentes, e não ofereci explicação para isso.

– Está tudo bem. Não importa.

– Importa. Magoei você. Fiz com que se sentisse indigna de amor. Mas este não é o caso.

Emily havia colocado uma mão na frente do colete dele, sobre o coração, e Adrian a segurou ali. Permaneceram parados daquela forma por um tempo, como se fizesse décadas desde que tinham ficado juntos pela última vez, e não horas. E para ela, fazia. Porque, como algumas noites preencheriam o vazio criado por três anos de separação?

E ao pensar no seu casamento, sentiu a velha insegurança voltar, a falta de ar, o terror de fazer alguma coisa errada na presença do marido e estragar aquela intimidade repentina. Finalmente, murmurou na lapela de Adrian:

– Jantar?

Adrian gemeu frustrado e a envolveu em seus braços.

– Seria possível comermos alguma coisa leve e nos sentarmos diante do fogo? E tenho todos os motivos de conversar esta noite, antes que alguma coisa aconteça entre nós. Mas não precisa me manter de seu lado oposto de uma mesa para garantir bom comportamento.

Ficou surpresa em descobrir que estava tão intimidado com uma refeição formal quanto ela se sentia em conversar com ele.

– Muito bem. Pedirei que os criados preparem alguma coisa simples para nós, se é isso que deseja. Venha.

Conduziu-o ao sofá, pediu que uma bandeja de frios e pães fosse levada a eles, com vinho e frutas. Então, sentou-se ao lado de Adrian e ofereceu uma uva.

– Não pense nem por um momento em me negar o prazer de ajudá-lo.

– Se isso significa que irá se sentar pertinho de mim e me deixar beijar as migalhas de seus dedos, então, é claro. – Pegou a fruta da mão de Emily e falou com a boca cheia: – E enquanto comemos, irá me contar sobre seu marido.

– E... por que faria isso? – Ela apressou-se em lhe oferecer mais comida, desejando que tivesse um jeito de levá-lo à mesa, de modo que pudessem ficar igualmente desconfortáveis.

Adrian sorriu e limpou o canto de sua boca com um guardanapo.

– Admito que há certos atrativos em encontros anônimos. E uma definitiva falta de culpa em se separar de uma estranha. Mas fazia muito tempo que não me sentia disposto a fazer papel de tolo para uma mulher. Quando saí daqui, queria estar zangado, culpá-la por todo o ocorrido, e esquecer o incidente. Mas pensei nisso a maior parte da noite, e a maior parte do dia de hoje, também. Quero saber o significado de suas palavras.

– O que disse que você não entendeu? – Emily deu um gole do vinho para se fortificar.

– Pareceu mais ofendida por temer que eu a engravidasse do que se eu pudesse pensar que tinha sífilis. Talvez fale que não tenho o direito de perguntar, mas fico tentando imaginar seus motivos para se deitar comigo, e temo que esteja procurando algo mais do que somente prazer. Se não puder me dar uma explicação adequada, então terei de deixá-la. – Pegou-lhe a mão e a apertou. – Mas quero muito ficar.

Emily recostou-se no sofá e bebeu outro gole do vinho. Aquele era um momento tão bom para explicar quanto outro qualquer, supôs.

– Para fazê-lo entender, devo contar sobre meu casamento. Meu marido e eu ficamos juntos por um breve período. E embora vivêssemos sob o mesmo teto, ele mal falava comigo. Na verdade, parecia evitar a minha companhia.

Adrian emitiu um gemido de incredulidade.

– Não posso acreditar nisso.

– Em defesa do meu marido, mal tinha coragem de falar na presença dele. Eu o temia.

– Isso me surpreende – disse. – Pareceu corajosa na primeira vez em que a conheci. Possui uma maneira direta e inteligente de falar que é muito revigorante.

– Obrigada. – Ela corou. Pois embora o elogio chegasse de maneira inesperada, era bem-vindo.

Ele traçou um dedo ao longo de seu rosto.

– Se fosse casado com você, conversa teria sido a última coisa na minha mente.

– Oh, verdade? E qual teria sido a primeira?

– Levá-la para cama, é claro. Exatamente como quis fazer quando a conheci.

– Então, obviamente não é o homem com quem me casei – murmurou Emily. – Porque nas vezes que visitou meu quarto...

Adrian arqueou as sobrancelhas.

– Três vezes?

– Sim.

Ele riu.

– Quer dizer, na primeira noite, é claro.

Ela fez uma careta. Não se reconhecia nem mesmo na dica óbvia que lhe dera.

– Quero dizer, no total. Lembro distintamente. Quantas mulheres podem, depois de vários anos de casamento, lembrar o exato número de visitas conjugais e contá-las em menos de uma mão?

– É bizarro.

– Concordo. – E Emily esperava que o tom gelado em sua voz pudesse ajudar a despertar alguma memória no homem ao lado.

– E essas visitas – pigarreou como se quisesse reprimir uma risada – foram memoráveis de

alguma maneira?

– Lembro-me de cada instante, pois foram minhas primeiras e únicas experiências desse tipo.

– E como as descreveria?

Sua timidez esquecida, terminou o vinho num único gole e disse:

– Em uma palavra? Decepcionantes.

Pareceu perplexo por aquilo.

– Não foi gentil com você? Não considerou sua inexperiência?

– Pelo contrário. Ele procedeu com gentileza e com muito cuidado.

– Então qual foi o problema?

Emily quase gemeu em frustração, pois era óbvio que não tinha nenhuma memória do que havia sido a semana mais importante da vida dela.

– Deixou claro que não gostava de minha companhia. Minha defloração foi feita com eficiência marcial, num ritmo que teria sido mais apropriado a uma marcha do que a um divertimento. E então, ele voltou a seus aposentos, sem uma palavra.

Adrian bufou, antes de conseguir se controlar novamente.

– Sabe pouco sobre o exército, se acha que homens no... calor da batalha... – E então, como se lembrasse do que falava com uma *lady,* parou. – Bem, esqueça. Mas está certa em pensar que tal rigor pode não ter sido prazeroso para seu marido. E lhe contou, no dia seguinte, que ficou insatisfeita com sua performance?

– Como poderia? Era inocente no assunto. Por tudo que sabia, era daquela forma para todos. Antes disso, observei-o por anos, sonhando como poderia ser. E a realidade não foi como esperava. Mas quando uma pessoa mal consegue falar sobre o tempo com o marido, como pode explicar-lhe que tinha esperado mais de uma noite de amor na cama?

– Entendo. – Adrian pôs uma das mãos na sua, num gesto de conforto.

– E na próxima noite foi o mesmo. E então na próxima. – Ela estava quase tremendo de raiva com a lembrança daquilo, e com o retorno da vergonha. – E depois, parece que ele desistiu de nosso casamento, como quem desiste de um emprego ruim. Quando a noite chegou, um criado me informou que meu marido jantaria com amigos, e que não deveria esperar pela companhia dele. E logo depois, mudou-se para Londres e nunca mais voltou.

Adrian ergueu a mão para lhe acariciar o rosto novamente, e Emily recuou, tentando esconder as lágrimas de vergonha que haviam escorrido espontaneamente enquanto ela relatava a história.

– E durante todo esse tempo, pensou que a culpa fosse sua, de alguma maneira?

– O que mais poderia pensar? E quando veio a mim, com aquela... coisa, questionei-me se havia algo errado comigo, já que um homem que queria não desejava me tocar como deveria.

Adrian riu.

– Isso não é crédito para meu gênero, mas lhe asseguro que há pouca coisa que um homem pode rejeitar quando tem grande apetite. Não encontrei nada a seu respeito até agora que me levaria a acreditar que é capaz de induzir tal reação. Devo dizer, depois de examiná-la intimamente ontem à noite, que é docemente formada e pura tentação. Reduziu-me a tal estado quando me mandou embora que, mesmo com olhos bons, duvido que tivesse encontrado a porta.

– Verdade?

– Se o homem com quem se casou fosse saudável, teria respondido de maneira diferente.

– Se fosse saudável – repetiu ela.

Adrian assentiu.

– Consequentemente, devemos assumir que a culpa é dele. Suspeitaria de impotência.

Emily engasgou com um pouco de pão, e apressou-se para se servir de outra taça de vinho.

– Realmente?

Assentiu mais uma vez.

– Falta de habilidade de ter uma performance efetiva, por mais que estivesse tentado. E seu marido saiu de seus aposentos antes que notasse que ele tinha dado tudo que podia. Ou isso, ou uma atração por outros homens.

– Oh, duvido muito dessa possibilidade – disse, aliviada por não poder ver seu sorriso.

– Não é algo tão incomum, sabia? Quando encontrá-lo em Londres, é bem possível que descubra que o relacionamento dele com um dos amigos é... estranhamente íntimo.

– Entendo.

– Mas qualquer que seja o caso, o problema não tem nada a ver com você, ou com seus atrativos para membros do sexo oposto.

– Acha mesmo?

– Não tenho dúvidas. Casou-se com um tolo, muito envergonhado para admitir o próprio defeito. E isso lhe causou sofrimento.

– Quando colocado dessa forma, acho que esta é uma avaliação bastante precisa da situação. Obrigada por sua opinião. – Porque, embora não o considerasse um tolo, *per si,* parte da sentença era verdadeira.

Contudo, não parecia provável que o Adrian sentado a seu lado agora cometesse os mesmos erros do passado. Ele pegou o copo de sua mão e pôs sobre a mesinha. Então trilhou os dedos ao longo de seus braços, traçando uma linha do ombro ao pescoço. O gesto a fez se sentir elegante, graciosa, desejada.

– Não pense mais nisso. – Beijou-a no ombro.

– Às vezes, acho difícil pensar em qualquer outra coisa – admitiu. – Quando estou sozinha, de noite.

– E insatisfeita – sussurrou ele. – Esta é uma condição facilmente remediável. Permita-me.

– Permitir o quê? – Afastou-se, de alguma maneira surpresa pelo tom rouco na voz dele.

– Permita-me provar, como fiz ontem à noite, não há nada errado com você. E que a decepção que experimentou nas mãos de seu marido idiota não precisa ser repetida.

– Oh. – A exclamação dela foi parte suspiro, parte gemido, pois lábios quentes estavam em seu pescoço, roçando o ponto onde a pulsação batia freneticamente. – Mas ontem à noite, disse que não poderia se deitar comigo sem usar aquela coisa que trouxe. E acho que não gostaria nem um pouco daquilo. – Porque, apesar de desejar ter o bebê de Adrian, subitamente Emily desejava ainda mais sentir seu marido, lá dentro, sem barreiras, e tão louco por ela como parecia estar.

Parou os beijos e olhou para o rosto dela, os olhos cegos, mas ainda procurando alcançá-la, a fim de fazê-la entender.

– Se isso é tão importante para você, então acho que não poderei lhe dar o que deseja. Só existe uma mulher no mundo que poderia exigir tal intimidade de mim. Se nego isso a ela e digo a mim mesmo que é para o seu bem, mas me entrego livremente a outras, estarei sacrificando o último fiapo de honra que me resta. – Sem pensar, ele tocou o bolso de seu casaco, num lugar sobre o coração.

– O que está pegando, agora? – perguntou.

– Nada. É tolice. E certamente não é a hora...

Emily ignorou seus protestos, deslizou a mão no bolso do paletó e removeu uma miniatura, não maior que um medalhão. Ela se lembrava de ter posado para a pintura quando tinha 16 anos. Estava com uma aparência horrível na época, tinha acabado de se recuperar de uma gripe.

– É a minha esposa, Emily – disse suavemente.

Sem pensar ela respondeu:

– Não é um retrato muito fiel – esquecendo-se que não teria meios de saber disso. – Estas pinturas nunca são.

Sorriu e pegou a miniatura de sua mão, abrindo o medalhão e passando um polegar sobre o marfim no qual a pintura estava feita.

– Talvez não. Mas pouco importa, porque faz algum tempo que não vejo a imagem claramente. Ainda assim, gosto de olhar para ela. – Colocou a miniatura à sua frente, fingindo que podia vê-la, então a passou para Emily.

A questão da semelhança não era mais um problema. No lugar que Adrian tocara a miniatura, removera a tinta do marfim, borrando-lhe os olhos e deixando apenas uma mancha branca no local onde os lábios deveriam estar.

– Era uma garota doce – disse ele, sorrindo e estendendo o braço para pegar a miniatura mais uma vez. – E pelo que ouvi dizer, tornou-se uma bela mulher.

– Não sabe disso?

– Faz muitos anos que não a vejo, e Emily mudou durante a minha ausência. Cuida dos negócios da fazenda tão bem... se não melhor... do que eu cuidaria. Assino os papéis necessários quando os envia para mim, é claro. Mas as decisões de Emily são sensatas, e não tenho motivo para questioná-las. Minhas terras dão lucro devido à sabedoria dela.

– Você não a trata melhor do que seus administradores, então?

– Dificilmente – replicou. – Nossas famílias são velhas amigas, e quando nos casamos, estávamos noivos há anos, prometidos um para o outro quase desde o berço. Não tive problemas com isso, no começo. Mas então, descobri o destino de meu pai, e de meu avô, antes dele. – Adrian deu de ombros. – Ficou claro que não poderia existir um casamento normal entre nós. Mas não parecia justo cancelar o acordo. Era provavelmente a melhor oferta que a garota receberia.

– Quanta prepotência – murmurou ela.

– Mas essa é a verdade. O meu título é antigo. A casa e as terras são suficientes para tentar qualquer mulher. No momento em que me casei com Emily, estava quase sem chances de arranjar um casamento. Esperei que ao negligenciá-la, a afastaria de mim. Mas esperou pacientemente que voltasse do exército, quando poderia facilmente estar frequentando Almack, em busca de um homem melhor.

– Ou poderia ter se casado com ela mais cedo – apontou Emily. – Em vez de arriscar seu título, comprando uma patente.

– Verdade – concordou Adrian. – O exército é uma escolha melhor para um segundo filho. Ir à batalha é perigoso para um herdeiro. Meu primo Rupert ficou radiante, é claro. – Quando ela não perguntou, acrescentou: – É o próximo na linha para Folbroke.

– Entendo – respondeu ela para esconder sua falta de ignorância sobre o assunto. – Está

contente que irá sucedê-lo? É digno do título?

Adrian franziu o cenho.

– Rupert é meu parente do sexo masculino mais próximo. Não importa se é digno ou não.

– Então acha que ele não é, ou teria me dado uma resposta afirmativa, sem hesitação – apontou.

– Não é cego – disse Adrian, como se isso respondesse tudo. – E se o desejo por um condado for um indicador de mérito, então merece mais do que eu. Rupert quer o título mais do que eu quis algum dia. Do meu lado, esperei que Napoleão acabasse comigo antes de ter de admitir a verdade para Emily. Depois que me fosse deste mundo, isso não seria mais problema meu. Morreria gloriosamente, e nunca teria de enfrentar o futuro. Em vez disso, uma explosão me cegou, e fui enviado para casa. O cirurgião me disse que o dano causado em meus olhos era temporário, mas sei que não é.

– E explicou isso a sua preciosa Emily?

Ele meneou a cabeça.

– Sou um covarde, e aí está a prova disso. Considero o irmão de Emily um grande amigo e companheiro, e nem mesmo ele sabe.

– Há conforto nisso, suponho. – Pois Emily duvidava que sobreviveria à vergonha se David escondesse o segredo dela, como Hendricks fizera.

– Certifiquei-me de que nada lhe falte, durante minha vida ou depois – disse, como se isso justificasse sua atitude negligente. – Emily é a minha condessa, com todo o conforto e liberdade que o título permite. Possui livre acesso às contas, e pode gastar como achar que deve. Tudo que tenho, fora da herança, está em seu nome.

– E acha que isso irá satisfazê-la, enquanto espera por seu retorno, nunca sabendo o que aconteceu?

– Duvido que sinta muito a minha falta. Alguém me informou que pretende ter um amante.

– E quem lhe diria uma coisa horrível dessas? – Uma vez que só recentemente descobrira que ele se importava, nunca lhe ocorrera que seu marido pudesse desenvolver uma visão exagerada da vida amorosa da esposa.

– Hendricks, meu secretário. É o homem que ajudou você a sair da taverna, duas noites atrás. Ele faz viagens frequentes e age como meus olhos e ouvidos no que diz respeito à Mansão Folbroke. Quando volta à cidade, questiono o pobre homem, sem misericórdia, sobre Emily. – Deu uma risada triste. – Recentemente, está tendo muita dificuldade em relatar o comportamento dela. Hendricks não fala nisso, é claro, mas também sente uma atração por ela. E não ficaria surpreso se Emily retornasse às atenções dele.

– Certamente não! – Embora Hendricks fosse um homem atraente, a ideia de que o escolheria sobre Adrian era tão ridícula que mal podia suportar ouvir aquilo.

– Oh, sim, minha querida. Uma pessoa não precisa de olhos para ver uma coisa dessas. – Adrian deu de ombros. – Quando consigo que Hendricks fale sobre Emily, posso perceber que o respeito que tem por ela é maior que aquele normalmente mostrado por um criado. Forço-o a se sentar comigo, compartilhar um uísque, para que destrave a língua e me conte sobre as proezas dela. E, através de Hendricks, eu passei a acreditar que tenho a esposa mais inteligente que um homem poderia desejar.

– Exceto que acha que é infiel.

Podia ver um músculo saltando no maxilar de Adrian, como se o assunto o perturbasse mais do que estava disposto a admitir.

– Tenho apenas expectativas realísticas em relação à minha esposa. Eu a abandonei. E não pretendo voltar. Se merecesse a fidelidade de Emily, estaria com ela esta noite. Mas não irei aprisioná-la com os cuidados de um inválido. Também não quero viver ao lado dela como um irmão afetivo, deixando-a intocada para lhe poupar o risco de carregar meu filho deficiente.

– Mas não acha que, se continuar agindo dessa forma, talvez o seu herdeiro possa ser gerado por outro homem?

– Sim, é claro que já considerei o fato. – Ele falou em um tom de voz ríspido e frio. – Se escolher seu amante com o mesmo cuidado que faz todos os negócios, então a criança será forte e terá boa visão. Mas se a engravidasse, não é possível saber o que aconteceria. E isso a deixaria presa para cuidar de mim. Acabaria tendo de cuidar de duas crianças, pela maneira que provavelmente estarei dentro de poucos anos. – Adrian deu uma risada sem humor. – Gostaria de ir e dizer que ela precisa limpar meu queixo quando a colher não pode encontrar minha boca? Ou amarrar barbante em minhas roupas, de modo que possa encontrar o caminho do quarto?

– Tenho o observado, e a situação não é tão ruim assim – argumentou ela. – Você se vira muito bem sozinho, quando está em redondezas familiares.

– Mas não tenho evidências de que Emily iria se adaptar tão bem quanto se adaptou, quando confrontada com minha deficiência. Você tem sido incrivelmente compreensiva, e nosso arranjo, por mais agradável que espero que seja, é temporário. Mas Emily não poderia carregar este fardo por uma vida inteira. Fechou o medalhão, e o guardou de volta no bolso.

– Não, aparentemente, nem mesmo quer questioná-la para saber o que ela deseja.

– É o que desejo que me preocupa – disse. – E não quero que meu herdeiro seja cego, nem que minha esposa me olhe com pena, sabendo como é fácil esconder a verdade de um marido que não pode vê-la.

– Não pode confiar que seja honesta. – E, na verdade, ela não era.

– Preferiria que me traísse sem estar presente do que se estivesse. – Adrian riu novamente. – De qualquer maneira, não poderia ver.

– Você é horrível.

– Mais uma prova de que minha esposa está melhor sem mim.

Adrian estava rindo dela, e do casamento dos dois.

– E já pensou, mesmo por um momento, como sua esposa pode se sentir por ter sido abandonada, sem nenhuma explicação? Ela se culpa. – Emily secou a primeira lágrima dos olhos com a manga, lembrando-se de que aquilo era impróprio e infantil, e que não havia como saber o que a esposa dele pensava. Então acrescentou: – Ou assim imagino.

Observava-a intensamente. Ou melhor, ouvia-a intensamente. Ela podia dizer, pela leve inclinação da cabeça de Adrian, que ele notara seu soluço abafado.

– Está pensando no seu casamento de novo, não?

– Talvez.

– E prometi que não lhe daria razão para isso. – Puxou-a para mais perto e lhe beijou a testa, depois o rosto. E então a boca novamente, a língua movendo-se na sua de maneira lenta e suave, antes de intensificar o ritmo, como se quisesse lhe despertar de novo a felicidade. Sussurrou nos lábios dela:

– Deixe-me apagar esta dor.

Não sabia mais com quem Adrian estava falando. Pretendia fazê-la esquecer-se do marido? Ou precisava se libertar-se de sua querida Emily, que, mesmo agora, poderia estar deitada nos braços de seu amigo mais confiável?

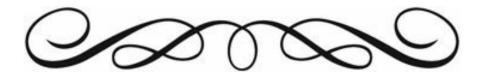
Não importava. Queria o mesmo que ele: que a dor que carregava por tanto tempo fosse embora, e queria se sentir necessária e desejada pelo homem que a abraçava.

– Sim – sussurrou ela em resposta.

– Se você me permitir em sua cama esta noite, provarei que é possível satisfazer ambas as necessidades, as minhas e as suas. Sentirá muito prazer e nenhum arrependimento amanhã, eu prometo.

Emily rodeou-lhe o pescoço com as mãos e agarrou-se a ele, não se importando com nada, exceto com a sensação do corpo de Adrian, perto do seu depois de tanto tempo.

– Contanto que possamos estar juntos, basta.

Capítulo Dez

– ADRIAN, POR favor. Chega. Está quase amanhecendo, e juro que estou exausta. – Emily riu, porque nunca se imaginara falando aquelas palavras, muito menos para seu marido.

– Tem certeza, menina atrevida? – Levou as mãos às pernas dela novamente, segurando-lhe o sexo sob a palma de sua mão. – Embora tenha me deixado muito fraco para outra rodada, não acho possível que uma mulher se canse muito disso. Vamos ver, certo?

E parecia que ela logo saberia, pois dedos longos percorreram-lhe o corpo novamente, como tinham feito tantas vezes desde que Emily o conduzira para a sua cama.

Ele não permitira que o despisse, alegando que quando fazia tal tarefa sem ajuda de um pajem, preferia deixar as roupas dispostas de uma maneira que pudesse encontrá-las facilmente depois.

Observara com um tremor de ansiedade, enquanto ele revelava, sem vergonha, o corpo que apenas vislumbrara antes. Os anos não tinham mudado Adrian, e estava feliz por isso. Era tão musculoso quanto lembrava, largo e forte de maneiras que a faziam tremer só de olhar.

Ele tinha ido para seu lado, ajoelhando-se na beira da cama e removido o vestido dela com a mesma facilidade que tirara a camisola na noite anterior, beijando-lhe o rosto e o corpo, então, tombando-a no colchão, a nudez de ambos se misturando numa confusão de braços e pernas, dedos e línguas. Adrian a levara ao êxtase mais vezes do que podia lembrar, e liberara o próprio prazer em suas mãos, em seus seios e coxas, tocando-lhe o sexo com o seu de forma paradisíaca. E depois, dormiram juntos, a noite inteira, pele com pele, compartilhando uma intimidade tão grande que podiam ser um só corpo.

E ainda não estavam perto o bastante. Quando a tocou agora e penetrou com a ponta do dedo, Emily o imaginou em seu interior, invadindo-a como sempre quisera. Pressionou-se na mão de Adrian, lembrando-se do tamanho dele descansando em suas mãos na noite anterior.

– Você é maior que isso – sussurrou. E então arfou, porque inseriu outro dedo, abrindo-os em seu interior, estendendo-os e movendo-os cada vez mais rapidamente. E Emily descobriu que não estava muito cansada, afinal de contas, perdendo-se mais uma vez no turbilhão milagroso que passara a esperar do ato de amor dele.

– Aí está, querida – disse com um sorriso. – Admita que estava certo. Seu corpo acorda com meu toque.

Emily abraçou o pescoço dele e o beijou pelo que devia ser a centésima vez naquela noite.

– E agora, meu corpo gostaria de dormir com seu toque também. O fogo está morrendo e o sol está nascendo, mas ainda temos algumas horas até o café da manhã. E talvez os criados apreciem o silêncio. – Pois Adrian a lembrara com frequência que não podia ver a resposta dela, e que ficava agradado de ouvi-la gemer.

Mas agora, beijou-a gentilmente no rosto e tirou os braços de seu pescoço.

– Não percebi que era tão tarde. Precisa descansar.

Emily estendeu o braço para tocá-lo, mas já tinha se virado, sentindo a extremidade da cama, então dando os três passos que o levariam à cadeira onde deixara as roupas.

– Vai me deixar? – Sentou-se para ver o relógio sobre a lareira. – São 4h da manhã – acrescentou com um bocejo. – Não pode ter outros compromissos a esta hora. Precisa ir?

Adrian riu.

– Se for honesto, provavelmente não. Quando me conhecer, descobrirá que sou uma criatura muito preguiçosa. Durmo durante o dia, e minhas noites são passadas de forma muito parecida com aquela que viu na primeira noite. – Vestiu a camisa, deu um nó grosseiro na gravata, e voltou-se para ela, esticando o braço para encontrá-la, beijando-lhe a mão estendida. Mas uma vez que sou um vagabundo e libertino, seria melhor para sua reputação se não fosse visto saindo deste lugar depois do café da manhã, satisfeito por mais do que uma refeição saudável.

Ela suspirou, pensando que talvez aquela fosse a hora certa de lhe dizer que aquilo não importava nem um pouco. Mas, embora tivessem compartilhado uma cama por horas, e feito mais coisas juntos do que Emily algum dia esperara, não sucumbira o bastante para fazer o que ela mais queria. E provavelmente não sucumbiria, se o deixasse zangado.

Quando ela não respondeu, perguntou:

– Voltou a dormir?

– Estou só desejando que se eu discordar, não irá embora. – Porque era assim que deveria ser. Como deveria ter sido desde o começo. Os dois juntos, compartilhando a noite e cumprimentando o dia.

– Tenho de ir, de modo que possa retornar. E antes disso, preciso me banhar e me barbear, se quiser que eu seja o homem apresentável que deseja, e não o rufião que conheceu na taverna. – Adrian libertou sua mão e continuou se vestindo. Então falou casualmente, como se não quisesse presumir o convite: – Se não estiver ocupada, é claro. E se desejar mais de minha companhia. Minhas noites não são vazias, mas não são tão cheias que não esteja disposto a dedicá-las a você.

Adrian provavelmente queria dizer que, se o rejeitasse, voltaria para o lugar onde o encontrara, e para sua inevitável perdição.

– Não. – Saiu da cama para ir para o lado dele.

– Você me recusa?

– Recuso-me a permitir que preencha suas noites com qualquer coisa que não seja comigo –

murmurou, abraçando-o e beijando-o mais uma vez. – Encontrarei você novamente, quantas vezes quiser, de dia ou de noite, tanto faz para mim. Tenho uma única condição.

Sorriu e a abraçou.

– Estou às suas ordens.

– Pela duração de nosso caso, não deve frequentar casas de jogo, tavernas ou nenhum lugar decadente como aquele onde o encontrei. Embora não se considere digno de melhor companhia, não acho lisonjeiro estar agregada, mesmo indiretamente, a grupos como aqueles.

Adrian deu uma pequena risada, e, por um momento, Emily teve certeza que lhe diria, em termos bem claros, que o curto caso não lhe dava direito a ditar regras. E então ele falou:

– Bom trabalho, senhora. Em três dias, conseguiu fazer o que meus amigos e famílias vêm tentando há anos. É claro, talvez tivessem mais sucesso em me regenerar se possuíssem a isca que oferece. Se é o que deseja, abrirei mão de meus vícios, por um tempo, em troca do prazer de sua companhia.

– E não pode haver mais conversas sobre procurar pôr um fim na sua vida, ou morrer jovem por aventura malsucedida.

– Não pode esperar que garanta minha própria longevidade.

– Mas pode guardar o tempo que tem para o meu bem. – Emily deslizou um dedo ao longo do peito dele, antes de abotoar o seu colete. – Não tolerarei conversas sobre maldição, nem ouvi-lo ameaçar se jogar na frente de uma carroça puxada por um cavalo, se fizer alguma coisa que o desagrada. – Beijou-o no queixo, aninhando seu corpo nu no dele, sentindo o espírito de Adrian enfraquecer quando o corpo másculo enrijeceu.

Ele gemeu e a afastou com firmeza.

– Nada disso, então. Se pretendo deixá-la agora, e não conseguirei se começar de novo.

– E não o deixarei ir até que me prometa. Não suportaria isso, juro.

Adrian encostou-se numa perna da cama, resmungando enquanto calçava as botas. Mas estava sorrindo.

– Muito bem. Para garantir sua afeição, farei como me pede. Agora, diga-me onde achar um sino, de modo que possa chamar uma carruagem para me levar em casa.

Quando ela se ofereceu para ajudá-lo, beijou-a com firmeza nos lábios, conduzindo-a de volta à cama.

– Não precisa se levantar. Encontrarei meu caminho, com um pouco de ajuda. E ouso dizer que seus servos devem se acostumar com isso, pois irão me ver com muita frequência de agora em diante.

ADRIAN CHEGOU em casa sem um único tropeço, entregando seu casaco e sua bengala a um lacaio que o aguardava. Nesta manhã, era quase um alívio ser incapaz de ler a expressão no rosto do homem. Se pudesse enxergar, tinha certeza de que encontraria o criado o olhando de maneira maliciosa ao vê-lo chegar antes do amanhecer, com um sorriso no rosto, cheirando a perfume de mulher.

Inalou profundamente. *Limão, de novo.* Sentiu água na boca ao pensar nela. Ou talvez porque mal fizera uma refeição. Ele se banharia, faria a barba e tomaria um café da manhã saudável.

Adrian foi para seu quarto e abriu as cortinas, vendo o brilho do sol nascendo, e sentiu o

primeiro calor no rosto quando seu pajem chegou a fim de prepará-lo para o dia.

QUANDO HENDRICKS chegou, muito depois, Adrian jurou que podia ouvi-lo arfar em choque ao encontrá-lo acordado, comendo ovos e peixe defumado na pequena mesa ao lado da janela.

– Venha aqui, Hendricks. – Fez um gesto de boas-vindas na direção geral da porta, e indicou a cadeira do outro lado da mesa. – Traga a correspondência e o *The Times,* e sirva-se de uma xícara de chá. E tente conter o espanto. Juro, ouvi sua boca se abrir quando atravessou a soleira da porta.

– Deve admitir que é incomum encontrá-lo acordado, meu lorde.

– Também estou sóbrio. E totalmente vestido. É claro, o que pretendo fazer com tanto tempo extra, não faço ideia. Suspeito que dei muito trabalho ao meu pajem, apenas para amassar minha gravata quando tirar uma soneca durante a tarde. Mas o que pode ser feito?

– Está num humor melhor hoje, posso ver. – Seu secretário estava usando um tom de voz tipicamente amável, mas havia uma ponta de alguma coisa que quase parecia censura.

– E se estiver?

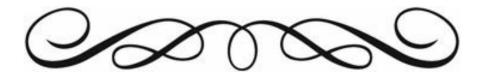
– É raro o bastante para merecer um comentário. Da última vez em que o cumprimentei alegremente antes do meio-dia, jogou-me um suporte de livros.

– Peço desculpas. – Naquele dia, estivera sofrendo da dor de cabeça que às vezes acompanhava seus problemas. Ou, se fosse mais honesto, estivera sofrendo dos efeitos do gim. De qualquer forma, aquilo não era razão para descontar em Hendricks. – Se você se sentia tão alegre quanto me sinto hoje, então não tinha o direito de estragar o humor. – Adrian estendeu o braço para pegar o chá e sentiu Hendricks parar sua mão.

– Perdoe-me, meu lorde. O chá foi preparado incorretamente. Alguém colocou limão nele esta manhã.

Ele sorriu.

– E dois cubos de açúcar. Azedo, mas muito doce. Exatamente como pedi. Esqueça a correspondência. Duvido que haja algo interessante hoje. Mas se puder me ler as notícias do dia, ficaria agradecido.

Capítulo Onze

O VIGOR com que Adrian começara o dia tinha desaparecido por volta do meio-dia. Poderia ter suportado a fadiga se houvesse uma maneira de se ocupar. Mas sem uma palavra de Emily ou de sua amante misteriosa, não havia nada na correspondência que chamasse sua atenção. E embora as notícias fossem interessantes, ouvi-las causava uma sensação familiar de inquietude. Se recusava a chance de se envolver na criação de leis, não tinha necessidade real de se manter informado dos eventos atuais. Adrian logo se frustrou com o jornal e dispensou seu secretário.

Depois que Hendricks saiu, perambulou por seus pequenos aposentos como uma alma perdida. Pediu um almoço mais cedo, e se arrependeu em seguida, pois a comida pesou no estômago. Então, voltou ao quarto, deitou na cama, fechou os olhos e dormiu um sono agitado.

Sonhou com *ela,* é claro. E naqueles sonhos, podia vê-la e chamá-la pelo nome. Quando se deitaram, exaustos pelo ato de amor, Adrian lhe perguntara como desejava ser chamada, já que não queria lhe dar o nome.

Ela rira e dissera:

– Chame como quiser. Ou de nome nenhum. Apesar de apreciar termos carinhosos, aprendi a viver sem eles.

E aquilo o enfurecera. Porque embora algumas mulheres pudessem se tornar petulantes se não ganhassem joias, a mulher ao lado merecia receber palavras de amor, entretanto, fora forçada a viver sem nenhuma.

Mas então ela dissera:

– Mas pareço apreciar atenção de natureza física.

– Verdade? – Ele riu novamente e se moveu para tocá-la, ansioso para dar o que insinuara querer. E um nome viera-lhe à mente com facilidade. Adrian o reprimiu, lembrando que deveria guardar a língua. Já sabia muito sobre sua vida e casamento para que ele a chamasse pelo nome

que estava sempre em seus pensamentos. Isso seria um insulto ao que compartilhavam.

Mas em seu sonho, amava uma mulher que era a perfeita mistura do que tinha e do que queria. Embora esse devesse ser o sonho mais feliz do mundo, e um que Adrian nunca quisesse acordar, não podia se livrar da sensação de que a felicidade não duraria.

E então, no penúltimo momento de sua fantasia, houve o som de alguma coisa pesada movendo-se no corredor. E de homens, gemendo sob o peso daquilo, e xingamentos abafados enquanto alguém batia um braço em algum lugar ou machucava um dedo.

Adrian se levantou e atravessou o quarto, abrindo a porta com tanta força que esta teria batido na parede se não tivesse encontrado um obstáculo.

– Que diabos está acontecendo? Não percebem que estou tentando dormir?

– Meu lorde, se nos der licença, há uma entrega. – Tentavam manobrar alguma coisa para além dele, em direção à sala de estar. – Fomos instruídos a colocar isso no canto, perto da janela.

– Não por mim – disse e ouviu o pajem dar um passo involuntário para trás, e a carga bater nas paredes de um jeito que devia ter rasgado parte do papel da embalagem.

– É da... Ela disse que não se importaria. – Hendricks gaguejou no começo da sentença, como se estivesse inseguro de como explicar o resto.

– *Ela?* – Só poderia haver uma mulher tão motivada para lhe enviar alguma coisa. Provavelmente oferecida em gratidão à noite muito ativa deles. Considerando o espírito com o qual o presente fora dado, deveria aceitá-lo, independentemente do que fosse. – Bem, se ela insiste que isso deve ficar na sala de estar, quem sou eu para discordar? – *Além de ser o dono da sala, é claro.*

– Muito bom, meu lorde. Poderia dar alguns passos para trás, só por um momento? – Pelo som da voz de Parker, o pajem, estava quase desmaiando sob o peso do objeto que carregava, mas não fez nenhum movimento para continuar sem a permissão de seu empregador. O homem cometera o erro, logo que chegara, de tentar tocar em Adrian e movê-lo manualmente para tirá-lo do caminho de uma entrega. Mas aprendera, com a batida da bengala em seus dedos, a manter distância e permitir espaço a seu lorde.

Adrian levantou as mãos e recuou, a fim de lhes dar espaço para passar.

Houve mais gemidos, e o som de dois criados manobrando uma peça de móvel, seguido por instruções para um terceiro homem:

– Pegue o banco, também.

Quando as coisas se acalmaram, Adrian cruzou os braços e exigiu:

– O que é isto?

– Um piano, meu lorde.

– Um, o quê?

– Um piano. Falou que poderíamos ter alguma dificuldade com ele, mas foi o menor que conseguiu achar.

Adrian gesticulou quando começaram a repetir.

– Esqueça. Ouvi vocês da primeira vez. Mas que diabos faço com um piano? A mulher deve estar louca... leve isto embora, imediatamente.

– Há uma mensagem, meu lorde. – Hendricks falou da porta, pois, sem dúvida, restava pouco espaço para ele na sala.

– Verdade? Bem, então? Fale.

– Disse que você provavelmente protestaria. E pediu que lhe informasse, quando o protesto viesse, que precisa de alguma coisa para ocupar seus dias, uma vez que mãos ociosas são ferramentas do demônio. – O tom de voz de Hendricks parecia levemente divertido, visto que tinha condições de mostrar senso de humor, longe do alcance da bengala de seu lorde.

Adrian virou a cabeça na direção da sala de estar, então seguiu o rastro dos servos e do presente indesejado. Sua *lady* estivera bastante feliz com as mãos do demônio quando a deixara. Talvez estivesse com medo de que as usasse em outra mulher, se ela não preenchesse cada minuto de sua vida.

– E suponho que se devolver...

– O bilhete diz que encontrará alguma coisa maior, uma vez que presentes simples parecem não entretê-lo.

Imaginou sua voz de Emily, falando aquelas palavras num tom de desaprovação.

– Se o criado dela ainda está esperando, diga-lhe que irei lá esta noite para agradecer o presente pessoalmente. Iria agora, mas há uma peça enorme de móvel bloqueando meu caminho para a porta.

– Muito bem, meu lorde.

Os homens se retiraram, deixando-o sozinho com o presente. E era como se Adrian pudesse sentir o intruso na sala, sem ao menos se aproximar deste. Podia sentir as leves vibrações das cordas internas, pois ainda produziam um som, pelo piano ter sido mexido recentemente.

Andou em direção ao piano, batendo no canto e ouvindo o barulho oco de sua bengala no móvel pesado, deslizando uma mão ao longo da lateral e esperando que ela não tivesse gastado dinheiro num instrumento ornado com ouro ou algo assim. Parecia simples o bastante. Retangular, e com textura de verniz, em vez de pintura.

Então ela achava que deveria se ocupar. Claramente, não entendia o que significava ser um cavalheiro. Seu status na sociedade não requeria nenhum tipo de ocupação. Não era esperado que trabalhasse. E muitas das coisas que poderiam tê-lo entretido estavam perdidas para Adrian, agora que não enxergava mais. Até mesmo jogar perdera seus atrativos. Não podia mais ler as cartas sem ajuda, e sua necessidade de tocar a face do dado, para sentir os pontos e certificar-se da jogada, era frequentemente encarada como trapaça por seus oponentes.

Adrian sentou-se no banco e colocou suas mãos nas teclas de marfim, apertando uma delas para ouvir o som, e se desapontando com o mesmo. Para produzir um som agradável, seria preciso toques contínuos, é claro. Mas como saberia, ao ouvir, o que era certo ou errado?

Deslizou os dedos para uma escala musical um tom acima e suspirou, entediado com aquilo depois de poucas notas curtas. Com grande esforço, escolheu uma canção folclórica, e depois um hino familiar. A sintonia era fina, e tinha certeza de que um músico talentoso procuraria por intervalos de dois ou três sons entre as notas, e acordes, encontrando combinações harmônicas através de tentativa e erro.

O que aproveitara das poucas aulas de música que tivera na juventude? Muito pouco. Embora a mãe considerasse uma boa ideia lhe dar alguma compreensão das artes, o pai lhe ensinara que aquilo era perda de tempo. O relógio sobre a abóbada da lareira deu uma badalada, indicando que 15 minutos haviam se passado. Era exatamente como tinha sido quando Adrian era criança. Costumava ficar sentado diante do instrumento por apenas alguns momentos, antes que se sentisse entediado e ávido para deixá-lo para trás.

– Um visitante para o senhor, meu lorde. – Abbott entrara sem ser anunciado, e Adrian ergueu os olhos com ansiedade, esquecendo por um instante que não aceitava um convidado há meses, desde que sua condição tinha se deteriorado.
– Sr. Eston.
– Droga. – O irmão de Emily, e o último homem no planeta que queria encontrar. – Mande-o embora. Dê a desculpa que quiser, não me importo.
– Ele não irá embora. Diz que pretende esperar no hall de entrada até encontrá-lo, chegando ou saindo.
Aquilo parecia típico de seu velho amigo David, que, diferentemente de Adrian, possuía tanta paciência quanto à de um santo.
– Dê-me um momento, e então, mande-o entrar.
Quando ouviu a porta se fechar, atravessou para o outro lado da sala e pegou uma garrafa de uísque, servindo um copo com tanta pressa que derrubou um pouco em sua manga. Melhor ainda. O cheiro da bebida alcoólica queimou suas narinas, tornando a tentativa de parecer embriagado mais óbvia. Como medida extra, mergulhou os dedos no copo e esfregou no paletó, então deu um gole e bocejou um pouco antes de engolir. Depois, voltou, a fim de se esparramar numa poltrona perto da lareira, com a garrafa em uma das mãos e o copo com líquido pela metade na outra, batendo a canela contra o banco do piano no caminho, sentando-se no instante que a porta se abriu.
Adrian olhou para cima, como se a grande sombra na porta lhe parecesse familiar, e ergueu o copo em saudação.
– David, quanto tempo.
– Mais de um ano – respondeu o cunhado.
– E o que o traz a Londres?
– Vim levá-lo para casa.
– Bem, meu caro senhor, estou em casa. – Gesticulou com o copo para indicar a sala, derrubando mais do conteúdo no processo. – Por favor, aproveite de minha hospitalidade. Um drinque, talvez?
– É pouco mais que meio-dia, Adrian – disse com desgosto. – Muito cedo para beber.
– Mas esta é uma ocasião especial, não é? Já estabelecemos que não me visita com frequência. Vê-lo agora é motivo para celebração. – Vê-lo, na verdade, seria mais um milagre do que qualquer outra coisa. Mas por enquanto, podia fingir que o copo em sua mão era o culpado por seu olhar desfocado e indisposição para encontrar os olhos de seu amigo.
Eston gemeu, e ele não precisava de olhos para adivinhar a expressão de desgosto no rosto do homem.
– Parece celebrar em excesso.
– Há muitas razões para comemorar e festejar, uma vez que Londres é uma boa cidade.
– Mas não tão boa a ponto de fazer você trazer minha irmã para cá.
– Não achei que ela apreciaria. Sempre dizia, antes que nos casássemos, que era uma garota simples.
– É uma mulher, agora. E está na cidade. – David fez uma pausa para dar peso a suas próximas palavras: – Mas Emily não está hospedada em minha casa.
Adrian deu uma risada forçada.

– Sério?
– Alugou um apartamento, e se recusa a me dizer onde. Desconfio que Emily esteja usando o lugar para receber alguém que não quer que eu encontre.
– Não me importo de que ela venha à cidade. Também não a proibi de se socializar. Há dinheiro suficiente para alugar casa própria, se Emily prefere assim. E não há espaço suficiente aqui, caso quisesse vir a mim.
– Se há dinheiro suficiente para manter duas residências – apontou David com irritação –, então também há dinheiro suficiente para comprar um imóvel grande o bastante para compartilhar.
– Mas isso daria a Emily a privacidade que procura? – disse Adrian com inocência zombeteira.
David emitiu um som de exasperação.
– Por que isso importaria a você? É sua esposa, e não deve pedir mais privacidade do que deseja lhe dar.
Adrian deu um gole de seu uísque, e gesticulou a outra mão no ar, como se o conceito fosse muito complicado para seu cérebro lerdo.
– Bem, então estamos em concordância. Desejo dar a Emily tanta privacidade quanto ela queira, e permitir o mesmo para mim.
– Então, a ideia de que tem um amante não o incomoda?
Não haveria meios de evitar a verdade, se David insistisse em compartilhá-la. Serviu-se de mais uísque e deu um grande gole, fingindo que não se importava com nada, exceto com a bebida, ignorando o aperto em seu peito.
– E quem seria este amante?
– Não sei o nome dele – respondeu David. – Mas eu a encontrei hoje, fazendo compras na rua Bond. E é óbvio o que tem feito com seus dias, desde que não está mais hospedada comigo. Está positivamente brilhando.
– Fico contente em saber da boa saúde de Emily – disse Adrian, sentindo-se tão aliviado quanto desencorajado pela informação incompleta.
– Não é à saúde que me refiro, seu tolo embriagado – retrucou David, sem a menor paciência agora. – Nunca vi minha irmã tão radiante. Está com um homem.
Deu um gole de seu drinque, olhando para baixo, como se pudesse ver o copo.
– E estou com uma mulher. Mal posso culpá-la, David. Sabe que Emily e eu estamos separados.
– Mas não sei o motivo.
Deu outro gole do copo.
– Talvez não. Mas isso não é da sua conta. É um problema entre minha esposa e eu.
– E agora é um problema entre nós. Não se esforçou nem um pouco para ser um marido para Emily, e agora ela está prestes a envergonhar a si própria e a você, com um caso público.
– Com a minha benção – murmurou, cerrando os dentes.
O irmão praguejou. E então as sombras em movimento pareceram indicar que estava se aproximando, agigantando-se sobre Adrian, sentado perto do fogo.
– Está casado com Emily há três anos, e é óbvio que não pretende engravidá-la ou mostrar o menor respeito. Se ela procura afeição em outro lugar, é bem possível que seu herdeiro seja

ilegítimo, e então todos o chamarão de tolo, e chamarão minha irmã de prostituta.

Olhou para o brilho levemente alaranjado que marcavam as cinzas do fogo da noite anterior.

– Acho que há pouca dúvida de que sou um tolo. E quanto à reputação de Emily? – Deu de ombros. – É minha esposa. Qualquer filho dela será meu herdeiro, não importa o pai.

– Está dizendo que não pode ficar com ela tempo suficiente para assegurar a descendência paterna de seu filho? Se tem tão pouco respeito por Emily, por que se casou?

Adrian bebeu mais.

– Talvez não a tenha desejado um momento. Mas não vi uma saída para a situação. Meu futuro estava traçado por meus pais e pelos seus, antes que pudesse dar qualquer opinião. Estou disposto a cumprir minhas obrigações, mas é um pouco demais esperar que faça isso com alegria.

– Seu patife egoísta – exclamou David com desgosto. – Lembro-me de você antigamente, Adrian. Considerava-o um homem destemido. Agora, está me dizendo que lhe faltou coragem para enfrentar uma garota, e a amarrou a uma farsa de casamento, em vez de libertá-la para encontrar o amor que merece.

– Não é como se não tivesse ganhado nada com o casamento – murmurou. – Ela tem a fazenda.

– Você tem a fazenda – relembrou-o. – E Emily a administra.

– E faz um ótimo trabalho. – Assentiu com um movimento da cabeça, sorrindo. – Como recompensa, dei-lhe a liberdade de encontrar amor onde quiser. É isso que deseja para sua irmã, não é?

– Mas não é o que deseja – insistiu David. – Ela o adora, Adrian. Pelo menos, adorava quando se casaram.

– Não demonstrou isso, na época – respondeu Adrian. Não que tivesse se esforçado muito para tentar discernir os sentimentos da mulher com quem se casara. Mas suponho que tivesse havido alguma afeição, teria sido tão insensível para não notar? O pequeno retrato em seu bolso pareceu crescer em peso com o pensamento.

– Conheço-a ainda melhor do que você. Era muito tímida para dizer, mas estava extremamente feliz com o arranjo. E na época, nutria muitas esperanças de que aprendesse a amá-la, também. Queria mais do que lhe deu. – Agora, David falava em tom de voz mais gentil. – Quando a questiono sobre a separação, minha irmã alega valorizar sua liberdade. Mas posso ver na expressão dos seus olhos. Emily quer um marido e filhos mais do que quer a sua fazenda. E embora possa se contentar com qualquer homem disposto a lhe mostrar afeição, o coração dela não está envolvido. Existe uma chance, se voltar para sua esposa agora, antes que seja tarde demais. O *tendre* de Emily por você pode ser reacendido.

Deus amado, não.

– E o que o faz pensar que tenho algum desejo de fazer uma coisa dessas? – Aquilo era a última coisa que Adrian precisava ouvir, agora mais do que nunca. Às vezes, parecia que sua única fonte de consolo era que sua morte seria um alívio para Emily. Mas e se não fosse assim?

– Talvez ache que precisa se importar menos sobre o que deseja, e parar de se comportar como um adolescente tolo, recém-saído da sala de aula e ansioso para ceder a qualquer capricho. Volte para sua esposa antes que ela se afunde tanto quanto você, e não se importe com nada, exceto em satisfazer os próprios desejos.

– Agora ouça – retrucou Adrian, sentindo a mente começar a entorpecer pelo efeito do uísque que tomara. – O que faço ou deixo de fazer com sua irmã não é problema seu. A única razão pela qual isso o perturba, acho, é porque tem algum plano desonesto em relação às minhas terras. Você as vê como uma extensão de seu próprio parque, não é? Caçando, pescando e cavalgando em minha propriedade como se a possuísse. Deve pensar que seguirei o mesmo caminho de meus ancestrais que tiveram vida curta, e que quando morrer, irá manipular meu herdeiro como bem entender. – Adrian riu e deu outro gole, deixando a imaginação correr solta. – Será muito mais difícil fazer isso, se tudo que possuo passar para algum primo, não é? Se não houver herdeiro, sua irmã receberá a herança de viúva, e seus planos fracassarão. – Aquele era um cenário abominável. E imaginou se havia alguma verdade naquilo.

David praguejou, tirou o copo da mão de Adrian e jogou-o na lareira.

– É somente a afeição que sinto por minha irmã que me impede de desafiá-lo para um duelo.

– E poderia dizer o mesmo. Se qualquer outro homem tivesse ousado a entrar em meu estúdio para me dizer como devo organizar minha vida e meu casamento, eu o teria expulsado.

Podia quase ouvir os olhos de David se estreitando.

– Não precisa temer isso, Adrian. Todas as qualidades que o tornavam um bom amigo desapareceram, esmagadas por seu comportamento vergonhoso. Mas se ainda existissem, também lhe diriam que é um perdulário vazio. Perde-se em álcool e prostitutas, pretendendo destruir-se, como seu pai e seu avô fizeram antes, não se importando com o sofrimento que causa na esposa e nos amigos. Lamento o dia em que uma união das nossas famílias foi sugerida. Não preciso de acesso às suas terras, e me manterei dentro das fronteiras de meu próprio terreno, se o pensamento de minha transgressão o perturba tanto. De agora em diante, viverei como um estranho para você.

– Finalmente! Pretende me deixar em paz! – Esperou que o volume de sua voz compensasse a falta de verdade em sua rejeição.

– Isso é uma pena, Adrian, pois certa vez pensei em você quase como um irmão. Dei as boas-vindas à ligação entre nós e esperei que um casamento pudesse lhe trazer felicidade, moderar sua personalidade e ser um benefício para Emily. Provei ser um tolo maior do que você, confiando na sua amizade.

Seu amigo de infância falava com tanto desapontamento que quase admitiu a verdade. Mas que bem aquilo faria? O homem ficaria furioso pelo fato de que a pobre Emily se unira a um marido destinado ao fracasso.

– Deveria ter percebido – murmurou suavemente –, que havia uma chance de você estar errado. Que o sangue falaria mais alto, e não seria melhor que o resto de minha família.

– Mas eu o conhecia. Ou assim acreditei. E tive certeza, em determinada ocasião, que possuía um coração para ser tocado. Começo a suspeitar que este não é o caso.

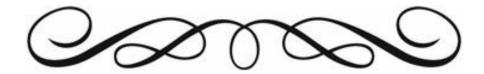
Adrian escondeu sua confusão numa risada fria que sabia que enfureceria seu visitante.

– Então está me conhecendo agora, depois de todos esses anos – disse, olhando para o espectro indistinto de seu velho amigo, agigantando-se sobre ele.

– Muito bem, então. Nossa conversa acabou, assim como o resto de nossa amizade. Vem tratando minha irmã de maneira abominável. Zombou de meus esforços para intervir. O que provavelmente acontecerá em decorrência de tudo isso dependerá unicamente de você.

E mesmo sem enxergar, pôde registrar a saída de David dos aposentos pelo barulho de portas

batendo.

Capítulo Doze

– HENDRICKS! – GRITOU Adrian. Se o homem ainda estivesse lá, não haveria como escapar do som da voz de seu empregador.

– Meu lorde? – A resposta veio tão prontamente que imaginou se seu secretário não estivera ouvindo junto à porta.

– Acabei de ser forçado a suportar 15 minutos de tortura com Eston. Estou enganado, Hendricks, ou pago você para que impeça tais coisas?

– Sinto muito, meu lorde.

Se quisesse ser racional, admitiria que a distração da entrega do piano tinha deixado as portas abertas e permitido a entrada de Eston, não qualquer descuido da parte de Hendricks. Mas o excesso de álcool o deixava irritado, assim como a fungada desaprovadora que Hendricks deu no uísque derramado. Adrian pôs a garrafa de lado.

– Para evitar perguntas sobre meu comportamento, deixei David pensar que estava bêbado. É bem provável que tenha arruinado este paletó, esfregando uísque no tecido. Mas ele sentiu a necessidade de me contar que minha esposa arranjou um amante. O que sabe sobre a situação?

– Nada, meu lorde. – Mas Hendricks disse *nada* com tanta falta de convicção que também poderia ter dito *tudo*.

– Verdade? Mas viu ela recentemente, certo?

– Sim, meu lorde. Esta manhã.

– E como Emily parecia estar da última vez em que lhe falou?

– Bem.

– Isso é tudo, Hendricks? Porque o irmão de Emily insistiu que ela está muito bem.

O comentário de Adrian deveria ser incompreensível. Mas Hendricks pareceu entender perfeitamente.

– Não notei nada incomum nela, meu lorde. – Aquela era uma tentativa patética de esconder a verdade.

– E onde estava, da última vez em que a viu?

Hendricks fez uma pausa, como se não pudesse se lembrar de sua história, então respondeu:

– Na casa do irmão dela, meu lorde.

– Que estranho. Porque Emily não está hospedada com David há dias.

O serviçal suspirou.

– Nos aposentos dela, meu lorde.

– Então você os viu? – Resistiu o desejo de acrescentar a palavra *aha.* – Suponho que esteve lá várias vezes.

– Sim, meu lorde. – Parecia melancólico agora, como se qualquer alegria que a *lady* pudesse sentisse com suas visitas não pudesse ser compartilhada.

Com um pensamento lhe ocorrendo, Adrian perguntou:

– Se bem me recordo, Hendricks, usa óculos, não usa?

– Sim, meu lorde – replicou, claramente confuso sobre o que isso tinha a ver com o assunto em questão.

E lá se iam as esperanças de Adrian de que o próximo conde de Folbroke pudesse ser livre de dificuldades visuais. Entretanto, alguma visão era melhor do que nenhuma.

– Pareceu muito preocupado com a reputação da irmã, caso ela estivesse usando a casa para se encontrar com um homem e isso se tornasse público. Se Emily precisa de espaço, é uma pena que não tenha pedido a permissão do marido.

– Esperava que fizesse isso, meu lorde? Faz tanto tempo que não fala com ela... sem dúvida, assumiu que não se importaria. – Hendricks respondeu um pouco rápido demais, e alterou o tom de voz, de modo que se tornasse menos crítico, antes de acrescentar: – Se quiser encontrá-la hoje, posso arranjar isso.

– Fico apenas surpreso pelo fato de ela não me procurar. Se Emily não pode visitar o próprio marido quando está a poucos quilômetros de distância, então isso dá crédito à teoria de David.

– Ela o visitou, meu lorde, no dia que chegou à cidade. Como deve se recordar, fui procurá-lo.

E me tirou dos braços de outra mulher e me arrastou para casa, inconsciente. Touché, Hendricks, *touché.*

– Uma vez que ela não retornou, não achei que o assunto fosse importante.

– Talvez seja porque tem sido rejeitada e evitada há tanto tempo que não tem mais desejo de tentar. – A voz de seu secretário era firme e indicava repreensão. E não podia haver dúvida quanto ao significado dele. – Agora, talvez seja sua vez de procurá-la.

– Ousa me dizer como lidar com o casamento?

– É claro que não, meu lorde. – Mas o tom de voz acabara de indicar exatamente o oposto.

– Talvez possa fazer isso, uma vez que a intromissão nos meus assuntos particulares parece uma atividade muito popular esta semana. – Fez um gesto vago em direção à escrivaninha. – Escreva uma carta a Emily. Irei vê-la hoje, às 18h. Faça logo, homem, antes que fique sóbrio o bastante para perceber o erro que estou cometendo.

– Vê-la, meu lorde? Quer que explique a improbabilidade disso? Pois acredito que sua condição é um mistério para *lady* Folbroke.

Por um momento, Adrian *esquecera*. Culpa da mulher estranha, que tinha mexido com ele,

fazendo-o pensar, mesmo por um instante, que sua vida poderia ser normal.

– Não. Emily não faz ideia. A menos que tenha lhe contado.

– Você me proibiu. – Era um conforto ouvir a resignação, e a resolução, naquela sentença, assim como a falta total de hesitação. Independentemente do que Hendricks viesse fazendo, era óbvio que seguia algumas das instruções de Adrian ao pé da letra, por mais que discordasse das mesmas.

Ele meneou a cabeça.

– Depois de todo esse tempo, não há palavras simples para descrever a ela o que aconteceu, ou para explicar por que escondi a verdade. Será mais fácil explicar as coisas quando estivermos face a face, de modo que não possa haver engano. Não é como se minha deficiência pudesse chocá-la severamente. Não estou desfigurado de nenhuma maneira, estou? – Tocou o próprio rosto, de súbito incerto. Talvez o tempo o tivesse transformado num ogro, e os servos fossem muito gentis para observar isso.

– Não, senhor.

– Então, irei explicar a Emily, quando ela chegar. Está na hora, acho, de colocar alguma verdade entre nós.

– Muito bem, meu lorde.

– SR. ESTON, minha *lady*.

Quando o lacaio anunciou seu irmão, Emily estava apreciando o que pensara ser uma xícara de chá bem merecida. Com suas compras da manhã, tinha dado o que esperava serem os primeiros passos para resolver os problemas do marido. Ou talvez aqueles fossem passos para encorajá-lo a fazer isso, pois duvidava que houvesse alguma mudança na atitude negativa dele sem a cooperação do próprio homem.

Todavia, uma vez que ninguém sabia de sua localização, Emily não esperara visitas além de Hendricks. E certamente, não esperara ver seu irmão ali.

– David? – Pensando no confronto que antevia com ele, o nome de seu irmão saiu da boca num sussurro ofegante que a fez parecer mais culpada do que já se sentia em relação a seu comportamento. – O que faz aqui? – Pronto, notou com algum alívio. Sua força interior estava de volta quando devolveu o desafio a ele.

– Vim ver o que está fazendo aqui, e com quem. – Seu irmão sinalizou para que o lacaio trouxesse outra xícara e sentou-se na cadeira oposta a de Emily. Sua presença era tão autoritária que ela pensou, por um momento, que David a convidara para ir lá lhe dar uma explicação.

– Não precisa me vigiar – relembrou-o. – Sou tanto uma mulher adulta quanto casada.

– Se puder chamar o que tem com Adrian de casamento – respondeu.

– Olha quem fala... o homem que tem a mesma idade de meu marido, mas não uma esposa.

A menção daquilo pareceu deixá-lo desconfortável, então voltou o argumento rapidamente para ela.

– É sobre o seu marido que desejo falar, e não sobre minha esposa inexistente. Fui à casa de Adrian, uma vez que não foi.

– Isso não era necessário.

– Sinto que era – disse, olhando ao redor do apartamento. – Eu a vi esta manhã, fazendo compras na rua Bond.

– Lembro – replicou friamente. – Cumprimentei-o, não é?

– Mas se comportava de maneira estranha. Secreta. Posso pensar numa única razão para explicar tal comportamento.

– Oh, duvido muito disso – disse Emily. Podia sentir seu rosto começando a enrubescer, o que a faria parecer ainda mais culpada. Mas havia pouco a ser feito para reprimir memórias repentinas e visuais do que vinha fazendo desde que se mudara da casa de seu irmão.

– Está se divertindo com algum homem. – David estudava as roupas dela, que eram leves demais para aceitar qualquer visita, exceto a de um amante, e o rubor de sua pele. E que Deus não permitisse que olhasse dentro do quarto, porque veria os lençóis, ainda emaranhados das atividades da noite anterior.

Ela deu mais um gole de chá para esconder sua confusão.

– Dificilmente, David.

– E alugou este apartamento, de modo que os encontros possam acontecer em segredo.

– Não um segredo muito grande, claramente, uma vez que me seguiu até aqui. Foi assim que me encontrou? – Mas era óbvio que ele não se aprofundara muito no assunto, se não havia identificado o homem em questão.

David não deu nenhuma indicação de notar sua censura.

– Questionei meu cocheiro, uma vez que parece pretender usar meu veículo como se fosse seu. E admitiu ter trazido sua mala para este lugar. Mas não estamos discutindo meu comportamento. É o seu que está em questão. Esperei do lado de fora esta manhã. E na luz parca, vi alguém sair daqui. Estava dentro da carruagem e partindo antes que pudesse ver seu rosto.

– Oh, David – exclamou, tremendo de vergonha diante de mais aquela complicação em seus planos. – Por que agora? Não se preocupou com o meu comportamento por anos. Não é como se não tivesse tido admiradores antes.

– Mas não os levava a sério. E mesmo se os levasse, aquilo era no campo, onde não havia muita chance de alguém a notar.

Então, estivera fora da vista e fora da mente dele também, certo?

– Suspeito que seria mais fácil para você se eu tivesse permanecido lá. Mas não pode esperar que evite Londres para sempre, pode?

– Talvez não. Mas esperei que quando voltasse à cidade, apresentaria um comportamento prudente. Se não consegue manter sua reputação, voltará para casa imediatamente.

– Não irei – disse Emily por um momento. – E para onde pretende me levar, se voltar para casa? Não para sua casa, certamente. Não vivo sob aquele teto desde que me casei.

– Mas talvez devesse, se tem a intenção de desgraçar a família.

– Não sou mais um membro de sua família. Mas se Adrian tem problema, depois de todo esse tempo, então deveria ser ele a vir aqui, e me arrastar de volta ao campo.

– Sabemos que ele não virá – replicou o irmão com desgosto. – Se Adrian exercitasse a disciplina necessária na própria casa, então esta tarefa não cairia nos meus ombros. E se você não tivesse se esforçado tanto para tornar a ausência fácil para ele, talvez tivesse sido obrigado a voltar para casa a fim de cuidar de seus negócios.

– Então, por que não vai à fonte do problema e fala com ele? Por que acha que é necessário

me molestar sobre o estado de meu casamento?

– Falei com Adrian – respondeu com dentes cerrados. – Contei a Folbroke o que descobri, agora mesmo. Já estava bêbado, embora fosse por volta do meio-dia. E não mostrou o menor interesse em minha companhia, nem em sua presença na cidade.

Bebendo novamente? Emily franziu o cenho. Adrian parecera bem sóbrio quando ficaram juntos na noite anterior. Esperara que esse problema, pelo menos, tivesse sido reduzido.

– E isso foi tudo que notou? – Pois havia uma questão mais importante que seu irmão não mencionara.

– Além da teimosia e do mau humor? Mal me olhou durante o tempo inteiro que eu estive lá. Como se, ignorando-me, não tivesse de me dar respostas.

– Entendo. – Seu pobre irmão ficaria ainda mais zangado do que ela quando descobrisse que fora enganado. – Imagino que não tenha gostado de sua intromissão mais do que eu.

– É realmente intromissão desejar que meu velho amigo e minha irmã encontrem a felicidade juntos, em vez de se comportarem de maneira escandalosa?

Emily pensou nas coisas que tinham acontecido naquela sala, que, apesar de excitantes, eram provavelmente as coisas menos escandalosas que seu marido fizera desde o casamento.

– Talvez possamos encontrar tal felicidade juntos. Talvez tenha meus próprios planos para retificar a situação. Deve confiar em minha capacidade de fazer isso. Não é casado, David, e não pode entender o que acontece entre um marido e uma esposa, mesmo quando não estão felizes. – Ela pensou por um momento e sorriu. – Especialmente quando não estão felizes. Embora possa não parecer, sei como lidar com Adrian, agora que estou determinada a tentar.

O irmão balançou a cabeça.

– É melhor fazer isso logo então, porque minha paciência com o comportamento dele está chegando ao fim. Se não conseguir levá-lo para casa, por Deus, irei arrastá-lo pela orelha até a fazenda. Não posso continuar parado, vendo-o se destruir, Emily. Simplesmente não posso.

Ela podia ver pela expressão nos olhos do irmão que a interferência de David não vinha de um desejo de controlar, mas de uma dor sincera pelo modo como seu amigo provavelmente acabaria. Emily deu-lhe um tapinha na mão.

– Confie em mim. Dê-me um pouco mais de tempo. Tudo dará certo, vai ver.

Houve o som de outro visitante, e Hendricks entrou na sala, sem ser anunciado, como se estivesse totalmente à vontade lá.

E Emily viu David estreitar os olhos, quando ele chegou a uma conclusão que não era evidente para ela.

– Sr. Hendricks?

– Sr. Eston. – O serviçal estreitou os olhos de maneira similar por trás dos óculos, como se respondesse a algum desafio não falado. Então olhou para ela. – Minha *lady,* trago uma carta de seu marido.

– Verdade mesmo? – disse David, como se assumisse que houvesse algum truque em jogo.

– Creio que escreveu em resposta à sua sugestão, senhor – murmurou inocentemente.

– E foi capaz de trazer aqui tão rápido, sem antes parar em minha casa para procurar Emily?

– Ora, David – disse. – Sr. Hendricks sabe onde estou hospedada, porque me ajudou a alugar o apartamento. E se há uma carta de Adrian, deve assumir que estamos mais unidos do que imagina. Agora, se me der licença, gostaria de lê-la em particular.

– Muito bem, então. – David deu mais uma olhada desconfiada para Hendricks. – Mas se souber de um encontro entre vocês dentro de uma semana, voltarei até Adrian e lhe contarei o que vi aqui. Suspeito que ele achará isso interessante.

Quando saiu, Emily olhou para o papel em sua mão, profundamente irritada com o irmão por estragar o que esperava que fosse uma leitura prazerosa. E então, notou que a carta estava endereçada a Emily, e escrita com a letra do secretário dele. Olhou para Hendricks.

– Então, meu lorde finalmente me chama, não é?

– Sim, *lady* Folbroke. E perguntou sobre você. Pareceu muito interessado em sua posição, e envergonhado pelo longo tempo em que não a encontrou e pelo fato de ter escondido sua cegueira.

Ela fungou.

– É mais provável que tenha a consciência pesada.

– Acabou de receber uma visita de seu irmão, e ficou preocupado com o motivo pelo qual se mudou da casa de Eston. Sr. Eston acha que um cavalheiro está envolvido nisso.

– Com razão. E com a sua súbita aparição aqui, David concluiu que o cavalheiro é você. Que tolice.

Houve uma longa pausa enquanto Hendricks tentava decidir como responder à sua mudança de status, de secretário para libertino traidor.

– É claro, minha *lady.*

– E qual foi a reação de meu marido a esse rumor?

Hendricks estendeu-lhe a carta novamente.

– Eu já li. E está escrita com sua letra. Na sua opinião, qual foi a reação dele diante dos rumores de minha infidelidade?

– Na minha opinião? – repetiu Hendricks, como se quisesse deixar claro que não falava pelo marido dela. – Está com ciúme, minha *lady.*

Emily sentiu um breve momento de triunfo, seguido por irritação.

– Então, tem direito de me trair, mas não aceita o contrário. – Bateu na carta com a unha. – E mencionou os planos que tem para este encontro?

– Pretende contar sobre seus problemas.

– Já sei sobre eles. O que virá depois desta grande revelação?

– Acho que tem intenção de chegar a algum entendimento.

Ela jogou o papel no fogo.

– No qual devo ser mais discreta, enquanto nada muda para Adrian. Se este for o caso, então não preciso encontrá-lo, pois não farei parte desse acordo. – Emily sorriu para Hendricks, tentando não parecer tão presunçosa quanto se sentia. – Estou me divertindo muito para parar agora. E se o pensamento de minha felicidade sem ele causa desconforto em Adrian, então, melhor ainda.

– Você deseja enviar uma mensagem para tal efeito?

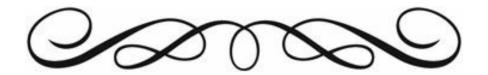
– Não. – Por alguma razão, a súbita necessidade de ele encontrá-la, enfurecera Emily a ponto de mal conseguir falar, provavelmente porque tinha se esforçado muito para destruir qualquer esperança de que isso um dia aconteceria. – Não haverá mensagem. Se ele perguntar, diga que recusei o encontro. Uma vez que Adrian esperou anos para me chamar, não deve se surpreender ao descobrir que estou ocupada com alguma outra coisa na noite em que está pronto para

desnudar sua alma.

– Muito bem. – Mas Hendricks franziu o cenho, como se desaprovasse sua atitude.

Estava certo. Aquilo não era bom. O comportamento de Emily era tolo e infantil. Deveria ter gostado de saber que Adrian se preocupava com ela, sentia ciúme, e carregava seu retrato em miniatura constantemente no bolso. Em vez disso, aquilo a lembrava de todo o tempo que havia sido desperdiçado. Ressentia-se por ser uma reflexão tardia para as infidelidades de seu marido, quase tanto quanto gostava de receber a atenção dele. Emily suspirou.

– Sinto muito, Hendricks, mas não posso facilitar isso para ele, como esposa estou sem paciência. Mas o esperarei aqui, esta noite, como tenho feito ultimamente. Talvez abra mais o coração com a amante.

Capítulo Treze

ADRIAN CHEGOU ao apartamento de Emily naquela noite tão cheio de raiva e indignação que não precisou falar para demonstrar seu humor. Estava lá, na postura rígida da coluna, no andar tenso, e nas batidas rítmicas da bengala contra o piso de madeira. Após um momento de hesitação, ela colocou-se na ponta dos pés para beijá-lo, e ele respondeu com um beijo superficial em seu rosto.

Então, impediu os seus avanços, afastando-a de si, pondo a bengala debaixo do braço, de modo que pudesse remover as luvas, que jogou dentro do chapéu com força desnecessária.

Emily recuou.

– Pensei que, depois desta manhã, receberia um cumprimento mais caloroso. Qual é o problema?

– Foi um dia cansativo – retrucou Adrian, tateando pelo hall de entrada, a fim de sentir o banco ao lado e colocar o chapéu ali. – Quando estou em casa, prefiro paz e quietude, sem ser interrompido por mudanças e surpresas. Mas hoje, isso foi impossível. Alguém decidiu me dar um piano de presente.

– Gostou? – perguntou Emily, embora pudesse ver, pela expressão dele, qual seria a resposta.

– Dei-lhe algum motivo para pensar que eu gostaria?

– Comentou comigo que ficava ocioso na maioria dos dias. E pensei, se você tivesse alguma coisa para ocupar as horas durante o dia, não precisaria sair à noite.

Adrian fechou os olhos e deu o suspiro frustrado de um homem provocado além do limite de sua paciência.

– Não lhe prometi ontem à noite que não iria para a farra?

– Enquanto estivéssemos juntos, sim. Mas tenho medo de que, uma vez que nos separarmos, esquecerá a sua promessa.

– Uma vez que nos separarmos? – Ele arqueou uma sobrancelha. – Já se cansou da minha

companhia?

– Não é isso, de maneira alguma – disse ela.

– Ou talvez, depois de apenas um ou dois dias, ache que tem algum direito sobre mim, que pode reorganizar minha vida como lhe convém?

– Um simples presente dificilmente é uma tentativa de reorganizar a vida – apontou Emily.

– Não é um simples presente. É grande. Um presente grande colocado num espaço pequeno. Quando me conhecer melhor, descobrirá que não gosto que a mobília seja mudada de lugar, uma vez que aprendi a sua disposição. E seu piano apresenta mais um obstáculo do que uma oportunidade.

– Isso porque não o experimentou, tenho certeza – argumentou ela. – Não é preciso ter olhos para tocá-lo. Uma vez que aprender as escalas, descobrirá que pode fazer música com eles abertos ou fechados.

– Então, é um presente caridoso para o pobre cego, certo?

– Só se você entender assim – respondeu Emily. – Muitas pessoas apreciam tocar um instrumento.

– Tive o bastante quando criança.

– Teve aulas, então? – Porque Emily não se lembrava de ouvi-lo tocar piano alguma vez.

– Uma ou duas. E então, numa das raras demonstrações de bom-senso de meu pai, demitiu o professor de música e me libertou da obrigação de aprender. Comprou um bom cavalo, em vez disso. – Sorriu como se estivesse recordando. – E que belo animal. Podia saltar uma cerca com a mesma facilidade que andava, e percorrer muros de pedra na parte mais baixa do jardim como se estivéssemos voando.

– Mas não pode mais fazer isso – observou.

– Obrigado por me lembrar. – Também não posso atirar, pois seria uma tortura para os animais, mais do que esporte, se eu caçasse. Com meu pai e com meu avô, aprendi os perigos de fingir ser um cavalheiro... não me incomodo mais em tentar. E sem sua ajuda, durei mais como um vagabundo do que ambos.

Emily tocou o braço dele com uma mão.

– Pode pensar que demonstro falta de fé em suas habilidades, mas sabemos que é uma questão de sorte, e não de habilidade, que o carregou até aqui por parte do caminho. Sei que não tenho direito sobre sua vida ou escolhas, mas não desejaria para ninguém o destino que procura.

– E não tenho nenhum desejo de ser conduzido num pônei, como se fosse uma criança. Nem desejo passar o resto da vida naquela sala de estar, tocando piano. Logo, estará me encorajando a tecer cestas ou fazer botões. Ou talvez possa aprender tricô, como uma senhora idosa. Juro, você é como aquelas almas intrometidas que encarceram os cegos e os treinam como cachorros.

– Dificilmente – retrucou ela. – E estive na escola de cegos aqui, se é isso que quer dizer. Não é tão ruim assim.

Adrian estreitou os olhos.

– Não é uma escola, minha querida. Chame aquilo pelo nome certo. O Asilo de Cegos em Southwark.

– Chama-se asilo somente porque significa que é um lugar seguro.

– É isso que acha? Porque também estive lá, enquanto ainda podia ver o lugar. E para mim, pareceu como se quisessem manter as pessoas de visão seguras da presença das menos

afortunadas.

– As crianças de lá são limpas e bem cuidadas.

– E ensinadas a realizar tarefas simples e compatíveis com sua inteligência e posição na vida. – Ele bufou em zombaria. – Não aprendem a ler, escrever e estudar. São treinadas para serem úteis, e o treino é feito por homens quase tão comuns quanto elas. Meu pai terminaria a própria vida antes de me ter, se aprendesse que esse era o único futuro que o aguardava.

– E tenho certeza que está muito mais orgulhoso ao pensar que você joga, bebe e desperdiça sua vida, em vez de encontrar uma maneira valiosa de ocupar seu tempo. – A teimosia de Adrian a enfurecia. Mas era compreensível. Tinha sido um jovem vigoroso. E uma a uma, todas as coisas que lhe davam prazer se tornavam impossíveis. – Se não gosta do piano, então não precisa tocá-lo – murmurou Emily num tom de voz suave. – Mandarei alguém retirá-lo de lá amanhã, e será o fim do assunto.

Mas ela podia dizer, pela expressão de Adrian, que não estava aliviado. Circulando-lhe o pescoço com os braços, Emily acrescentou:

– Se isso for tudo que o incomoda.

– Não é – confessou. E então murmurou: – Mas o resto não lhe diz respeito.

– Entendo. – Ela deu um suspiro audível para informá-lo de que estava irritada.

– Acontece que o maldito instrumento foi seguido por uma visita de meu cunhado, indo me perturbar com o assunto do comportamento impróprio de minha esposa.

– E é claro que isso o irritou – disse com cumplicidade, acariciando o braço dele. – Foi inútil tentar incomodá-lo, uma vez que não se importa com o comportamento de sua esposa.

Adrian levantou a cabeça, como se fosse golpeado.

– Não ouse presumir como me sinto em relação à mulher com quem casei.

– Não estou presumindo nada – respondeu ela com uma pequena risada de surpresa. – Você me disse como se sentia, menos de 24 horas atrás. Falou que não se importava com o que ela fazia, e que não tinha direito a exigir fidelidade de sua esposa.

– Mas isso foi antes de ela ter um caso público com outro homem – retrucou. – E pensar que confiava nele. Fico aborrecido de ele ser capaz de mentir diante de mim. E me aborrece ainda mais ele não ser capaz de disfarçar bem. Posso não ser capaz de ver minha mão diante dos olhos, mas posso ver através dele com perfeição.

– E quem seria? – perguntou, certa de que estava claro que Adrian formara uma opinião.

– Hendricks, é claro.

A ideia era tão ridícula que Emily teve de rir.

– Desconfia dele? Vi o homem, e isso me parece muito improvável.

– Oh, tenho quase certeza. Hendricks admitiu conhecer os aposentos de Emily, e ter ido visitá-la. E está sempre desconfortável perto de mim, como se estivesse com medo de entregar algum segredo.

– E perguntou à sua esposa o que tem a dizer sobre o assunto?

– Perguntaria, se conseguisse convencê-la a me visitar. Requisitei a presença dela esta tarde, e me ignorou.

– Então é isso – concluiu ela. – Está zangado com Emily, e todos ao redor devem ser culpados por isso. Mas não assume sua própria parte de culpa, é claro.

– Eu? – Recolheu um dos braços de seu pescoço.

– Se tivesse falado honestamente com Emily antes, talvez não tivesse escolhido outro. E lhe contaria de seu desprazer, ao invés de contar para uma mulher que mal conhece.

– Não é verdade de maneira alguma – argumentou. – Em minha experiência, não estou fazendo nada incomum. Poucos homens falam com as esposas. Quando querem discutir coisas importantes, procuram a companhia de outros homens.

– E quando querem desabafar e tirar um fardo de suas almas? – insistiu.

– Procuram suas amantes. Quando uma mulher é paga para fazer o que lhe dizem, tem menor probabilidade de discordar. Uma esposa, todavia, apesar de jurar diante do altar que será obediente, raramente é. Emily provou isso. E costumava pensar nela como a criatura mais dócil do planeta. Até hoje. – Ele olhou o teto com as sobrancelhas unidas, como se, apesar de toda aquela conversa, nunca tivesse realmente acreditado que Emily fosse capaz de deixá-lo.

– E suponha que encontre uma mulher que não obedece de jeito nenhum? – Estendeu a mão para tocar o rosto dele, alisando a linhas que tinham se formado em sua testa.

– Então lhe mostraria um novo uso para o piano dela. – Adrian beijou-lhe a palma da mão.

– Pretende convidá-la para sua casa, de modo que possam cantar em dueto? – provocou.

– É mais provável que a inclinasse sobre o banco do piano por seu atrevimento, e a amasse até torná-la mais cordata. – A voz de Adrian estava rouca, e a puxou para mais perto, beijando-a até que a raiva começou a se dissipar.

Emily abriu a boca e deixou que a convencesse, maravilhando-se com o pouco esforço que Adrian precisava fazer para excitá-la. Uma ou duas palavras, um beijo, um toque. E queria ser dele. Afastou-se, lentamente, quase de modo sonolento, e murmurou:

– Presume demais, meu lorde. Acha que pode forçar todas as mulheres a se submeterem a cada desejo seu?

– Nem todas – sussurrou de volta. – Só você. Porque não quer duetos castos numa sala de estar mais do que quero tocar um piano. Somos criaturas físicas. Não fomos feitos para ficar sentados docilmente, enquanto o resto do mundo dança.

Emily nunca pensara nela mesma daquela forma antes. Mas era verdade. Era mais feliz andando pelas terras de Adrian, visitando chalés e fazendas, encontrando o gado e as pessoas, do que sentada com seu bordado na sala, esperando seu marido agradá-la com uma visita. E quando lhe falava coisas obscenas, como agora, Emily se sentia como uma pessoa que buscasse uma vida ociosa e sensual. As sugestões de Adrian a faziam enrubescer de ansiedade, e não embaraço. Em vez disso, focou a mente em buscas mais inocentes.

– Prefere dançar a tocar, meu lorde?

Ele considerou a pergunta.

– Nunca tentei. Houve muito pouca música em minha vida nestes últimos anos. – Adrian envolveu-a nos braços como se ouvisse uma valsa e a girou uma vez, batendo-a numa cadeira.

Sentiu ele hesitar, apertou-lhe a mão com força e disse:

– Um momento, por favor. – Então, libertou-o, endireitou a cadeira e o conduziu para a sala de estar. – Agora, tente novamente.

Ele começou a se mover mais devagar desta vez, e deram alguns passos sem incidentes.

– Vou tentar – disse ele –, mas precisa me orientar. – Adrian virou-a mais uma vez.

Estavam perto de uma mesa agora.

– Esquerda. Não. Direita. – A virada a confundiu por um momento, e passaram a mesa,

balançando os ornamentos de porcelana chinesa nela, mas sem quebrá-los. – Agora, vá reto um pouquinho. E vire novamente, para a direita. E este é um circuito da sala.

Girou-a uma última vez com um floreado, e as saias de seda de Emily se enrolaram nas pernas, depois se soltaram.

Adrian assentiu com um movimento de cabeça, como se estivesse satisfeito pelo sucesso deles, então descartou aquilo como algo sem importância.

– É claro, não há orquestra para estabelecer o ritmo, e não temos de navegar por um salão repleto de pessoas.

– Dançarinos com visão perfeita não costumam se sair tão bem quanto se saiu. Parece que não posso escapar de uma dança sem dedos do pé amassados e cotovelos machucados. E tenho certeza de que achará mais fácil uma dança com ritmo e padrões. Até um idiota bêbado consegue executar passos da dança country inglesa, *Sir* Roger de Coverley.

– Obrigado pela confiança – murmurou sarcástico. – Mas dançar num salão cheio não seria tão prazeroso quanto abraçar minha parceira assim, quando estamos sozinhos. – Tinha Emily nos braços agora, balançando como se ainda pudesse ouvir uma música. Mas estavam perto demais para que aquilo fosse uma valsa, seus corpos se roçando, até que ela pudesse sentir ambos se tornando excitados.

– Não acho que o que fazemos agora pode ser chamado de dança – disse, um pouco ofegante, roçando os seios no paletó dele, sentindo seus mamilos se arrepiarem sob o vestido.

– Do que chamaria, então? – perguntou, as mãos indo para a saia dela, pressionando seus quadris, mas os lábios roçando os seus de leve.

– Acho que está tentando me seduzir de novo.

Uma das mãos de Adrian achou o bolso sem fundo na lateral da saia dela, e enfiou os dedos ali para tocar a pele desnuda da sua perna.

– Tenho chances de ser bem-sucedido?

Ela esfregou o rosto no dele.

– Acho que sim. – Balançou-se naquele corpo forte, deixando que a puxasse para mais perto, deslizando uma de suas pernas entre as dele. Adrian prendeu-lhe a perna nas suas, comprimindo os músculos, e ela experimentou aquela sensação agora familiar de excitação, sabendo que estava perto, sabendo o que aconteceria em seguida.

Emily aconchegou-se nele com um pequeno gemido, e Adrian empurrou-lhe as costas na extremidade de uma mesa, abrindo alguma distância entre seus corpos e abaixando uma das mãos para afrouxar o corpete do vestido.

– É a mulher mais sedutora, minha querida. Nua sob o vestido novamente. Acho que se me descontrolasse poderia tomá-la aqui mesmo.

– Sim – disse com um gemido, pensando como seria maravilhoso se Adrian perdesse o controle.

– Poderia apenas levantar sua saia...

– Sim... – Beijava-a, mordiscando-lhe os lábios de levinho, o pescoço.

– Abrir alguns botões...

– Sim... – Uma das mãos estava em seu seio, a outra, dentro da saia, apertando-lhe a perna.

– E poderia estar dentro de você, muito em breve.

Os corpos estavam muito próximos, e Emily encostou-se na coxa dele.

– Mostre-me – sussurrou e deslizou as mãos para baixo do colete de Adrian, procurando tocar a pele, não as roupas.

– Espere. – Adrian riu. Temos tempo. Não precisamos nos apressar. Deixe-me levá-la ao quarto.

Mas se fizessem aquilo devagar, seria cuidadoso. E apesar disso ser maravilhoso, não era o que Emily verdadeiramente queria no momento.

– Não. Aqui, agora. Rapidamente. – Beijou-o, de forma ardente e apaixonada, explorando o interior de sua boca com a língua.

Por um momento, Adrian parou de resistir e puxou os quadris dela para frente, circulando-os com uma mão para unir seu sexo ao dele, roçando-se nela sobre as roupas. Ela abraçou seu pescoço, erguendo-se na ponta dos pés, facilitando o encontro íntimo.

Então ele se afastou do beijo e deu um suspiro trêmulo.

– Não, minha querida. Vamos nos deitar e tratar um ao outro gentilmente.

– E suponha que não queira que você seja gentil? – questionou. – Suponha que deseje que você seja gentil, e termine comigo de maneira rápida e descuidada, num cômodo público, porque não aguenta esperar? – Deslizou as pernas entre as coxas dele até sentir sua masculinidade, e então, apertou-se contra a ereção dele, roçando o joelho até que Adrian gemeu.

Então ele a tirou dos braços e tentou separá-los.

– Você não entende – murmurou Adrian. – Não é que não me deixe excitado.

– Então, dê o que quero – demandou, e levantou a própria saia para se desnudar, pressionando seu sexo na calça masculina, tão perto que ela queria chorar de frustração.

Sem pensar, Adrian praguejou e beijou-a novamente, enquanto levava uma das mãos para baixo, a fim de abrir a calça, livrando-se da roupa até que estivessem pele com pele. Afastou-se o bastante para murmurar:

– Incline-se para trás, só um pouquinho. – Agora estava entre as pernas dela, roçando gentilmente em sua vagina, umedecendo os lábios com pequenos beijos desesperados. – Só por um momento. Só uma provinha sua. Serei cuidadoso, prometo.

Emily sorriu, tremendo, esperando o choque delicioso da sensação que se seguiria.

– Não precisa ser cuidadoso. Sou sua. Amo você.

E então, tudo acabou. Afastou-se num movimento tão abrupto que foi como se ela o queimasse, apressando-se para subir a calça e abotoá-la, embora estivesse obviamente precisando dela.

– Acho que é melhor jantarmos. Subitamente descubro que preciso de um drinque gelado.

Emily estendeu uma das mãos para ele, lembrando, tarde demais, que não podia ver seu gesto. Mas também não podia fitar suas faces vermelhas, ou o começo de lágrimas. Então alisou sua saia, ajeitou-a e passou os braços ao redor do corpo, como um escudo contra a rejeição dele.

– Precisa mesmo? Acha que esquecerei meus sentimentos por você? Ou quer se distrair?

– As duas coisas, talvez. – Adrian parecia mais velho do que há poucos minutos. O rosto estava sério e enrugado de tensão, e a postura era rígida e não natural, como se estivesse se preservando dela também. – Não acho que entenda o que me diz, e não pretendo tirar vantagem de uma generosidade baseada em mentiras e suposições, por mais prazeroso que seja. Não me ama. Não pode me amar.

– Eu amo você – gritou Emily. – Não tente me dizer o que se passa em meu coração, só

porque gostaria que o sentimento fosse diferente.

– Nós nos conhecemos há apenas alguns dias. E o que existe não é amor. É algo totalmente distinto.

– Para você talvez seja assim – retrucou. – Mas o conheço desde sempre. E por todo esse tempo, amo você.

Não tinha resposta, e se distanciou um pouco, com uma expressão estranha no rosto, como se temesse que qualquer direção que tomasse pudesse ser interpretada erroneamente por ela, como suas ações tinham sido.

Emily queria abraçá-lo, beijar seus olhos cegos, e dizer que não tinha razão para negá-la, ou para negar seu amor. Não havia nada mais natural no mundo do que Adrian ceder à tentação e juntar-se a ela. Seu coração ansiava por isso... assim como o corpo ansiava pela criança que ele se recusara a lhe dar.

Ela respirou fundo e devagar, desejando que a paixão desaparecesse, deixando um vazio frio. Por alguns momentos, era como se barreiras entre ambos tivessem caído. Retornara para ela, de corpo e alma. E naquele momento, independentemente do que pudesse alegar, estivera pronto, não somente para fazer amor com Emily, mas para amá-la sem medo do futuro.

Mas agora ele se fora novamente. Escondendo-se da esposa. Escondendo-se da amante. E embora estivessem compartilhando o mesmo cômodo, Emily se sentiu mais solitária do que se sentira uma semana atrás, quando ele parecera tão distante quando um navio no horizonte.

Apesar de sua expressão facial não importar, desenhou um sorriso falso no rosto e disse:

– Está certo. Há uma refeição colocada à mesa para nós na sala de jantar. Deixe-me pegar seu braço, de modo que possa me conduzir. – Pôs seu braço na curva do cotovelo dele e deu-lhe a direção necessária para que a levasse até a mesa. Sentaram-se e comeram quase em silêncio, só com os ocasionais comentários nervosos de Adrian sobre a maciez dos legumes, e sua gratidão pela cozinheira ter tido o trabalho de desossar o salmão.

Quando deu a impressão de que ia começar um discurso sobre a sobremesa, Emily o interrompeu:

– Desculpe se o aborreci.

– Você não fez nada – garantiu, um pouco rápida demais.

– É claro que fiz. Entenderei se não quiser ficar comigo esta noite.

– É claro que quero – respondeu, estendendo o braço sobre a mesa para pegar sua mão. – Mas não sei se isso é sábio. – Então, apertou-lhe os dedos. – Todavia, não sei se quero ser sábio, se significa perder sua companhia.

– Isso é um conforto. Prometo não falar mais aquilo. Não se preocupe.

– Na verdade, prefiro que seja honesta comigo. É estimulante encontrar uma mulher que fala com franqueza.

– Obrigada – murmurou, detestando-se pelas mentiras, querendo gritar a verdade para ele. *Sou sua esposa. Sua Emily.*

Quero que me ame.

– É só porque não quero que alimente esperanças sobre o que pode existir entre nós no final. Não que não sinta nada por você. São sentimentos fortes – emendou, com um tom de desejo na voz, como se olhasse através de uma vitrine para algo que não pudesse ter. – É uma amiga e confidente. Alguém em quem confio sem restrições, e que por sua vez confia em mim. Se essa

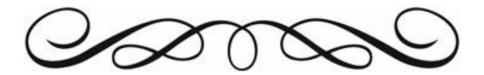
for a verdadeira definição de amante, então é isso que é para mim. E é o que desejo ser para você.

Emily olhou seu prato, pensando em como tinha sido em Derbyshire. Naquela ocasião, tais palavras teriam feito seu coração disparar. Nutria sentimentos fortes por ela. Desejava-a. Era como uma amante para ele. Por que isso não a satisfazia?

Sem soltar a mão, Adrian se levantou, levando-a consigo. De memória, conduziu o caminho da mesa ao quarto. Sem pressa, despiu-se e organizou suas roupas, mas não tomou o mesmo cuidado com as dela, abrindo os botões atrás do vestido e deixando-o cair aos pés de Emily. Ergueu-a do solo para tirá-la de dentro da roupa e colocar na cama com um beijo, antes de deitar-se ao lado, dando longas e lentas lambidas em seus seios, deslizando as mãos por seus quadris e acomodando-se entre suas pernas para beijá-la ali, com carinho, quase adoração.

Emily fechou os olhos e se entregou às carícias íntimas. E pensou que era ganância de sua parte querer mais, quando lhe dava algo tão bom. E sabia, pelas vezes anteriores em que Adrian fizera aquilo, que tais carícias tinham o poder de arrancar sua alma do corpo e enviá-la em queda livre para a terra novamente.

O prazer final veio aos poucos. E quando chegou, ela chorou.

Capítulo Catorze

O SOL já nascia no momento em que Adrian acordou. Não fez nada quanto a isso, uma vez que a amante ainda dormia em seu braço. A noite fora tão gloriosa quanto a anterior, e partes da noite anterior a esta. Tão excitante quanto a briga na taverna. E, provavelmente, quase tão perigosa.

Eu amo você.

Quando Emily disse aquilo, sentiu... com incrível terror... o eco de uma resposta em seu próprio coração. Como algo tão perfeito quanto o tempo que passavam juntos podia não se basear numa emoção mais profunda? Adrian acariciou seus cachos, e ela se aninhou mais nele em seu sono.

Se ela não dissesse nada, ignoraria suas intenções e a tomaria contra a parede da sala de estar, confiando que diria se não estivessem sozinhos... não poderia ouvir passos de um servo nem que tentasse, pois as batidas de seu coração estavam muito altas. Aparentemente, havia loucura no que sentia por ela também.

E então, falara as palavras, e ele se contivera. Adrian a levara à sala de jantar, depois para a cama. Amara-a de todas as maneiras possíveis, até que estivesse certo de que ela havia esquecido.

Mas o travesseiro dela estava molhado com lágrimas. E durante o sono, a amante chorara como uma criança perdida.

Ela se mexeu; Adrian acariciou suas costas, desejando que voltasse a dormir. Era gostoso estar ali, e não queria partir. Rolou de lado e se libertou de seu braço, e Adrian pôde senti-la e ver sua sombra quando apoiou os cotovelos nos travesseiros.

– Não vai fugir de mim antes do amanhecer?

– Lamento, mas já é tarde demais. Mas devo ir logo.

– Então, fique um pouco mais – pediu. – Dê-me um tempo para tomar banho e me vestir. Irei

com você e verei sua casa.
Ele franziu o cenho.
– Não precisa me ajudar. Sou perfeitamente capaz de conseguir uma carruagem, sabe?
– Claro que é, Adrian. – Ela se levantou e abriu as cortinas, sem esperar por um criado, deixando que a luz os banhasse. – Mas faz uma linda manhã. E andar no parque, mesmo que por pouco tempo, seria adorável.
– Não deveria sair sem escolta – disse ele, imaginando se pretendia levar uma criada também.
– Tenho você.
– Não terá.
– Só um curto passeio juntos. Sob o sol.
– Quer que cavalgue em Rotten Row? – perguntou Adrian, desejando não ter revelado o medo que sentia quando pensava num lugar tão público. – Desconfio que seria divertido para todos ao redor.
– É claro que não quero que cavalgue. Se quer quebrar o pescoço, então suplico, encontre outra maneira de fazer isso. Não pode confiar num cavalo para fazer isso sem causar sofrimento. Para mim, especialmente, pois não gostaria de assistir.
E agora fez ele rir, contra seu melhor julgamento.
– Mas não há nada de errado com suas pernas, não? – Voltou para a cama e massageou as pernas dele, com toques leves dos dedos que arrepiaram seus pelos e o excitaram.
Adrian se afastou e sentou, pondo os pés para fora da cama.
– Não.
– Quanto tempo faz que não aprecia uma simples caminhada no parque? Vaga pelas ruas à noite, é claro. Mas seria agradável sentir o sol no rosto. – Ela se aproximou, passou os braços em sua cintura e o apertou de leve. – Seria agradável revelar nosso romance.
Estava certa, é claro. Devia ser difícil para sua amante ter aqueles encontros apenas à noite. Embora o segredo fosse necessário, aquilo poderia dar a impressão de que se sentia envergonhado da sua companhia. E sabia como Emily andava com a autoestima em baixa.
– Não é uma questão de nos revelar, minha querida. Ainda não tornei minha condição conhecida publicamente. E apesar de ser possível disfarçar a falta de visão num território familiar e por curtos períodos, se for visto colidindo com uma árvore no Hyde Park, suspeito que o mundo inteiro logo saberá da verdade.
– Não sugiro nada do tipo – argumentou ela. – O parque não enche até o fim da tarde. Se formos agora, não haverá quase ninguém lá. Podemos fazer uma caminhada curta, numa trilha reta e nivelada, longe de Kings Road. Se segurar no meu braço, pode me conduzir, e o informarei de quaisquer obstáculos, exatamente como fazemos aqui. Será um passeio sem nada fora do comum.
– Sem ser particularmente interessante. Se quer passar o dia comigo, posso pensar em maneiras melhores de gastar seu tempo. – Inclinou-se nela, sentindo os seios encostarem em suas costas, e a respiração delicada em seu pescoço.
– Se um passeio matinal o deixa entediado, então não tem nada a temer – respondeu sarcástica.
– Temer? Enfrentei o exército de Napoleão sem hesitar. Não evito o parque porque estou com medo. – *Apavorado* seria a palavra mais adequada.

– É claro que não. Mas não entendo por que você não pode fazer o que peço, quando é uma coisa tão pequena.

– Pelo fato de ser tão pequena que não vejo valor nisso. – Adrian estendeu a mão a fim de tocar seu rosto. – Talvez pudesse comprar uma joia. Alguns brincos para suas adoráveis orelhas...

– E como os explicaria para minhas amigas? Diria que meu marido meu deu um presente? – Agora foi a vez dela rir com amargura. – Dirão logo que sou infiel por causa dos brincos do que se me vissem tomando ar com um conhecido do sexo masculino.

Estava loquaz esta manhã, e tão franca quanto fora desde o começo. Mas na noite anterior, dissera que o amava. E Adrian fingia que aquilo nunca acontecera, tratando-a pouco melhor do que uma prostituta, mantida para um único propósito, e aplacada com joias para evitar mau humor. Envergonhava-se mais deste comportamento do que poderia se tateasse em busca de seu caminho ao redor do Hyde Park.

Como se sentindo que amolecia, ela falou com mais suavidade:

– Não ficaremos fora por muito tempo. E esta noite, como recompensa, pode fazer o que quiser comigo. – Ela beijava suas costas agora, abrindo as mãos no colo sobre a intimidade de Adrian, completamente imóvel, como se esperando pelas instruções dele. – Mas agora? Você me deve isso, pelo menos.

Porque não vai me amar. Era isso que ela queria dizer, tinha certeza. E imaginou se essa podia ser a primeira de muitas barganhas. Se assim fosse, era provável que aquele fosse o começo do fim para ambos. As balanças que haviam sido tão delicadamente equilibradas nunca mais se acertariam. Na noite anterior, palavras tinham sido ditas e não podiam ser retiradas.

Mas não queria desistir dela. Ainda não. Era muito cedo. E apesar de pretender não sentir nada, nunca mais, ela o fazia feliz. Adrian capturou suas mãos antes que pudesse excitá-lo, e virou o rosto para beijá-la, então fingiu considerar.

– Fazer o que quiser com você? Não posso resistir a essa oferta. E não vou. Não preciso de nenhum outro motivo, exceto que o passeio lhe dará prazer. Agora, se pretende que eu saia deste quarto na luz do dia, é melhor deixar eu me vestir, antes que mude de ideia e a leve de volta para cama.

EMILY PÔDE ver, desde o momento em que saíram da carruagem, que o passeio tinha sido uma boa ideia. Permitiu que o cocheiro a ajudasse a descer, então pegou o braço de seu marido enquanto a esperava no solo. O rosto de Adrian estava inclinado na direção do sol, os olhos voltados para a cobertura de folhas acima, como se nunca tivesse visto uma coisa tão maravilhosa.

Sem saber, jamais teria adivinhado que a fascinação dele tinha menos a ver com o dia bonito do que com sua incapacidade de ver as árvores com clareza.

Ele olhou para baixo e para o lado novamente, como sempre fazia, inclinando um pouco a aba do chapéu para proporcionar mais sombra.

– Deram-me óculos escuros especiais, depois do ferimento no campo de batalha, para proteger os olhos da claridade do sol. Talvez devesse achá-los, para ocasiões como esta.

– Pretende sair comigo novamente?

Ele suspirou.

– Com ou sem você. Algum dia, rumores sobre minha condição irão se espalhar. Não fará sentido esconder-me em meus aposentos quando isso acontecer.

Aquela era a primeira vez que o ouvia planejar alguma coisa que não fosse uma morte prematura. Não expressou sua surpresa, temendo que um reconhecimento daquilo pudesse remover a ideia da cabeça de Adrian.

Mas não pareceu notar sua própria mudança de atitude, e tocou os olhos, pensativo.

– Talvez os óculos facilitem minha locomoção sob a luz do sol, com o pouco de visão que me resta. Assim, também não terão a falsa impressão de que estou encarando as pessoas. Não gostaria de ser rude.

– Um sentimento interessante, vindo do homem que conheci poucos dias atrás – respondeu ela.

Adrian riu novamente.

– Nenhum cavalheiro deseja ser conhecido por uma *lady* nas redondezas em que me encontrou. Fica muito difícil fingir qualquer gentileza depois. Vamos dar uma volta no parque, de modo que possa provar que tenho bons modos.

Emily apertou-lhe o cotovelo de leve.

– O caminho é para a esquerda. E reto. Não há ninguém à vista.

– Nunca há, querida.

Ela encolheu-se por sua própria falta de sensibilidade.

– Desculpe.

– Pelo quê? Não foi você quem me cegou com sua beleza – replicou ele, pegando-lhe a mão e erguendo-a até os lábios para um beijo. – Nem me sinto ressentido por sua visão.

Relaxou um pouco quando pôs a mão de volta no braço dele.

– Às vezes, ainda fico insegura de como me comportar na sua presença. Sentiu-se furioso o bastante para destruir a própria vida por causa disso, não se revelando um homem contente apesar da sua deficiência.

– Talvez não. Mas hoje as coisas estão diferentes. – Ele respirou fundo. – É muito mais difícil ser amargo quando o sol brilha e as rosas florescem.

– Pode sentir a fragrância delas?

– Você não pode?

Emily fez uma pausa e sentiu. É claro que podia. Mas estivera muito concentrada na cor delicada das rosas para notar sua fragrância. Deixou que a guiasse mais perto do banco de flores bem cuidadas.

– São lindas – comentou.

– Há um belo roseiral na minha casa em Derbyshire. Com damascos brancos e cercas de madeira. Fico imaginando se o jardim ainda está lá.

Sim. Andaremos por ele ainda neste verão, meu amor.

– Espero que sim – disse. – Uma casa de fazenda não é nada sem rosas.

– Descreva-as para mim.

– Vermelhas, cor-de-rosa, amarelas. – Aquilo era um pouco inadequado para as necessidades dele, tinha certeza. – A vermelha tem um toque de roxo. E sombras. Como veludo à luz de velas.

Adrian estendeu uma das mãos e pôs nela uma flor.

– A textura é aveludada, também. Sinta.

Ela tocou as pétalas também, e descobriu que estava certo, então, moveu-se para o próximo arbusto, falando:

– E estas são rosas de maçã. Grandes e cor-de-rosa, e o veludo está mais nas folhas do que nas flores. E aqui estão seus damascos.

Ele assentiu com a cabeça em aprovação.

– Como deveria ser. – E então inclinou a cabeça. – E há uma cotovia.

Emily olhou ao redor.

– Onde? Não vejo.

Sem errar, Adrian apontou em direção a uma árvore à esquerda. Quando ela olhou mais atentamente, pensou ter visto um conjunto de penas nas folhas.

– Pobre criatura confusa – disse. – Já passou da estação da ninhada. É incomum ouvir este som em particular numa época tão tardia.

– Produzem sons diferentes?

– Falam uns com os outros, como fazemos. – Adrian sorriu, ouvindo novamente. – Este é um macho, procurando uma parceira para se acasalar.

Houve um canto em resposta, numa árvore à direita.

– E lá está ela. – Suspirou. – Encontrou-a, afinal de contas. Muito bem, senhor. – E, quase distraído, deu-lhe um tapinha do braço.

Emily sorriu, feliz em estar no lugar certo, no braço do bonito conde de Folbroke, mesmo se fosse por apenas uma hora. Nunca notara que o parque era tão cheio de vida. Mas era rápido para descobrir coisas que ela não havia percebido, e para apontá-las enquanto passavam. As poucas pessoas que encontraram no caminho sorriram e cumprimentaram com gestos de cabeça, não prestando mais atenção em seu marido do que em qualquer outro transeunte.

Podia sentir a tensão dele sempre que isso acontecia, como se temesse uma reação. E cada vez que nada acontecia, Adrian relaxava um pouco mais.

– Há mais gente aqui do que prometeu – murmurou.

– Posso ter mentido um pouquinho, dizendo que o parque estaria vazio. Mas não está cheio. E o passeio não está tão desagradável quanto temia, tenho certeza – replicou Emily. – Não vejo ninguém que reconheço. E as pessoas que estão aqui não prestam a menor atenção em nós. Não existe nada de incomum em seu comportamento para incitar comentários de um observador casual. Na verdade, somos o casal mais comum do parque.

Ele riu.

– Meu orgulho está intacto, querida. Fiz uma aparição em público e o céu não caiu. Na verdade, ninguém notou. Se pensaram alguma coisa a meu respeito, certamente foi que sou um homem de sorte para estar caminhando com uma *lady* tão linda.

– Seu humor está ótimo hoje.

Adrian olhou para cima, e à sua volta, como se ainda pudesse ver as redondezas.

– Está um dia lindo, não está? Agiu bem em me forçar a sair ao sol, minha querida. Fazia tanto tempo...

– Fazia – concordou suavemente. – E tenho outro presente para você, se aceitá-lo.

– Não é mais um piano, é? Será outro instrumento musical?. Está prestes a tirar um trompete da bolsa e me forçar a assoprá-lo, e espantar os pássaros?

– Não é nada tão grande, garanto.
Adrian sorriu.
– E não é sua doce pessoa que oferece. Todavia, se sugerisse que nos escondêssemos atrás de uma roseira para um beijo, não negaria seu pedido.
Emily o repreendeu de brincadeira, cutucando-lhe o braço com o ombro.
– Não é isso, também.
– Então, não faço ideia do que seja. Porém, uma vez que estamos em público quando você oferece o presente, presumo que esteja insegura de minha reação. Sabe que não desejo chamar atenção, e terei pouca escolha, exceto aceitar, graciosamente, qualquer coisa que me ofereça. – Havia um sorriso sardônico nos lábios dele. – Fale de uma vez. Está me deixando apreensivo.
Ela vasculhou a bolsa, procurando o cartão que tinha encontrado.
– Sabe ler francês?
Deu-lhe um sorriso desconfiado.
– Querida, pensei que tivesse deixado muito claro, na noite que nos conhecemos, que ler qualquer coisa está além de minha capacidade.
Emily bufou para informá-lo de sua irritação, e disse:
– Está dificultando as coisas para mim de novo. E não estou sendo suficientemente clara. Por isso, peço desculpas. Deveria ter colocado a questão assim: Antes que sua dificuldade se desenvolvesse, você aprendeu a ler o idioma francês?
Foi a vez de Adrian bufar de maneira impaciente.
– É claro que aprendi. Apesar do que pode imaginar, depois de me encontrar num estado tão decadente, fui criado de modo correto e bem educado. Talvez se não tivesse fosse, as coisas seriam mais fáceis agora. Uma pessoa não pode sentir falta do que nunca conheceu.
– Mas era fluente?
– Melhor em grego e latim. Mas, sim, eu me virava muito bem em francês. Podia entender e ser entendido. Mas não vejo como isso seja importante.
Colocou o pedaço de papelão em uma das mãos dele, e posicionou-lhe os dedos da outra mão nas letras em relevo ali.
– Veja o que pode descobrir disto.
Ele franziu o cenho e passou os dedos na superfície, movendo-os rápido demais para interpretar padrões.
– O que é isto? – sussurrou.
– Um poema. O autor era francês, e acadêmico. E cego – acrescentou ela. – Pelo que consegui reunir do assunto, os franceses parecem muito mais esclarecidos sobre a educação de pessoas com seu problema. Há experiências muito interessantes para o aprendizado de matemática, geografia, e até mesmo leitura e escrita. Mas a maior parte do trabalho é em francês, e não tenho...
Segurou o cartão de maneira frouxa, nem mesmo tentando examiná-lo.
– E se não notou, meu amor, estamos atualmente em guerra com a França.
– Mas não estaremos para sempre. Uma vez que conquistarmos Napoleão, haverá paz. Tenho certeza disso. E então, talvez, possamos ir a Paris.
– E talvez tenham estabelecido uma língua para mim, e eu a aprenda. E viveremos juntos, numa pequena casa nos bancos do rio Sena, e esqueceremos nossos maridos e problemas na

Inglaterra. E escreverei poemas franceses para você. – Ele devolveu o cartão.

– Talvez devêssemos fazer isso. – Emily pegou o papel e se virou para ele, enfiando o pedaço de papelão no bolso, onde guardava seu retrato. – Embora entenda a impossibilidade de algumas das coisas que falou, acha realmente uma ideia tão estranha que possa melhorar ou viver de maneira muito parecida com a de qualquer outro homem?

Suspirou, como se estivesse cansado de discutir.

– Não entende.

– Mas estou tentando entender – replicou. – O que é mais do que sua família lhe ensinou a fazer. Quando deparados com o mesmo desafio, seu pai e avô desistiram. E o ensinaram a fazer o mesmo. – Emily segurou seu braço novamente, envolvendo os dedos ao redor da curva do cotovelo dele. – Mas não é como seu pai e seu avô. É muito mais. E não saberá do que é capaz até que tente por si. Se não enxerga isso, então tem uma deficiência muito pior do que a cegueira. Sofre de falta de visão.

Adrian permaneceu imóvel, tão estática quanto um manequim. Por um momento, teve esperança de que ele estivesse pensando sobre suas palavras. E então falou em tom de voz ríspido e irritado:

– Acabou? Ou tem outras opiniões que gostaria de compartilhar comigo?

– Isso é o bastante pela manhã, creio. – Emily exalou o ar lentamente, esperando que não notasse, mas sabendo que notara, pois podia lê-la muito bem.

– Concordo. Acho que está na hora de escoltá-la de volta à carruagem, se me disser onde é.

Não estava com humor para ajudá-lo, quase certa que ele sabia perfeitamente para onde ir, e que apenas fingia precisar de instruções.

– A carruagem não saiu do lugar desde que descemos. Leve-nos de volta ao caminho em que viemos.

Houve uma pausa minúscula enquanto ele retraçava os passos em sua mente. Então Adrian se virou e a conduziu de volta ao caminho que haviam trilhado, conduzindo-o ao longo da extremidade gramada com sua bengala, para ajudá-lo a encontrar o caminho.

Caminharam sem incidentes e sem se falar. Emily forçou-se a ficar relaxada, rezando para que não houvesse rostos familiares entre as poucas pessoas que passeavam no parque. Quase esperara, quando estavam felizes perto das rosas, encontrar alguns membros do círculo social que frequentavam, engajando-os numa breve conversa, para gentilmente revelar sua verdadeira identidade ao marido. Mas depois do recomeço que tiveram esta manhã, Emily se excedera. A distância nascida entre ambos na noite anterior crescia. E se ela não encontrasse um meio de deter aquilo, perderia-o. Duvidava de que seria uma experiência agradável para qualquer pessoa, se fosse saudado por um amigo e ela forçada, sem aviso, a explicar sua condição.

Estavam a poucos passos da carruagem, agora, e sabia, pelo relaxamento nos músculos do braço forte dele, que também estava ciente disso. Enquanto andavam, sentira-o tenso enquanto mantinha os ouvidos atentos, atento para qualquer mudança, mas agora, ouvira o ruído dos arreios, e a conversa do cocheiro com o cavalariço, fazendo silêncio em atenção à proximidade deles. Adrian libertou-lhe o braço, pondo uma mão protetora em suas costas quando Emily se moveu para subir na carruagem. Então um pedido ressoou atrás dele.

– Esmola!

Adrian congelou por um momento, como se uma única palavra tivesse poder de controlá-lo.

Então, virou-se, a cabeça movendo-se para encontrar a fonte.

– Esmola para uma pedinte cega! Esmola! – Havia uma mulher ao lado da entrada do parque, provavelmente esperando convencer algum membro da elite. Ela os fitou com olhos brancos, sem ideia de quem abordava, só de que tinham fundos suficientes para possuir um coche, e capacidade de lhe dar alguns centavos. Quando ela sacudiu a caneca, o barulho patético indicou uma manhã mal sucedida.

Emily pôde sentir os dedos em suas costas escorregarem, quando seu marido voltou-se, esquecendo por que a tocara. Virou-se com ele, descendo o degrau que subira. Alcançou Adrian, seus dedos se apertando no braço poderoso, e ergueu a outra mão para pegá-los. Não foi o toque gentil e tranquilizador com o qual ela passara a se acostumar, mas um reflexo rígido e tenso.

Emily puxou seu braço, tentando tirá-lo dali.

– Venha. Podemos voltar à carruagem, se quiser.

Então o aperto dele começou a relaxar novamente, e a conduziu em direção à mulher, e não para longe.

– Conte-me o que vê. Não poupe detalhes.

– É uma mulher idosa – disse Emily. – As roupas estão limpas e em bom estado, mas são simples. Há remendos nos cotovelos, e a renda no pescoço não irá durar mais tempo. Os olhos são azuis, mas obscurecidos por manchas brancas. Cataratas, eu acho. Duvido que tenha sido cega a vida inteira.

Enquanto falava, a mulher diante deles permaneceu muda, aceitando o escrutínio como se tivesse desistido de ser qualquer coisa mais do que um objeto de piedade. E então sua mão se apertou na caneca, sacudindo-a mais uma vez.

– Esta é uma descrição precisa? – perguntou Adrian. Quando não obteve resposta, tateou para tocar o braço da pedinte.

A mulher bateu-lhe na mão para afastá-lo, incerta da razão para o contato e assustada.

– Preciso perguntar, porque também sou cego – disse, numa voz suave e tranquilizadora.

– Sim, senhor. – A mulher idosa sorriu aliviada.

– Meu lorde – corrigiu distraído, pondo a mão no bolso para pegar a carteira. – Sou o conde de Folbroke.

A mulher curvou-se reverente.

E, sentindo o movimento no braço dela, abaixou a cabeça em resposta ao gesto de respeito.

– O que a trás aqui, minha senhora? Não há ninguém que cuide de você?

– Meu marido está morto – replicou. Seu sotaque não era refinado, mas também não era grosseiro. – E meu filho foi para a guerra. Por um tempo, enviou dinheiro. Mas faz muito tempo que não tenho mais notícias. E temo que... – Parou, como se não quisesse pensar na notícia que talvez viesse a receber.

– Pode não significar nada – garantiu Adrian. – Também servi na guerra. Nem sempre é fácil enviar notícias para casa. Mas talvez eu possa descobrir alguma coisa. Hoje, estou ocupado. Mas amanhã, vá à minha casa na rua Jermyn. Pedirei que os servos cuidem de você. Pegarei suas informações e verei se alguma coisa pode ser feita.

– Obrigada, meu lorde. – A mulher já estava quase ofegante pelo choque. Mas quando o ouviu jogar uma moeda na caneca, ficou claro que podia, pelo som, distinguir a diferença entre ouro e cobre. A boca surpresa se fechou, e se abriu num sorriso. – Obrigada, meu lorde – repetiu com

mais ênfase.

– Até amanhã – murmurou Adrian, e se virou, assobiando e batendo a bengala no chão para sinalizar que o cocheiro deveria ajudar.

O trajeto para a casa de Adrian foi feito em silêncio, até que Emily não aguentou mais.

– Fez uma coisa maravilhosa por ela.

– Soldados têm muito com que se preocupar no campo de batalha, não precisam ir para casa e encontrar suas mães pedindo esmola nas ruas – disse, como se aquilo fosse a única coisa que o preocupasse. Então, após um momento de reflexão, acrescentou: – O que fiz não foi suficiente. Se houver uma maneira de encontrar trabalho honesto para ela, farei isso.

Havia um nó se formando na garganta de Emily quando pararam diante da construção que hospedava seus aposentos. E quando Adrian se levantou para sair, tocou-lhe o braço e o fez fazer uma pausa.

Virou a cabeça, esperando para ouvir o que ela tinha a dizer.

– Sei que não quer ouvir isso. Mas não posso evitar falar – murmurou ela. – Eu amo você, Adrian Longesley.

Ele engoliu em seco. Então disse:

– Obrigado – deixou-a, movendo a bengala no chão a fim de alcançar os degraus da porta.

Capítulo Quinze

OBRIGADO.

Que coisa tola para dizer a uma mulher que acabara de desnudar a alma para ele. Mas o que mais poderia dizer? A resposta que ela queria não era a mesma que desejava lhe dar. E qualquer outra coisa parecia inadequada.

– Hendricks! – Adrian entregou seu chapéu e luvas para o lacaio e foi direto ao quarto, ouvindo os passos de seu secretário o seguindo.

– Meu lorde? – disse Hendricks, as palavras abafadas pelo o que era provavelmente uma colherada de seu café da manhã.

– Que horas são?

– São 8h30. Muito cedo, meu lorde. – Aquilo não pareceu ser uma censura, mas um pedido de desculpas por sua própria falta de jeito.

– Muito cedo para qualquer coerência, quer dizer. Bem, prepare-se para ser surpreendido. Não apenas estou sóbrio, como dormi, tomei café da manhã e fiz uma caminhada.

Houve uma pequena tosse atrás dele, quando Hendricks engasgou com farelo de torrada devido ao choque.

Adrian sorriu.

– Parece que estou mais adiantado do que você hoje. Vá terminar seu café da manhã. Ou, se desejar, traga-o para meu quarto, com o jornal. É bem-vindo para usar a mesa perto da janela, se desejar. A brisa esta manhã está particularmente agradável. E a paisagem, pelo que posso imaginar, está muito bonita.

– Obrigado, meu lorde.

Seu pajem o precedera e o esperava para pegar seu paletó, esforçando-se para não parecer pego tão despreparado quanto Hendricks. Quando o paletó deslizou de seus ombros, Adrian o

pegou como sempre, a miniatura no bolso do peito.

Seus dedos roçaram em algo inesperado. Levou um momento antes que se lembrasse do cartão que ela o forçara a aceitar no parque.

Fechou o punho frustrado, então rapidamente relaxou, para que não amasse o papel. Não tinha lidado bem com aquilo. Não deveria rir das tentativas dela de ajudá-lo, ou tê-la censurado. A grande perda seria sua se o deixasse depois de uma dessas explosões de raiva.

Especialmente quando o destino demonstrara como seus problemas eram pequenos em comparação aos dos outros. Talvez sua amante estivesse errada, e Adrian tivesse alcançado o fim de sua vida útil. Talvez ficasse o resto da vida sentado perto da janela, ouvindo o mundo lá fora. Mas, pelo menos, não seria forçado a ficar numa esquina com uma caneca, pedindo esmola.

A imagem em sua cabeça de uma coisa tão comum, um futuro em Paris ou qualquer outro lugar, com sua amante recostada numa espreguiçadeira, enquanto tomavam vinho e liam poesia um para o outro, tinha sido intensa e dolorosa. A ideia de que pudesse haver alguma permanência no que compartilhavam era tão inatingível quanto se lhe dissesse que voariam para a lua.

Quando Adrian se sentou para ser barbeado, sentiu o cartão com os dedos, traçando fileiras de leves relevos com as unhas. Se tentasse ler a mensagem enquanto ela estava lá, teria visto como aquilo era impossível, e desistido de incomodá-lo com o assunto.

Ou Adrian provaria que ela estava certa. Seu orgulho devia ser algo muito frágil, se ele temia o sucesso tanto quanto o fracasso. Passou os dedos na superfície do cartão, notando que os relevos eram padronizados e espaçados entre fileiras. E quando se forçou a mover os dedos bem devagar, foi capaz de começar a decifrar as letras.

Estava certa. O texto parecia ser em francês. Adrian riu, quando começou a entender as palavras, imaginando se havia tentado aquilo, também.

– *O amor é cego em si, assim como cega quem ele regra* – Adrian leu em voz alta, e ouviu o pajem gemer irritado e protestar com um sério *meu* lorde por causa de seus movimentos bruscos quando à mercê de um homem com uma lâmina.

Adrian sorriu cauteloso para evitar um corte, e pensou na mulher que lhe dera o cartão. Era bem típico de sua amante escolher estas como as primeiras palavras que lia em meses. Por um momento, pensou que pudessem ser de Shakespeare, e nada mais do que uma escolha irônica da parte dela. Mas estivera errada ao achar que aquilo era poesia. Parecia que o homem não era poeta em absoluto, mas um acadêmico latino, e cego também.

Adrian passou os dedos sobre as letras novamente, mais rápido desta vez, quando se tornou mais fluente com a pouca prática que adquiriu. Ainda não tão rapidamente como se pudesse ler. Mas a sensação de reconhecer as ideias se formando sob sua mão era boa. O escritor chamara a cegueira de uma virtude divina, em vez de doença humana. A ideia fez Adrian dar um sorriso irônico, causando outro gemido de seu pajem. Se o Todo Poderoso tivesse castigado os Folbroke numa tentativa de torná-los mensageiros divinos da bondade, então Deus também devia ser cego. Escolher pessoas tão indignas não evidenciava Seu bom gosto para servos.

Entretanto...

– Hendricks.

– Lorde Folbroke. – Seu secretário, que tinha se acomodado à pequena mesa sob a janela, respondeu numa voz clara.

– Você se recorda... já houve um membro do Parlamento que ficou cego?

– É claro, meu lorde.

Adrian inclinou-se para frente, esperançoso, apenas para ouvir:

– Você, meu lorde. E seu pai, é claro. E seu avô.

– Não, seu tolo. Alguém de outra família.

– Não que saiba, meu lorde. Mas certamente, isso não é impossível. Há aqueles que são aleijados, não é?

– E surdos, também. E provavelmente sem bom-senso – acrescentou Adrian. – Por que, de que outra forma podemos justificar as decisões que são tomadas por eles?

– Posso descobrir, se você deseja. Mas suspeito que teriam pouca escolha, exceto acomodar... qualquer colega que sofreu inconveniências.

Bom velho Hendricks. Estivera prestes a dizer *você...* e tomara cuidado de parar a tempo.

– Por favor, faça isso. E depois me informe o que descobriu. Tenho outra tarefa para você também. Preciso falar com alguém em Horse Guards para ver se há algo a ser feito quanto a localizar o destino de um soldado. Conheci a mãe de um homem no parque hoje...

– No parque – repetiu Hendricks, como se não pudesse acreditar no que ouvira.

– Do lado de fora do parque, na verdade. Circunstâncias a reduziram a pedir esmolas na rua. E disse que tentaria ajudá-la, se ela viesse aos meus aposentos amanhã.

– Uma mendiga virá aqui, meu lorde?

– Sim, Hendricks. Uma mendiga cega. É mãe de um soldado.

– Entendo, meu lorde.

– E se a notícia for boa ou ruim, verifique se algum tipo de pensão pode ser arranjado para ela...

– Considere isso feito, meu lorde. – Hendricks pôs sua xícara na mesa e se levantou, pronto para começar suas tarefas. – Mais alguma coisa? – A última sentença foi dita como se assumisse que uma dispensa era iminente.

– Na verdade, há mais uma coisa. – Quando seu secretário se aproximou, Adrian lhe passou o cartão que segurava. – O que entende disto?

– É uma poesia de Jean Passerat, meu lorde.

– Estou ciente disso, Hendricks. Porque eu a li.

– *Meu* lorde. – A exclamação revelou pura surpresa.

– Note que as letras são em relevo. Posso senti-las, Hendricks. É um processo laborioso ler estas pequenas marcas, mas não impossível. E ocorre-me que pode haver um tipógrafo ou uma impressora que poderia fazer alguma coisa similar. Já têm o tipo de letra em relevo.

O secretário pensou por um momento.

– Para fazer a impressão na página usam outro sistema.

– Mas se pudessem fazer um molde, de alguma maneira. Ou se letras especiais fossem fixadas no papel, talvez desse certo. – Bateu os dedos no joelho, imaginando as maneiras nas quais um sistema como esse poderia ser aplicado. E subitamente, sentiu-se ansioso para fazer alguma coisa. – Seria caro, suponho. Mas tenho o dinheiro.

– Isso é verdade, meu lorde. – Hendricks parecia aliviado agora. E feliz.

– E se puder ser feito para mim, então não vejo por que outros materiais de leitura não possam. Talvez o Asilo Southwark pudesse usar isso. Sei que não consideram função deles educar os residentes, mas tenho uma opinião diferente sobre o assunto.

– E quem saberia melhor que você, meu lorde, que tem um interesse muito pessoal no assunto?

– O que me colocaria numa excelente posição para me tornar um benfeitor daquela instituição, tenho certeza. A combinação de dinheiro e influência pode ser essencial para fazer uma mudança duradoura no lugar.

– É claro que, para que os residentes sintam os benefícios de sua ajuda, uma quantidade considerável de tempo precisa ser devotada ao assunto – avisou Hendricks.

Tempo. E quando não tivera tempo de sobra? Dias se estendiam diante de Adrian, e a necessidade de sair do tédio fora a base de muitos de seus divertimentos. Ele sorriu.

– Parece-me, Hendricks, que de todos os esforços loucos de minha família em três gerações, o apoio à caridade não foi um deles. Pelo padrão tradicional da casa de Folbroke, agirei de maneira imprudente se seguir nessa direção, em vez de procurar a própria morte.

– Muito bem, meu lorde. – Havia divertimento na voz de seu criado. – Poderia ser o mais louco de sua família, se pretende gastar a fortuna em filantropia.

– Daria-me a chance de apreciar seu humor seco, Hendricks. Uma qualidade que tenho perdido em nossas interações recentes.

– Ultimamente, você me dá poucas razões para ter alegria, lorde Folbroke.

– Mudança está no ar, Hendricks. Voltei a ser quem era, depois de um longo tempo.

– Assim parece, meu lorde.

– Não pode, depois de todo esse tempo trabalhando para mim, chamar-me de Adrian? Ou de Folbroke, pelo menos?

– Não, meu lorde. – Mas o título foi falado com afeição, então ele deixou passar. Hendricks pigarreou. – Mas se puder tomar a liberdade de informar *lady* Folbroke de seu bom humor, poderá ficar muito contente.

Adrian sentiu o retorno do velho pânico diante da percepção de que Emily ficaria sabendo de seus planos se começassem a ser colocados em prática antes que se explicasse.

– Isso terá de esperar, até que tenha a chance de lhe contar pessoalmente. Mas acha que Emily aprovará?

– Sim, meu lorde. Ainda pergunta sobre você regularmente. E ficou preocupada com o seu silêncio.

– No entanto, não respondeu ao meu chamado.

– Poderia ousar oferecer-lhe um conselho?

– É claro.

– Acho que ela se pôs contra a maneira como o chamado foi feito, não o homem.

Adrian suspirou.

– Cometi tantos erros com a pobre garota que nem sei por onde começar para retificá-los.

– Não é mais uma pobre garota por um bom tempo, meu lorde. – E lá estava novamente aquele estranho senso de admiração que Adrian ouvia às vezes, quando Hendricks falava da esposa. E lembrou-se que a reconciliação que imaginava talvez não fosse bem-vinda para seu amigo.

– É meu próprio castigo que não estivesse lá para vê-la florescer na mulher em que se tornou. Orgulhoso demais para observá-la com metade de minha visão. E agora, não posso vê-la em absoluto. – Ele suspirou. – Obrigado por cuidar de Emily, Hendricks.

– Eu? Não fiz nada, meu lorde.

– Suspeito que não seja verdade. – E o que Adrian esperava que o homem dissesse? Nada que ele quisesse ouvir. Mas parecia não querer abandonar o assunto.

O criado falou, após alguns momentos:

– Pela maior parte, cuida de si mesma. Faço muito pouco, exceto atender aos desejos de *lady* Folbroke. Mas tenho certeza de que, se lhe falar pessoalmente, descobrirá que está ansiosa para ouvir.

– Talvez deva fazer isso. – E seus nervos o derrotaram mais uma vez. – Mas não hoje. Hoje, acho que irei almoçar fora.

– Fora, meu lorde? – Ele podia quase ouvir o cérebro de Hendricks, pensando nas possibilidades, tentando decidir para onde seria atraído tão cedo. E se haveria uma maneira de dissuadi-lo de alguma nova tolice que descobrira. Pois, embora a manhã estivesse cheia de promessas, Adrian não dera razão a seu pobre amigo para acreditar que suas boas intenções durariam até de tarde.

Quando Hendricks não pôde chegar à conclusão alguma, murmurou:

– Depois que terminar as tarefas das quais me incumbiu, eu o acompanharei.

– Verdade? E pedi sua companhia, sr. Hendricks?

– Não, meu lorde.

– Então não precisa ir. O que farei, devo fazer sozinho. Não é um membro, afinal de contas.

– Não? Que diabo... – Por um momento, Hendricks ficou completamente perdido. E sua submissão escorregou, revelando o homem por baixo.

Adrian estendeu a mão no ar, até conseguir encontrar o braço de seu secretário, e deu-lhe um tapinha para tranquilizá-lo.

– Não se preocupe, homem. Não sou criança. Posso me virar bem sozinho por algumas horas à luz do dia. Agora, chame a carruagem. E diga à cozinheira que não voltarei para jantar.

WHITE'S.

O clube de cavalheiros era o baluarte do tipo de sociedade que negara a si mesmo desde que tinha perdido a visão. Esquecera como o lugar era pacífico, comparado às tavernas que frequentava, e do senso de pertencer e ser membro do clube que carregava consigo. Um lugar onde excentricidade era ignorada. Se um homem possuía conexões para ser convidado a entrar, então até mesmo um comportamento espalhafatoso poderia ser considerado, se não louvável, pelo menos indigno de comentários.

E quando comentários não pudessem mais ser refreados, então alguém provavelmente pegaria o livro de apostas. Adrian sorriu em antecipação.

– Lorde Folbroke. Posso ajudá-lo com seu chapéu e casaco?

– Pode me ajudar com diversas coisas – disse, virando-se para o servo e posicionando uma mão no braço do homem. – Faz muito tempo que não venho aqui. A disposição dos móveis ou das salas mudou de alguma forma?

– Meu lorde? – O criado pareceu surpreso, e um pouco confuso com a pergunta.

– São meus olhos, sabe. – Passou a própria mão na frente do rosto para indicar a impenetrabilidade deles. – Não cego como um morcego, talvez. Mas quase. – *Cego.* Falar a

palavra em voz alta lhe causava uma sensação boa, como se esta tivesse ficado presa em sua língua por um século, esperando ser libertada. – Pegue meu chapéu e minhas luvas. Mas minha bengala deve permanecer comigo. – Então, acrescentou: – E apreciaria uma breve descrição do salão e seus ocupantes.

Uma vez ciente do que lhe era requisitado, o servo cumpriu a tarefa sem nenhuma dificuldade, e não pareceu nem um pouco chocado ou embaraçado pelo pedido. Ele explicou, em voz baixa e suave, quem e o que seria encontrado do outro lado da soleira da porta. Depois, perguntou:

– Mais alguma coisa, meu lorde?

– Um drinque, talvez. O mesmo que os outros estiverem bebendo. Pode me levar depois que tiver encontrado um assento. E, por favor, anuncie-se ao fazer isso, pois talvez não o ouça se aproximando. – Então Adrian voltou-se para a difícil tarefa de reentrar na sociedade.

Permaneceu parado por um momento, inalando o ar abafado familiar. Estava um pouco quente demais no salão. Mas não estivera sempre? Podia sentir o cheiro de álcool e tabaco. Mas não eram produtos de má qualidade com os que passara a se acostumar. O aroma de sofisticação era tão forte quanto de tinta fresca no papel.

– Folbroke! – Houve uma exclamação de boas-vindas diante da visão dele, seguido por silêncio repentino quando seus velhos amigos perceberam que alguma coisa havia mudado.

– Anneslea? – Adrian deu alguns passos à frente, em direção à voz de seu velho amigo Harry e se esqueceu dos cuidados necessários, tropeçando numa mesa e quase atrapalhando um jogo de cartas. Desculpou-se com os cavalheiros, e virou-se, apenas para sentir Harry segurando-lhe o braço e o conduzindo em frente.

– Folbroke. Adrian. Fazia quase um ano que não o via. Por onde andou? – E então, em tom de voz mais baixo, e mais preocupado: – E o que aconteceu? Venha. Sente-se. Fale.

Adrian sorriu e deu de ombros, aceitando a ajuda.

– Não tenho sido boa companhia, lamento. – Anneslea impulsionou-o para uma cadeira, e quase instantaneamente o servo retornou com uma taça de vinho. Adrian deu um gole para controlar seus nervos. De repente, falar algumas palavras simples parecia mais assustador do que uma carga de cavalaria. – Meus olhos me faltaram.

– Você está...?

– Cego – disse novamente, e desta vez, experimentou um pequeno alívio. – Minha visão foi diminuindo aos poucos desde a explosão em Salamanca.

Harry apertou-lhe o braço.

– Não há esperança de recuperação?

Adrian deu um tapinha na mão dele.

– Os olhos das pessoas em minha família não são muito bons, infelizmente. A mesma coisa aconteceu com meu pai. Tive esperança de escapar da condição, mas parece que não fui poupado.

Houve a pausa que ele esperava. Então Anneslea deu uma risada aliviada.

– É melhor encontrá-lo cego do que bêbado antes do meio-dia. Quando o vi batendo no móvel, temi que tivesse de levá-lo para casa e colocá-lo na cama.

Os homens ao redor também riram, e, para variar, Adrian riu com eles, de sua própria insensatez.

– Folbroke?

Fez uma prece silenciosa para que tivesse forças.

– Rupert. Que bom vê-lo.

– Mas acabou de dizer que não pode me ver.

Algumas coisas não mudavam. Ainda gostava das companhias em White's... exceto pelos dias em que seu primo estava presente.

– Falava metaforicamente, Rupert. – *E também quando disse que era bom vê-lo.* – Embora não seja visível para mim – *e isso é uma benção –,* pode perceber que não tenho problema em reconhecê-lo por sua voz.

– Suas outras faculdades não estão debilitadas? – Rupert parecia quase esperançoso que estivesse errado. O homem não podia fingir, nem por um instante, que não estava ansioso para lhe roubar o título.

– Não, Rupert – replicou Adrian o mais paciente possível. – Descobrirá que ainda estou em plena forma mental. E uma vez que meu breve período de reclusão chegue ao fim, voltarei aos lugares que costumava frequentar, e ocuparei meu lugar no Parlamento.

– E suponho que *lady* Folbroke também falou a verdade?

Sobre o quê?, perguntou-se. E então decidiu dar à esposa o benefício da dúvida.

– É claro. Ela não teria razão para mentir, teria?

– Suponho que não. Neste caso, só posso lhe dar os parabéns – disse Rupert com pesar.

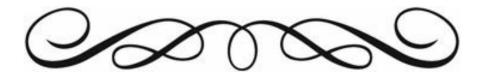
– Parabéns, meu velho? – indagou Anneslea. – Vem a mim com seus olhos mortos, e nada além de más notícias. Mas sua esposa espalha alegrias, suponho. O que estamos celebrando?

Não tenho a menor ideia.

– Deixarei que Rupert lhe conte, uma vez que está obviamente ansioso para compartilhar o que descobriu.

Rupert suspirou, o tom de voz nem um pouco ansioso quando declarou:

– Parece que haverá um novo herdeiro de Folbroke, na Páscoa.

Capítulo Dezesseis

QUANDO HENDRICKS procurou-a com as notícias das tarefas que lhe Adrian dera, Emily mal podia conter sua excitação. Parecia que a mendiga cega fizera mais num espaço de poucos minutos do que conseguira em uma semana.

– Viu-se nela, tenho certeza. E foi lembrado das vantagens de sua posição social. Muito obrigada, por ajudar a conduzi-lo o resto do caminho. – Ela inclinou-se para frente e segurou o braço de Hendricks, enquanto estavam sentados, tomando chá, tão emocionada com o pensamento de um futuro mais brilhante que pensou que pudesse explodir de felicidade.

Com o seu toque, Hendricks teve um sobressalto que fez seu pires balançar, e olhou a mão de Emily como se não soubesse bem o que fazer daquilo.

– Você se dá muito pouco crédito, *lady* Folbroke. Foi sua devoção ao lorde que fez a diferença.

– E falou algo de mim? – perguntou, esperançosa. – Sobre Emily, quero dizer. A esposa. – E começou a perceber a extensão de sua confusão. Era como se fosse duas pessoas, e não soubesse qual merecia a atenção de Adrian.

– Perguntei ao lorde Folbroke se deveria procurá-la para contar as novidades. E ele reconheceu que era melhor você saber de tudo o quanto antes, e que queria lhe contar pessoalmente. Receberá algum contato dele em um ou dois dias, com toda certeza.

– Isso é bom – disse Emily, fechando os olhos numa prece silenciosa de agradecimento.

– Talvez a saída do lorde esta tarde esclareça melhor os planos dele.

– Saída? – Aquilo era novidade, mas não podia dizer se era boa ou ruim. – Adrian disse para onde ia? Ou quando retornaria? E quem o acompanhou? – Emily encheu Hendricks de perguntas, até que o pobre homem ergueu uma das mãos para detê-la.

– Não me contou, nem aceitou minha escolta. Avisou que não jantaria em casa. Mas presumo

que pretende voltar para casa a fim de trocar de roupa, antes de visitá-la esta noite. Além disso, não sei mais do que você.

– Não me resta nada a fazer senão esperar – murmurou, levantando-se para andar pela sala. – Não pensei nos riscos que Adrian estava correndo, durante todo o tempo que ficou longe. Apenas presumi que estivesse bem.

– E ele se virou bem sem sua ajuda – Hendricks relembrou.

– Não é que não confie nele para cuidar de si – disse Emily, tentando se convencer de que aquilo era um fato. – Mas agora que o vi, e sei como pode ser impulsivo... – Deu um olhar desesperado para Hendricks. – O que farei? O que farei se ele não voltar? – Quanto tinha ido a Londres, Emily estivera preocupada sobre economias da fazenda e a perda de sua liberdade. Mas agora, sentia-se consumida pelo pensamento de que, se nunca mais o visse, significava que Adrian nunca saberia quem ela era, ou como se sentia em relação a ele.

Hendricks olhou para dentro da xícara de chá.

– Lorde Folbroke ficaria aborrecido comigo se a deixasse se preocupar sem motivo. Não precisa temer por si mesma, porque, mesmo que o pior aconteça, não está sem amigos. Não ficará sozinha, Emily. Nunca.

– Mas não estou pensando em mim mesma – replicou, indo olhar pela janela na vã esperança de ver a carruagem de Adrian passar. – É somente com ele que me preocupo. É o centro de toda minha felicidade. E agora que o reencontrei, preciso mantê-lo seguro e saudável, e feliz, também. Como estava esta manhã.

– Então deve confiar nele – disse Hendricks. – Em algumas horas, tudo estará bem novamente. Pode acreditar.

UM POUCO antes das 20h, ouviu o som dos passos de Adrian no corredor e a voz profunda chamando um criado para pegar seu chapéu e suas luvas. Emily passou apressada pelo lacaio, dispensando-o, de modo que pudesse cuidar pessoalmente de seu amor, correndo para os braços dele, beijando-lhe os lábios.

Esta noite, apesar de bem-vestido, não estava imaculado, como de costume. A gravata estava frouxa, os cabelos castanhos despenteados, e as faces coradas, como se tivesse acabado de voltar de uma cavalgada, ou de alguma atividade vigorosa. Riu ao reconhecer o toque dela, e beijou-a de maneira tão ardente que beirava a violência.

Estava com gosto de bebida alcoólica, e de sal, também. Emily sentiu uma estranha umidade em seus lábios. Quando conseguiu se afastar para limpá-los, havia uma mancha vermelha em seus dedos. Estendeu a mão gentilmente para tocar a boca de Adrian, e ele recuou, tirando-lhe a mão de seu rosto.

– Há um corte no seu lábio.

Foi estranho. Porque, em vez da reação que esperava... que praguejasse ou recuasse novamente de dor... passou um dedo ao longo do ferimento e deu-lhe um sorriso travesso.

– Então há.

Ela pôs a mão dentro da manga e retirou um lenço, umedecendo-o com a ponta da língua e o estendendo para limpar o sangue da boca de Adrian.

Puxou-a para mais perto, erguendo-a, de modo que os pés de Emily mal tocassem o chão, e

gemeu.

– Pode me beijar para curar meu lábio?

– Não quero machucá-lo.

– É uma pena que o homem que me atacou não se sentisse da mesma maneira. É claro, tinha batido bastante nele antes que cortasse meu lábio. Então, suponho que pedi por isso. – Seu marido ainda estava sorrindo, os olhos azuis brilhando com uma emoção que ela nunca vira. Beijou-a novamente, como naquela primeira noite, como se não visse a hora de levá-la para cama, e não se importasse se alguém saberia disso.

– Estava brigando? – As palavras e o beijo levaram os pensamentos de Emily de volta ao homem que tinha sido quando o encontrara. Cheirou-o mais uma vez. – Esteve bebendo, não é?

– E se tivesse bebido? – Beijou o pescoço dela, alisando seu corpo através do vestido.

Emily empurrou suas mãos, tentando recuperar o fôlego.

– Prometeu que não faria mais isso. É muito valioso para mim para se destruir. Enlouquecia de preocupação.

Ele fez uma pausa, descansando o rosto nos cabelos dela.

– Ora, querida, não pode esperar que coloque minha agenda totalmente em suas mãos, por mais adoráveis que estas mãos possam ser. Minha vida ainda me pertence, certo? – Mas, de alguma maneira, não parecia particularmente feliz com sua liberdade.

– É claro que sim – garantiu ela. – Sabe que não tenho nenhum direito sobre você. Mas, independentemente do que acontece entre nós, é muito importante saber que está seguro e bem.

Adrian inclinou-se nela por um momento, como se dia tivesse acabado com suas forças.

– E obrigado por isso. É bom saber que alguém se importa. E não precisa temer minha condição. Ganhei como qualquer cavalheiro nobre ganharia. Fui almoçar no White's.

– Saiu novamente? Sem mim? – Emily não pôde conter o gritinho de alegria, enquanto rodeava-lhe o pescoço com os braços.

Adrian abraçou-a pela cintura e deu de ombros, como se a súbita mudança não fosse nada incomum.

– Não poderia levá-la a meu clube, querida. Mulheres não são permitidas lá. Nem mesmo esposas, graças a Deus. – A última frase foi sussurrada tão baixinho que ela mal ouviu. E então continuou, como se não tivesse dito nada: – O fato de ter ido lá almoçar não deveria ser surpresa para você. Ainda sou um membro, com boa reputação. Anneslea estava lá, assim como o cunhado dele, Tremaine. Foi bom vê-los de novo, depois de todo esse tempo. Anneslea perguntou sobre os olhos, é claro.

– E contou a eles? – Ela se afastou para estudar seu rosto.

– Ao contrário de alguns problemas, minha condição é difícil de esconder. – Adrian olhou além dela, sequer fingindo enxergar. Então deu de ombros mais uma vez, como se sua mente tivesse se voltado para assuntos muito mais importantes do que aquele que o consumira por meses.

Abraçou-o novamente e beijou seu lábio ferido.

– Mas o que causou isto?

– Depois que trocamos amenidades, havia outros ansiosos para compartilhar as notícias do dia. Alguns dos quais muito surpreendentes. Parece que tenho motivos para celebrar. Meu primo Rupert estava lá... – Ele franziu o cenho, apertando os lábios com força até que o corte ficasse

branco.

Aquilo devia explicar o humor estranho de Adrian. Duvidava que ele pretendesse se revelar tão cedo para a família. E Emily sabia, por experiência própria, que Rupert tinha o poder de arruinar até os dias mais felizes.

Adrian pareceu prestes a falar alguma coisa, então sorriu novamente, e continuou sua história:

– Durante a tarde, a garrafa foi passada ao redor do salão. Conversamos sobre o que era possível para um homem cego realizar. E então, alguém pegou o livro de apostas. – Ele deu de ombros outra vez, como se para minimizar a tolice daquilo. Mas o gesto foi unido a um sorriso satisfeito. – Alguns dos cavalheiros e eu fomos ao Gentleman Jackson's para um pouco de pugilismo, como qualquer cavalheiro da alta sociedade faria. Vendas para todos os homens. Uma vez que tenho a vantagem de alguma visão, seria injusto que fosse sem venda. Quando ambos somos cegos, parece que consigo vencer dois de três oponentes. Uma boa média, acho. Provei ser bom em encontrar minha marca. Se puder ficar fora de alcance dos primeiros golpes, posso ouvir o oponente respirando, e encontrar a fonte do som. Não sou tão rápido quanto costumava, e não estou muito em forma depois do longo período de inatividade. Mas não puderam reclamar de minha falta de entusiasmo. Todavia, foi uma pena que o homem que quisesse enfrentar não estivesse lá para compartilhar o momento...

– Lutou boxe? – Não sabia se ria ou o repreendia.

– Apenas uma pequena disputa inofensiva. Sem raiva. – Mas o brilho nos olhos dele e o maxilar orgulhoso a fez questionar a verdade daquilo. – É uma pena que o caro Rupert foi tão covarde para compartilhar o ringue. Ouso dizer, depois da demonstração de hoje, que não irá mais me considerar um inválido inútil, e saberá ficar de boca fechada e manter distância.

E não era isso que Emily quisera o tempo todo? Deu-lhe outro beijo entusiasmado.

– Está feliz que Anneslea cortou meu lábio?

– Estou feliz que saiu de casa durante o dia, e passou tempo na companhia de verdadeiros amigos. – Esticou-se para lhe beijar os olhos. – E que contou a eles.

Adrian encostou os lábios na cabeça de Emily.

– É culpa sua, que vive insistindo que faça alguma coisa da minha vida. E tem razão. Estava na hora. Passou um pouco da hora, acho. – E então beijou-a na boca. – Mas o beijo que começou como um gesto gentil de agradecimento, logo se transformou em algo diferente.

Seu chapéu e luvas caíram no chão, e Adrian os chutou para o outro lado do hall, tirando objetos de perto dos pés deles. Então suas mãos vazias encontraram o corpo de Emily, movendo-se dos ombros delgados às costas, pressionando os seios na frente de seu paletó, depois, apertando a parte inferior do corpo no dele, até que sentiu a ereção viril em sua barriga. Embora os lábios feridos estivessem suaves nos de Emily, a língua dele se movia com avidez na dela, deixando-a tonta de desejo.

Seria preciso pouco esforço para alcançar seu objetivo esta noite. Fariam amor, se ela lhe pedisse. Porque não havia gentileza naquele beijo, apenas a exigência de rápida libertação.

E, enquanto seu corpo se preparava para sucumbir, a mente sussurrava que mais do que aquilo havia mudado. No novo mundo que ela criava, não havia lugar para segredos. E nenhuma maneira de Adrian esconder sua amante misteriosa dos amigos, ou sua doença da esposa. Agora que tinha se movido para a luz, estava prestes a enfrentar outra decisão. E havia uma chance de Emily perdê-lo para sempre, se não lhe contasse tudo logo. Afastou-se do beijo e se desvencilhou

dos braços dele, então pegou sua mão e o puxou.

– Venha. Pode me contar sobre seus planos durante o jantar.

– Já comi – murmurou, puxando-a de volta e deslizando as mãos pelos seus braços desnudos.

– Uma taça de vinho, então.

Adrian a beijou novamente, e disse:

– Sabe o que eu quero. E não é comida ou vinho. Não me rejeite. – Com uma das mãos, uniu seus quadris, com a outra, ergueu-lhe os seios, até que se apertassem contra o decote do vestido. Então, puxou, com força, o tecido que os cobria. Ela ouviu um botão ser arrancado de seu vestido e arfou. Adrian inclinou as costas dela em seu braço, e tomou um mamilo na boca, depois o outro, lambendo-os, mordiscando-os, deixando a pele exposta marcada de beijos, para ser vista por qualquer pessoa que chegasse ao hall de entrada do apartamento.

Segurava-a com tanta força que ela não tinha fôlego para resistir. Mas a impotência parecia certa no momento. Aquele era seu marido, afinal de contas. E estava tão enlouquecido de desejo que duvidava de que ouvisse uma objeção, caso fizesse.

E então ele fez uma pausa, levantando a cabeça de seus seios doloridos.

– Ontem à noite, e esta manhã, quando disse...

– Vamos fingir que não disse nada – respondeu apressada, pois não queria que ele parasse de novo. – Não me puna pelo que sinto.

– Não pretendo puni-la. Só quero ter certeza de que seus sentimentos não mudaram.

– Nunca mudarão – jurou, ofegando, ansiosa para que ele retomasse as carícias. – Independentemente do que acontecer entre nós, serei leal.

Adrian pareceu estremecer um pouco diante daquilo, como se tivesse esperando por alguma outra resposta.

– Ótimo – murmurou. – Porque do contrário, não... – E então, aquilo pareceu não importar, pois a beijava novamente, abrindo os botões, descendo seu vestido pelo corpo até que pudesse acariciar os quadris acima do tecido, enquanto mordiscava os ombros. – Fale o que quiser. Nada irá nos apartar.

Emily arfou e disse:

– Amo você.

Adrian não se esforçou para responder com um sentimento similar. Em vez disso, pediu:

– Mostre-me. – Então, conduziu-a, com a mesma segurança que teria se pudesse enxergar o caminho, para o outro lado da sala e para o quarto dela.

Emily fechou a porta depois que entraram. E antes disso, já tinha lhe removido o resto do vestido e puxava a gravata dele para desfazer o nó. Quando jogou o tecido longe e alcançou os botões do colete, ela parou a sua mão.

– Não será capaz de encontrar suas roupas depois, se agir assim.

Adrian deu uma risada estranha.

– Esta noite, não me importo.

Ela beijou-lhe o pescoço.

– Então, deixe-me fazer. Observei-o nas últimas noites. Colocarei suas roupas no mesmo lugar em que sempre as coloca. Não haverá erros. Mas não me negue o prazer de despi-lo.

Emitiu um som entre uma risada e um suspiro. Então parou, os braços um pouco separados do corpo, como se estivesse diante de um pajem. Emily sentiu um tremor percorrer aquele corpo

másculo no primeiro toque de suas mãos.

Tirou seu paletó, sentindo o peso da própria miniatura de porta-retratos no bolso dele, e pendurou-o no espaldar da cadeira. E depois o colete e a gravata que pegou do chão, colocando um por cima do outro, dobrados sobre o paletó.

Parou para tocá-lo. Ombros largos, costas retas, cintura fina... vira-o na cama, e tocara cada centímetro do corpo poderoso. Mas nunca tinha sido assim, com o corpo de Adrian meio escondido por roupas. Emily pressionou os lábios na abertura da camisa masculina, deslizando os dedos no linho, sentindo. Então afastou o tecido do caminho e beijou o peito.

– É um pajem muito interessante – brincou, acariciando-lhe o corpo antes de segurar a nuca e incliná-la para que tomasse seu mamilo na boca. – Um homem pode se acostumar a isso.

Ela pensou o mesmo. Adrian fazia com que se sentisse segura e cuidada, mesmo quando permitia que cuidasse dele. E era bom sentir os pelos do peito largo roçando em seu rosto, a pele suave nos músculos fortes. Emily removeu a camisa pela cabeça, alisou-a para desamassar e colocou cuidadosamente na cadeira, então se voltou para ele, esfregando as mãos no peito sólido, antes de empurrá-lo poucos passos para sentar na cama bem atrás. Agachou-se para tirar-lhe as botas e as meias, massageando suas canelas, subindo as mãos pelas pernas grossas, abrindo os botões e removendo a calça, para encontrá-lo totalmente excitado.

Pôs o resto das roupas perto da cadeira. Então foi ao criado-mudo e apagou a última vela, de modo que pudessem se deitar no escuro.

Quando fez isso, Adrian gritou surpreso.

– Incomoda-se de ficar sem a luz da vela? – perguntou.

Ele estendeu o braço para pegar-lhe a mão quando ela subiu na cama.

– Vai me achar bobo, mas tenho medo de escuro quando este vem de repente. Nunca tenho certeza se o que resta de minha visão está indo embora sem aviso ou se é apenas uma vela se apagando. – Adrian riu nervoso. – Com as velas apagadas, somos igualmente cegos, não é?

– Sim – replicou, surpresa por não ter pensado naquilo. – Isso me ensinará a usar minhas mãos para encontrar o caminho, como você faz.

– No escuro, podemos ser qualquer pessoa. Imaginar qualquer coisa. Realizar os desejos mais secretos – sussurrou ele. – E ninguém verá. – Beijou-a longa e ardentemente, repleto de desejo, abraçando-a tão forte em seu corpo que Emily mal conseguia respirar. Aquela era outra prova de poderia dominá-la com facilidade, se assim quisesse, e a ideia a fez tremer com antecipação. Então Adrian relaxou na cama para lhe mostrar como o domara, permitindo-se explorá-lo mais, querendo ver o que ela faria com a liberdade.

Emily sentou-se de pernas abertas nas coxas dele, apertando-as entre as suas, e inclinando-se para frente, de modo que pudesse tocar os músculos do peito poderoso em seus seios. Podia dizer, pela respiração ofegante de Adrian, que os toques suaves dos seus mamilos na pele dele era tão excitante quanto era para ela. Segurou os seios nas mãos, de modo que pudesse tomá-los na boca novamente, esfregando-os nos dentes e mordiscando-os de leve, antes de liberá-los para secá-los com a respiração.

Ela endireitou o corpo, deslizando as mãos no abdômen reto de Adrian, colocando-as sobre o membro viril e manuseando-o da base à extremidade, segurando-o na pele da barriga de um jeito que sabia que ele gostava.

Deixou que ela o explorasse por mais alguns momentos, antes de deslizar as próprias mãos

entre as pernas dela, provocando-a ali.

– Devagar – avisou Adrian, enquanto acelerava o ritmo do movimento de seus próprios dedos. – Deixe-me aproveitar. Quero saboreá-la durante a noite inteira. – Ele passou as mãos ao redor, agarrando-lhe as nádegas. – Escorregue para frente. Em mim. Quero estar dentro de você.

Emily olhou na direção da cadeira do outro lado do quarto escuro, pensando uma última vez no pacotinho no bolso dele.

– Você quer...

– Não pense nisso – ordenou, como se pudesse adivinhar seus pensamentos. Então, ergueu os quadris dela de modo que fosse capaz de se esfregar na umidade entre suas pernas. – Será melhor assim. Se ainda quiser.

– Sim – respondeu, guiando-o ainda mais para perto do lugar ao qual ele pertencia. Inclinando-se para frente, beijou-o e ergueu-se sobre os joelhos, de modo que a ponta do pênis tocasse seu ponto íntimo, como se aquele também fosse um beijo. Então escorregou apenas um centímetro, e sentiu o início da satisfação quando começou a penetrá-la.

– Tão bom – sussurrou Adrian. – Porém quero mais. – Segurou-lhe o traseiro novamente, prendendo os quadris dela, forçando-os para baixo num único movimento suave e flexível, até que preencheu completamente. – Assim.

Emily arfou em choque. Esquecera como era grande em seu interior. E aquela penetração súbita não possuía nada da cautela que usara da última vez em que fizeram amor. Naquela época, parecera ter medo de assustá-la.

Mas esta noite, não havia medo de nada. Antes que pudesse recuperar o fôlego, Adrian se movia em seu interior. Os quadris estreitos subiam e desciam em investidas frenéticas enquanto ele buscava liberação, fazendo-a tremer em deleite diante da facilidade com que controlava seu corpo.

Diminuiu o ritmo por um momento, parecendo prestes a se retirar. Então Emily pressionou-se nele, deixando-o deslizar ainda mais fundo, até que tivesse certeza de que não mudaria de ideia.

– Não queria isso de mim, Adrian. O que mudou?

Ele gemeu, mas não se retirou.

– Machuco você?

– Não. É tão bom. Eu quero.

– Então nada mudou. Fale as palavras que disse ontem à noite.

– Amo você, Adrian. – Tentou mover os quadris, mas ele a segurou em seu corpo. – Penetre-me. Por favor, Adrian, faça amor comigo.

– Sim. Novamente. – Afundou-se em seu interior, suspirando com satisfação. As investidas eram lentas agora, entrando e saindo de seu corpo, fazendo-a se esquecer de que podia ser de qualquer outro jeito.

– Amo você.

Então Adrian diminuiu ainda mais o ritmo, pele contra pele, as mãos em suas costas. Ela se inclinou para deitar no peito largo, e subitamente ele rolou e inverteu as posições, deixando-a por baixo do seu corpo poderoso.

Enterrou as unhas nas costas dele, com medo de que Adrian estivesse tentando escapar, apavorada que não terminasse o que tinha começado.

Ele riu, da maneira livre que rira naquela primeira noite, sentando-se de pernas abertas nela,

até deixá-la sem fôlego. Ela estava perto, muito perto agora, e Adrian sabia disso. Parou para tocá-la no rosto.

Emily mordeu os seus dedos, suplicando para que a levasse ao êxtase, e, sentindo sua ansiedade, Adrian afastou a mão e deixou seu corpo.

Tentou alcançá-lo, desesperada, e ele segurou suas mãos e as rolou de lado.

– Não, minha querida – murmurou. – Darei o que quer, muito em breve. Prometeu-me esta manhã que teria o que quisesse de você. Há outras maneiras de união. E esta noite, pretendo tentar quantas puder. – Penetrava-a de novo, por trás. As mãos grandes estavam nos seios dela agora, circulando os mamilos, enquanto ele investia com os lábios em sua orelha. – Isso lhe dá prazer? – perguntou, abraçando-a apertado.

– Sim. – gemeu Emily, totalmente possuída, totalmente sob seu poder.

– Eu a tornarei minha, logo – sussurrou contra a orelha. – E depois farei de novo. E de novo. Eu a amarei até que não reste nada em você, exceto o desejo por mim. E então, amarei mais uma vez. – Investiu novamente, e o clímax de Emily começou com o pensamento de ter a semente de Adrian em seu corpo. E quando relaxou, satisfeita que finalmente seria seu, uma mão quente posicionou-se entre suas pernas para pressioná-la naquele lugar tão especial. Ele moveu o polegar em pequenos círculos, no mesmo ritmo de suas investidas, até que ela atingiu um clímax explosivo, tremendo nos braços fortes, gemendo o nome de Adrian.

Sentiu que ela se rendia e a seguiu, liberando sua semente nela, gritando o nome *dela*.

A felicidade daquilo a percorreu na forma de um espasmo final. Ele a conhecia. Naquele momento mais íntimo, sem visão ou palavras, reconhecera-a.

Então ele gemeu e se afastou, tremendo e cobrindo o rosto com o braço, como se pudesse se esconder dela.

Emily rolou para se deitar mais perto dele, rodeando-lhe a cintura com um braço, e puxando sua mão, até que pudesse ver o brilho fraco dos olhos de Adrian na luz da lua, enquanto ele olhava, sem enxergar, para o teto.

Finalmente elefalou:

– Sinto muito. Não pensei. Mas me guardei para ela por tanto tempo.

– Para sua esposa? – perguntou suavemente.

– Quando não suportava ficar sozinho, e me beneficiava dos serviços de alguma mulher sem nome, era em Emily que pensava. Sempre nela.

Ele estendeu o braço para tocar seus cabelos.

– Esta semana foi diferente, juro. Mas esta noite, quando não deveria haver ninguém, exceto você, usei o que sente por mim. Menti e fingi ser o que você queria que eu fosse. E enquanto fiz, pensei nela. Não pretendia falar o nome de Emily. É preciosa para mim, tem me ajudado enormemente, e não quero magoá-la.

– Está tudo bem – murmurou, tentando compreender o que tinha acabado de acontecer. O homem ao seu lado estava se consumindo em culpa por sentir exatamente o que ela queria que sentisse pela mulher que abandonara. Inclinou-se sobre Adrian e segurou seu rosto nas mãos, beijando os olhos e os lábios, sussurrando palavras de amor. – Está tudo bem. Não muda nada entre nós. Eu entendo. Ela está com você, assim como meu marido nunca estará longe de meus pensamentos.

– Emily está em Londres. Saberá de minha visita ao clube White's. Saberá de meus olhos.

– Rumores, talvez – respondeu. – Mas será melhor se ela ouvir o resto de você.

– E ouvi coisas também – sussurrou Adrian. – Mas não rumores. Mais verdade do que desejei saber. – Puxou-a para cima de seu corpo, envolveu-a nos braços, acomodando seu rosto no peito largo, e Emily foi capaz de sentir o sofrimento dele nas batidas do coração, enquanto falava. – Ela veio até mim, no dia em que nos conhecemos. E eu não estava lá para Emily. Teria sido tão fácil se estivesse lá quando precisou de mim. E a desapontei, por causa de meu egoísmo. Isso não pode acontecer de novo.

– Suas palavras lhe dão crédito – disse, satisfeita que não podia ver o sorriso em seu rosto, pois seria quase impossível explicar.

Adrian devia ter percebido algum sinal de seu humor, pois falou, um pouco intrigado:

– Entende o que isso significará para nós? – O tom de voz era triste, porém resoluto. – Não podemos continuar. Devo voltar para casa com Emily.

– Sabia que o que compartilhamos não duraria, assim como você sabia. – Emily levou a mão de Adrian à boca e a beijou com carinho, no escuro, satisfeita de que ele não podia saber como se sentia tão feliz . – E sei que você a ama. Não pode perceber isso, é claro. Mas no dia em que me mostrou o retrato em miniatura, eu soube. Borrou a pintura de tanto tocar a imagem. Quer estar com ela. Sabe que é verdade.

Adrian deu uma risada fraca.

– Mais do que entendo. Mais do que um dia acreditei ser possível. Não posso mais negar. A mulher é minha família, e tudo que poderia ter desejado, se minha vida fosse diferente. Errei terrivelmente com Emily escondendo-lhe a verdade. E esperei tempo demais. Algumas coisas que foram perdidas jamais poderão ser recuperadas.

– Nunca saberá com certeza até que fale com ela.

– Mas sei o bastante – murmurou ele. – Em relação a algumas coisas, não há mais nada que pode ser feito. E agora, devo fazer o melhor que me resta.

Ela tocou seu rosto novamente, desejando que pudesse tranquilizar as preocupações de Adrian, e dizer que a cegueira quase nada significava.

– Tudo dará certo. Mas deve procurá-la.

Ele riu.

– É muito incomum aceitar conselho de uma amante sobre o que fazer com os sentimentos profundos e não correspondidos que um homem nutre pela esposa.

– Seus sentimentos são correspondidos.

– Como sabe?

– Porque conheço você. E como o amo, ela o amará. Se permitir.

Adrian abraçou-a novamente, apertando com força, como se estivesse com medo de perdê-la.

– E então, o que será de você?

– Encontrarei meu marido de novo, exatamente como planejei desde o começo.

– Ele a abandonou.

– Todavia, nunca deixei de amá-lo.

Abraçou-a ainda mais apertado.

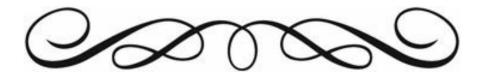
– Sei que é errado. E que não posso ter você. Mas, mesmo querendo estar em outro lugar, invejo seu marido e a afeição que receberá. Sou egoísta e estúpido, e quero ficar com você.

– É tão bom ouvir estas palavras. Independentemente do que aconteça, sempre me lembrarei

delas. Mas sabe o que deve fazer. – Emily o beijou então, deixando o calor do amor dele penetrar em todas as fibras de seu ser.

– Isto não poderia durar para sempre – sussurrou Adrian.

– Talvez, de certa forma, dure – sussurrou de volta. – Estamos felizes agora. E ficaremos novamente. Tenho certeza. Mas precisa tomar essa única atitude, para que tudo dê certo.

Capítulo Dezessete

QUANDO ADRIAN voltou para casa, já tinha passado da hora do café da manhã, e ele não tentou disfarçar a entrada de Hendricks. O homem estava sentado à escrivaninha na pequena sala de estar, batendo no papel em desaprovação, enquanto lia, como se pudesse fingir que não estivera checando o relógio, à espera de que seu lorde voltasse da casa da amante.

Deixe-o esperar, disse a voz irritada na cabeça de Adrian. *Que direito Hendricks tem de reclamar sobre seu comportamento, se ele usa sua ausência para traí-lo?* Não tinha sido na manhã anterior que se convencera que o homem era inocente, e que David estava claramente enganado quanto ao comportamento de Emily?

Esforçou-se para se acalmar, como fizera deitado nos braços da amante. Não importava o que havia acontecido, agora era tarde demais para mudar qualquer coisa. O máximo que podia esperar era conter os danos. Não podia culpar Hendricks por amar a mulher que queria. E se ela tivesse sentimentos verdadeiros para dar em troca, sua tentativa de matar o amante de Emily poderia partir o coração dela. E nada que Adrian fizesse agora o tornaria menos traído por sua esposa.

Olhou em direção ao barulho do papel e disse em sua voz mais afável:

– Se me der alguns momentos para me preparar, então estarei pronto para a correspondência e o jornal.

– Muito bem, meu lorde.

Enquanto o pajem o ajudava a trocar de roupa, podia ouvir os murmúrios de desaprovação pelo estado da gravata, e a facilidade com a qual o homem notara que o nó fora feito por mãos que não as de Adrian.

Em qualquer outro dia, acharia aquilo divertido. Mas hoje, uma parte sua desejava que pudesse dizer ao homem para pegar a lâmina e cortar a gravata. Depois de hoje, havia chance de

que aquela seria a única evidência do toque das mãos *dela* em qualquer área de sua vida.

E seu pajem também poderia dar sequência ao ato, cortando sua garganta. Adrian permanecera deitado lá, depois que tinham falado sobre o futuro. E por mais que sua mente quisesse recomeçar, e amá-la até que esquecesse o que estava por vir, seu corpo achara isso impossível. Ele não fizera nada, exceto permitir que o abraçasse. Havia cochilado durante as últimas horas, esperando ver o brilho indistinto do sol, que ainda lhe era permitido.

E quando acordara o bastante para escutar, podia dizer, pela respiração de sua amante, que ela dormia profundamente, como se não tivesse medo de nada. Talvez seus sentimentos não tivessem sido tão intensos quanto ela declarara. Defrontar-se com a separação inevitável não lhe causara nem mesmo um sonho ruim. E quando o sol já tinha nascido totalmente, acordara, lavara Adrian e o vestira, depois o mandara embora de sua vida com um bom café da manhã e um beijo no rosto.

Enquanto o pajem fazia a barba dele, Hendricks entrou no quarto e foi para a pequena mesa, trazendo uma xícara se chá com limão, forçando-a em sua mão.

Por mais que quisesse, Adrian disse:

– Jogue fora e me traga outro. Apenas chá. Sem açúcar. Sem limão. – Talvez algum dia, quando sentisse que começava a esquecê-la. Mas não hoje.

– Muito bem, meu lorde.

Hendricks retornou sem demora com a xícara correta, e puxou uma cadeira em sua pequena escrivaninha, começando a ler a correspondência. E Adrian permitiu que o aspecto comum da tarefa cotidiana tranquilizasse sua mente, fingindo que nada mudara entre os dois.

Depois de ler a conta do alfaiate e um convite para um baile, que ele separou como uma possível oferta de paz para Emily, Hendricks anunciou:

– A próxima é de seu primo Rupert.

Adrian deu um gole em seu chá.

– É necessário ler?

– Humm. – Houve uma pausa enquanto Hendricks estudava o conteúdo da carta. – Se confiar em minha opinião, meu lorde, não. É o mesmo de sempre, na verdade. Rupert o viu ontem?

– Em White's – confirmou.

– Quer encontrá-lo novamente.

– Que pena para ele.

– Há a questão de sua esposa...

– A minha resposta é a mesma – replicou. – Jogue a carta no fogo.

– Muito bem, meu lorde.

E pela primeira vez, Adrian se perguntou quanto daquela correspondência era lida propriamente, e quanto Hendricks escolhia censurá-la. Porque havia uma chance de que cada carta que ele recebera de Rupert tivesse sido repleta de avisos que seu secretário preferira não transmitir.

– Hendricks.

– Meu lorde?

Enfiou a mão no bolso de seu casaco e tirou o medalhão contendo a miniatura.

– Descreva isto para mim.

– É *lady* Folbroke, meu lorde – disse Hendricks, intrigado.

– Mas como é a pintura?
– É feita em marfim. Está mais jovem aqui, com 16 anos, talvez. Os cabelos mais longos e escuros do que são agora. O rosto não tão redondo.
– E a qualidade do trabalho artístico?
– Não faz justiça à *lady* Folbroke, meu lorde.
– Entendo. – Suspirou. – Pretendo escrever para ela, hoje.
– Irá precisar de minha ajuda?
– Não. Isso é algo que devo fazer sozinho. – *Então espero que não esteja tão apaixonado por Emily a ponto de não entregar a carta. Pois sei que somos rivais pela afeição dela, mesmo que não admita isso*, pensou.
Houve o ruído quando o servo abriu a gaveta e tirou a prancheta que Adrian às vezes usava para ajudá-lo em suas raras correspondências, com entalhes para espaçar letras e uma pequena barra no papel, de modo que pudesse escrever numa linha reta. Hendricks providenciou caneta e tinta, explicando o local de cada item conforme os posicionava. Então se afastou permitiu que Adrian sentasse.
– Alguns minutos de privacidade, por favor, sr. Hendricks. – Deus sabia que compor a carta já seria difícil o bastante, sem ter de se preocupar com outros olhos observadores por perto.
– Muito bem, meu lorde.
Quando Adrian tinha certeza de que o pajem e o secretário o haviam deixado sozinho no quarto, pôs a caneta na tinta e rezou para que aquilo saísse da melhor forma possível.

Querida Emily,

Agora não sabia o que dizer a seguir. Tirou a miniatura do bolso, roçou o dedo na sua superfície, antes de colocá-la ao lado da carta. Não importava o que estava realmente lá. Por um pouco mais de tempo, deveria acreditar no que queria ver.
Quase sem pensar, pegou o medalhão e o tocou novamente. Fazia anos que não via Emily. E agora que a perdera, arrependeu-se de não olhá-la mais quando tivera a chance.
Mergulhou a caneta na tinta mais uma vez.

Como está se saindo aqui em Londres?

Não, isso não era bom. Pensaria que se estivesse preocupado com seu bem-estar, deveria tê-la procurado muito antes. Hendricks dissera que Emily tinha jogado sua última carta no fogo, assim como acabara de fazer com a de Rupert.
Mas não poderia exigir que ela revelasse a identidade de seu amante. Nem lhe dar uma descrição dos eventos que tornara necessário contatá-la. Teria de haver algum preâmbulo, algumas palavras que a fizessem querer ler mais do que uma ou duas linhas.
E então Adrian escreveu as palavras que sabia que ela mais merecia ouvir.

Sinto muito. Lamento por tantas coisas que nem sei por onde começar. Mas sentiu a dor de minha rejeição, e poderia me dar um começo, se eu pedisse. O fato de tê-la abandonado

foi pior? Ou o fato de ter me casado com você da maneira depreciativa e negligente como fiz, nunca pedindo sua opinião sobre o assunto, foi ainda pior? Tenho certeza de que os rumores sobre meu comportamento desprezível em Londres chegaram a seus ouvidos. Muitos são verdadeiros. E lamento pela vergonha que devem ter lhe causado.

E por sobrecarregá-la com a responsabilidade de minha fazenda e de tudo que exige, lamento igualmente. Se o trabalho com minhas terras lhe deu prazer, então fico feliz por isso. Mas se assumir o papel de um homem, enquanto não recebia nenhum privilégio causou sofrimento e preocupações, então sinto muito por isso, também.

Adrian fez uma pausa para molhar sua caneta novamente. Como poderia dizer o resto?

Gostaria de lhe assegurar que nada do que aconteceu entre nós foi culpa sua. De muitas maneiras, é uma esposa muito melhor do que merecia.

Tudo a mais completa verdade, mesmo se aquilo não dissesse tudo.

A culpa é minha.

Estou cego.

Fale isso, pensou Adrian, como se pudesse ordenar às suas mãos para se moverem e escrever as palavras. *Apenas fale. Não faça rodeios.*

Há certos impedimentos em nosso casamento.

Não, aquilo não estava certo, pois dava a impressão de que tinha outra esposa.

Problemas.

E isso era dizer muito pouco. Emily tinha total ciência de que havia problemas, a menos que fosse tão cega quanto ele.

Sou incapaz de ser o marido que você merece.

E isso o fazia se sentir impotente. Jogou outro papel no chão. Recomeçou.

Venho escondendo de você a causa de nossa separação. Descubro que sou incapaz de explicar a dificuldade, e minha consciência não pode mais suportar o peso do segredo. Acho, minha querida, que está na hora de conversarmos. Se a nossa separação prolongada a aborrece tanto quanto a mim, então pediria que viesse a meus aposentos esta noite para discutir o assunto. E se nossa separação não a aborrece, então lhe suplico ainda mais que

conceda uma hora de seu tempo. Se jogar esta carta no fogo, como fez com a última que lhe enviei, saiba que não descansarei até que tenhamos conversado.

Creio que adivinhei o motivo de sua visita recente, e há coisas que precisam ser decididas antes que mais tempo se passe. De minha parte, gostaria de recomeçar tudo, como se os últimos anos nunca tivessem ocorrido.

Se este não for seu desejo, não posso culpá-la. Se outro homem capturou sua afeição, então fico contente por ele, e lamentarei minha tolice por esperar tanto e perder a chance de felicidade entre nós.

Qualquer que seja o caso, se vier até mim esta noite, não tenha medo de repreensão. Descobrirá que sou um homem humilde, disposto a tomar as medidas necessárias para colocar sua felicidade na frente da minha. Com meu mais sincero respeito...

A caneta hesitou por um momento, e Adrian acrescentou, *e amor*, antes de assinar. Depois da última semana, seria mentira dizer que Emily tinha todo o seu amor. Mas possuía um lugar mais perto de seu coração.

E agora, começou a outra carta que sabia que precisava escrever. Escreveu apressadamente, não se importando como a letra ficaria, apenas desejando acabar logo com aquilo antes de mudar de ideia, ou falar alguma coisa da qual pudesse se arrepender. Depois tateou pela cera e selou as cartas, esperando que secassem. Escreveu o nome em um dos papéis apenas e chamou Hendricks, entregando-lhe as duas cartas.

– Uma para minha amante. Se ainda não sabe como alcançá-la, então espere a noite e mande isso pela carruagem que sei que a enviará. E a outra – moveu a segunda carta cuidadosamente para o lado –, para Emily. – Adrian sorriu. – E cuidado para não confundi-las. Seria muito embaraçoso.

– Pelo silêncio do homem, e por seu movimento abrupto ao pegar os papéis, pôde sentir desaprovação crepitando no ar.

– Sei que você me despreza por causa de meu comportamento em relação à Emily, Hendricks.

– Não tenho opinião sobre o assunto, meu lorde.

– Mentira. Se não fosse tão irritantemente educado, teria dito isso diante de meu rosto muito antes.

Houve outro silêncio significativo, em vez de uma negação rápida de um homem honesto.

– Se isso for consolo para você, não haverá mais amante a partir de hoje. Fiz uma escolha que honrará minha família e a mim.

– Muito bem, meu lorde. – Hendricks era um bom homem. Mas não conseguia soar satisfeito por aquilo, nem falando muito ou nada.

– Mas, apesar de ter muito do que me envergonhar, e muito pelo que me desculpar, não posso me sentir culpado pelo que aconteceu. Embora tenha tentado fazer isso, simplesmente não consigo. A mulher com que estava me encontrando me ama. De verdade, e por quem sou. Não por meu título, mas pelo homem com todos os seus defeitos. Isso não é algo que experimentei antes. É uma coisa maravilhosa, Hendricks.

– Não saberia, senhor.

Adrian mordeu a língua para esconder a surpresa. Seria possível que tivesse compreendido

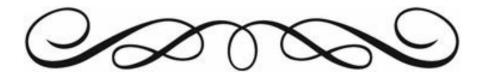
erroneamente a hesitação de Hendricks quando falava de Emily? Ou talvez não correspondesse aos sentimentos dele. Se assim fosse, havia esperança para Adrian, embora a felicidade pudesse vir à custa de seu amigo.

Mas então, quem era a fonte dos rumores sobre ela?

E lá estava outro presente inesperado de sua amante. A súbita habilidade de sentir compaixão por alguém além de si.

– Isso é uma pena, Hendricks. Espero, para seu bem, que suas circunstâncias mudem. Amor, dado ou recebido, é transformador.

E então, Adrian recostou-se na escrivaninha, sabendo que havia pouco a fazer, exceto esperar.

Capítulo Dezoito

EMILY ESTAVA tomando seu chocolate quente matinal, alongando-se preguiçosamente sob o penhoar de seda que usava. Deus, estava dolorida. E enrubesceu ao pensar na razão para aqueles músculos doloridos. Adrian a amara com grande entusiasmo.

E tinha amado a esposa, também. O coração de Emily havia doído depois, quase tanto quanto seu corpo agora, ao vê-lo aninhado nela, arrasado por ter traído ambas as mulheres que imaginava fazer parte de sua vida. E quisera revelar-se, para diminuir o seu sofrimento.

Todavia, uma pequena parte a avisara para permanecer silenciosa. E ao pensar naquilo, a pequena parte se tornara maior, lembrando-a de que Adrian não era o único a sofrer pelas próprias ações. Seu sofrimento durara quase o mesmo tempo desde que o conhecera. E o de Adrian podia durar mais um dia. Pelo menos até que o arrependimento desse fruto, e fizesse alguma tentativa de diálogo com a mulher que jurara amar, diante de Deus.

Houve uma batida à porta, e seu criado a informou de que o sr. Hendricks a esperava na sala de estar, com novidades. Deu uma rápida olhada no espelho para se certificar de que o penhoar que usava estava decente o bastante para receber companhia, amarrou o cinto sob os seios e foi cumprimentar o secretário de seu marido.

Ele lhe estendeu dois papéis selados e disse:

– Escreveu para você. Para as duas mulheres nas quais se apresenta. Fui instruído a tomar o cuidado de não confundir as cartas, para levar a primeira imediatamente para a esposa de lorde Folbroke, e, se não soubesse o endereço da amante, deveria entregar esta ao cocheiro que enviaria para ele esta noite.

– Entendo. – Então queria falar primeiro com a esposa sobre o assunto. Emily pesou as duas folhas de papel na mão, tentando adivinhar os conteúdos sem abri-las, então assentiu com um gesto de cabeça para Hendricks, indicando que ele deveria esperar por suas respostas.

Faria alguma diferença qual abriria primeiro? Porque, se tivesse lido a situação corretamente, as cartas seriam dois lados da mesma moeda. Deveria acreditar, agora que o conhecera melhor, que não estavam cheias de mentiras.

Rompeu o selo da carta que não continha nome, e leu.

Meu amor,

É com dificuldade que escrevo estas palavras. Com mais do que a dificuldade usual, é claro.

Então começara com uma brincadeira? A notícia devia ser muito ruim.

Mas parece que algumas coisas são melhor transmitidas na forma escrita, porque me impedem de fugir do que poderia ser uma verdade desagradável.

Naquilo, concordava plenamente.

Aceitei sua sugestão, e escrevi a Emily, na esperança de resolver as dificuldades em nosso casamento. Depois de ontem à noite, provei para você e para mim que não posso mais deixar o fantasma de minha esposa entre nós. Sei que entenderá quando disser que não tenho desejo de magoá-la, assim como não tive o desejo de magoar minha pobre esposa.

Obviamente. Seus olhos percorreram as linhas irregulares na página.

E saiba também que não teria tido a coragem de enfrentar isto, se não fosse pelo tempo que passei em seus braços. Estar com você produziu uma mudança em mim. Uma mudança para melhor.

Ela sorriu, pensando como era bom que escrevesse aquilo.

Esta noite, se minha esposa desejar, voltarei para casa, a fim de enfrentar o que o futuro me reserva, seja qual for, e você nunca mais me verá. Suplico-lhe, minha querida, que entenda que nunca a deixaria se tivesse escolha. Pois o tempo que passamos foi o mais feliz de minha vida. Os últimos dias ao seu lado chegaram mais perto da perfeição do que qualquer homem merece. E consequentemente, lamento que não possam durar.

Suas palavras de amor foram bem-vindas. E embora desejasse lhe dizer o mesmo, minha honra não me permite. Minha primeira obrigação deve ser com a mulher com quem me casei, e não posso mais cumprir tal obrigação a distância, não mais do que seu marido pode fazer isso com você.

Emily sentia o senso de dever de Adrian. O que era bom. Mas amor seria melhor.

> Se minha esposa me rejeitar, o que temo ser possível, então lhe escreverei imediatamente, e saberá que meu coração será todo seu, para comandá-lo se assim ainda o desejar. Metade dele já é seu, e sempre será.
>
> Todavia, juntos ou separados, Emily tem a outra metade. E a melhor, pois foi a parte que dei primeiro.

Parou de ler por um momento, e olhou para a outra carta, imaginando se seria tão doce. Então, voltou-se para a que estava em suas mãos.

> Se a tivesse conhecido três anos atrás, gosto de pensar que as coisas poderiam ter sido diferentes, e que estaria ao seu lado hoje. Mas se me ama como diz, imploro, deseje-me o bem nesta decisão muito difícil e me liberte. Preciso tentar fazer minha Emily feliz, assim como desejo a você toda felicidade do mundo.
>
> Para sempre seu, Adrian.

Sem pensar, levou o papel aos lábios e o beijou. Então rompeu o selo da outra carta, e leu o que tinha a dizer para sua esposa.

As palavras eram cautelosas. Educadas. E o texto mais curto. E quando Emily chegou à parte em que falava sobre ser humilde, ela quase riu. Mesmo em sua humildade, era mais orgulhoso do que a maioria dos homens.

Mas a disposição de colocar sua felicidade na frente da dele? Emily pensou em como a tratara quando a levou para cama. Provara que podia fazer isso com tanta frequência que o pensamento a enrubescia.

Beijou a segunda carta, também. Carinhosamente, no começo. E então tocando a língua de modo breve no papel, e pensando em como seria, naquela noite, quando fosse com ele para a cama de casal dos dois. Exatamente como deveria ter sido o tempo todo.

Aquele não era o melhor dos dois mundos? Era amante de Adrian, e possuía metade de seu coração. E era sua esposa também, podendo comandar sua honra e lealdade, com o resto do amor dele. Adrian seria seu servo fiel, se desejasse aceitá-lo de volta. E embora fosse procurá-la com a cabeça baixa, Emily se certificaria de que não perdesse nada por isso. Ambos ganhariam com o retorno dele ao lar.

Uma vez que superassem o estágio da surpresa, descobriria sua identidade.

Emily sorriu. Certamente não seria problema. Ficaria tranquilo ao descobrir que a mulher que amava e a mulher com quem se casara eram a mesma pessoa.

De seu assento, Hendricks pigarreou, lembrando-a de que não estava sozinha.

– E então?

Ela sorriu.

– Escolheu-me. *A mim.* Emily.

O homem ao lado pareceu confuso, como se não pudesse ver uma distinção.

– Havia alguma dúvida quanto a isso?

– Surpreendentemente, havia. E agora, devo ir a ele, e explicar o significado da sua escolha, o mais gentilmente possível.

– Suponho que espera que participe disso, que a apóie quando der errado. – Hendricks a encarava com raiva. O tom de voz era ríspido, como se tivesse algum direito de questionar suas atividades.

– Não espero que você dê a explicação por mim, se é isso que teme – retrucou, igualmente irritada. – É meu marido que o deixa escrever as mensagens dele, não eu.

– Embora nunca tenha me mandado escrevê-las, não hesitou em me fazer carregá-las – relembrou-a. – Você me forçou a mentir para um homem que não é somente meu patrão, mas um velho amigo.

– Como forçou-o a mentir para mim – disse.

– Mas fez isso num esforço de protegê-la – respondeu Hendricks. – Pode dizer o mesmo?

– O que o faz pensar que pode me questionar em relação a meu casamento? Depois de todo esse tempo, nenhum de vocês se incomodou de me contar a verdade. Se escolho manter um segredo por uma questão de dias, não tem o direito de me repreender.

– Não faço para repreendê-la – disse, mais suavemente. – Mas porque conheço Folbroke e o orgulho de meu amigo. Vai pensar que você fez isso para se divertir com a sua ignorância.

– E agora, depois de todo esse tempo, não sei se me importo – admitiu Emily. – Se o que fiz foi aborrecê-lo, então será bem feito pela dor que me causou, durante todos os anos que ficou longe. Quando Adrian não me reconheceu, e lhe contei a verdade sobre nosso casamento, ele também não reconheceu isso. Achou que meu marido me tratava de maneira injusta. E admitiu dar o mesmo tratamento à esposa dele.

– Então deve perceber que ele também sofreu – murmurou Hendricks.

Ela abriu os braços, para englobar o problema.

– E esta noite, Adrian irá se desculpar por isso. E vou me desculpar por enganá-lo. E então, o assunto será encerrado.

Hendricks riu.

– Acha realmente que será simples assim. Já pensou no que fará se não a perdoar? Folbroke pode muito bem desprezá-la por seu jogo. E se isso acontecer, ficará em pior estado do que aquele no qual o encontrou.

– Isso não vai acontecer – insistiu Emily, mas subitamente sentiu dúvida.

– Se acontecer, não durará muito. Terá lhe roubado a esperança. Pode ser mais misericordioso de sua parte deixá-lo na ignorância do que contar uma verdade que vem tarde demais.

Que bem faria a Emily deixá-lo em sua fantasia, e destruir qualquer esperança que alimentara de que ficassem juntos para sempre? E o que seria de sua vida, se não o tivesse?

Então, lembrou-se das suspeitas de Adrian sobre o interesse de seu secretário na inatingível Emily. E disse as palavras que sabia que ambos temiam, mas que precisavam ser ditas. Porque, se houvesse alguma verdade no que seu marido tomava como fato, então deveria esclarecer aquilo agora, de uma vez por todas.

– Sr. Hendricks, se tem mais alguma coisa a dizer sobre suas esperanças para meu futuro, então é melhor falar e esclarecer tudo entre nós. Mas antes que o faça, saiba que decidi sobre a questão desde o primeiro momento em que pus os olhos em Adrian Longesley, há muitos anos, e muito antes de conhecer você. Nada dito por outra pessoa me fará mudar de ideia em relação a

isso.

Emily esperou, com medo, que Hendricks falasse realmente o que estava pensando, e assim arruinar a amizade deles e qualquer chance de que continuasse empregado. Houve uma pausa mais longa do que o normal. E então, murmurou:

– Entendo, minha *lady*. E não tenho nada a dizer. – E por um momento, ela pôde ver que estava ardendo em frustração e em uma série de outras emoções inapropriadas para sua posição. Então, tais emoções submergiram novamente, transformando-o no secretário plácido e eficiente de quem ela passara a depender. – Irei acompanhá-la esta noite para assegurar a lorde Folbroke que não há motivação oculta para suas ações, e que tudo foi feito pensando no melhor para ele. Mas temo que, embora possa dizer que ama as duas, isso não seja suficiente para que perdoe facilmente qualquer um de nós que teve parte nesta tentativa de reconciliação.

ENQUANTO A tarde dava lugar à noite, Adrian andava de um lado para o outro na sala de estar, imaginando se fizera a coisa certa. Depois de alguns movimentos em falso, aprendera a corrigir seu caminho para evitar o piano que ainda bloqueava o canto. E perguntou-se... algum dia teria de explicar o instrumento musical? Ou Emily assumiria que o piano já estava lá antes que se mudasse para a casa? Talvez esperasse que ele mostrasse algum interesse em tocá-lo, assim como a pessoa que lhe dera o presente esperado.

Se assim fosse, Adrian admitiria sua ignorância, mas se submeteria a aulas, se fossem necessárias para manter a paz. E se, cada vez que encostasse nas teclas, pensasse em outra pessoa?

Seria melhor que não pensasse no piano em absoluto, e sugerisse que fossem para Derbyshire. Isso lhes daria a chance de discutir suas diferenças em particular, e ficaria longe da tentação. E se necessário, aquilo disfarçaria a extensão do confinamento de Emily.

Adrian fechou os olhos com força, percebendo que isso não fazia diferença. Seu progresso ao redor da sala não foi afetado, e a ação não fez nada para cancelar as imagens em sua mente da barriga da esposa crescendo com o filho de outro homem. Uma pessoa não precisava de olhos para ver os pensamentos de outra.

Mas ele dissera a si mesmo por mais de um ano que havia probabilidade de que isso acontecesse. Agora, deveria sobreviver ao futuro que criara, com o máximo de graça possível. Esta noite não poderia haver recriminações. Ele prometera alguma coisa bem diferente em sua carta.

E qual fora o curso correto de ação? Talvez tivesse sido melhor ir até Emily, em vez de esperar que fosse a ele? Isso teria mostrado mais respeito.

E o teria feito tatear em seu caminho para se locomover na casa de Eston, demonstrando o pior de sua condição, antes que tivesse uma chance de falar com ela. Ou, pior ainda, descobriria que Emily estava em seu próprio apartamento.

– Hendricks?

– Ele ainda não retornou, meu lorde – disse o pajem que entrara na sala para levar seu chá da tarde.

Agora, Adrian imaginou seu secretário e a esposa num processo de despedida chorosa, passando uma tarde preguiçosa um nos braços do outro.

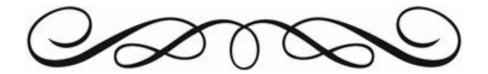
Sentou-se e deu um gole do chá, queimando a língua e se fixando na dor real em vez da imaginária. Não deveria duvidar de suas escolhas, agora que tinham sido feitas. Ali, na própria casa, podia mostrar, para sua vantagem, que não era o inválido inútil que Emily temia. Dissera ao pajem para cuidar de sua vestimenta, de modo que tudo estivesse limpo e impecável. E não tomara um único gole de vinho no almoço, para que não houvesse sinal de excesso em sua dieta. Manteria-se numa postura digna de um desfile militar, de modo que ela lhe desse a primeira olhada depois de tanto tempo, e o considerasse forte, capaz e digno.

Entretanto, sabia que essas eram mudanças superficiais que talvez não bastassem. Talvez fosse melhor que não estivesse sozinho para enfrentar a situação. Era cego. E não contara a Emily. Não havia maneira de desculpar aquilo.

Chamou o pajem.

– Parker, gostaria de receber sr. David Eston. Envie alguém aos aposentos dele e peça sua presença aqui, esta noite, um pouco antes das 19h. Explique que minha irmã virá me visitar. E que talvez precisemos da sua assistência num assunto delicado. – O irmão de Emily poderia agir como intermediário entre os dois e escoltá-la para casa, se o pior acontecesse e o rejeitasse.

Mas se Emily estivesse realmente numa condição delicada, era injusto da parte dele esperar que enfrentasse aquilo sozinha.

Capítulo Dezenove

NAQUELA NOITE, Emily torceu com nervosismo o lenço em suas mãos enquanto entrava nos aposentos do marido. Hendricks olhou para ela, e então para o pajem, dispensando um anúncio da chegada deles. Então, sentou-se num banco perto da porta da frente, como se suspeitasse da necessidade de uma fuga apressada, e gesticulou em direção à porta aberta da sala de estar.

– Ele estará lá, esperando por você – disse Hendricks em tom ríspido. – Ficarei aqui. Chame, se precisar. – Olhou para o pajem, como se o desafiasse a encontrar alguma coisa estranha na situação, e disse: – Parker, traga-me um uísque. Um grande. – Então, olhou a parede oposta, como se tivesse chegado sozinho, e sem ser convidado, à casa de estranhos.

Emily andou ao longo do hall, hesitando à soleira da sala, onde sabia que seu marido esperava.

Mas a pausa tinha sido sem propósito, pois não poderia ter se virado e saído sem ser notada. A cabeça de Adrian levantou-se ansiosamente ao som fraco de seus passos.

– Emily? – Ouviu o relógio. – Está adiantada. – Quando entrou na sala, ele se levantou, e o coração de Emily quase parou ao ver a expressão no rosto de Adrian e sua postura elegante. Vestia paletó de lã azul-marinho que realçava os ombros largos. Uma calça preta cobrias as pernas musculosas, sem uma única prega. A gravata estava engomada, e as botas brilhavam sob a luz das velas, como se o pajem pretendesse lhe mostrar o reflexo de sua volta à vida do marido.

Aquele era um grande contraste com a beleza casual que Adrian normalmente exibia. Desejara estar em sua melhor aparência quando finalmente se encontrassem.

E então ele pareceu erguer a cabeça e sentir o perfume no ar. Houve uma expressão de alarme nos olhos azuis. Reconhecera-a mesmo antes que falasse.

– Adrian? – murmurou suavemente.

O sorriso no rosto dele desapareceu, sendo substituído por uma expressão intrigada.

– Desculpe-me. Não estava esperando...
– Talvez estivesse.
Os dois ficaram em silêncio, tentando decidir quem deveria falar a seguir. Ela encurtou a distância, e segurou o seu rosto nas mãos para tranquilizá-lo. Adrian fechou os dedos nos dela e sentiu o anel que Emily retirara de sua caixa de joias para a ocasião.
– Sua aliança de casamento – disse.
– Pertenceu à sua mãe – relembrou-o. – Não tenho usado por tanto tempo. É muito pesado. E achava o lembrete contínuo... difícil. – Então roçou os dedos de Adrian nas próprias feições, de modo que não houvesse dúvida que a reconheceria por quem ela era. – Há algo que preciso lhe explicar.
– Espero que haja. – A voz dele evidenciava pura tensão.
– Nosso primeiro encontro não foi por acaso. Procurei por você.
– Eu sei disso – replicou. – Mas não sabia que tinha me achado. – Adrian tirou a mão do rosto dela.
– Sr. Hendricks me avisou que não apreciaria o que ia encontrar.
– Hendricks. – Adrian deu um sorriso frio. – Por que não estou surpreso que ele estava envolvido?
– Mas insisti para que me levasse até você. Não sabia o quanto aquele lugar era horrível, e quando me resgatou...
– Sorte sua que fiz isso, minha *lady.* Ir lá demonstrou falta de cuidado com sua virtude e com a segurança.
Aquilo não o incomodara tanto quando pensara que fosse esposa de outro homem. Mas talvez Emily merecesse o seu desprezo.
– Estava errada. Sei disso agora, e não cometerei o mesmo erro novamente. Mas você me salvou de minha própria tolice. E foi tão heroico. E quando me beijou, foi como sempre sonhei que poderia ser.
Adrian a puxou subitamente, e o contato foi mais assustador do que reconfortante.
– E agora me dirá que, enquanto estivemos separados, passou seu tempo sonhando com o gosto de meus lábios. Por favor, poupe-me do romantismo, pois há muito mais nesta história, tenho certeza.
Virou a cabeça do olhar sem visão dele. Pela primeira vez desde que o encontrara, sentia-se desconcertada.
– Queria estar com você. Mas havia tanta coisa errada.
– Finalmente, chegamos ao centro da questão – disse.
– E se risse de mim? E se me rejeitasse, uma vez que soubesse?
Adrian a empurrou para longe, e deu-lhe as costas, olhando para o fogo.
– E num momento de descuido, eu lhe disse que tal rejeição era improvável. Que já suspeitava, e que a perdoaria por qualquer coisa. Por que não me contou a verdade, então?
Ela se esforçou para lembrar o que ele tinha dito que pudesse ter sido uma dica para uma revelação, e não foi capaz de pensar em nada que importasse mais do que qualquer outra.
– Não lhe contei porque não queria que o que estávamos vivendo terminasse. Ainda não tinha sido como ontem à noite.
– Mas agora que plantei minha semente em você, não teme mais nada. Sabe que não há

chance de expulsá-la de minha vida, agora que talvez esteja carregando meu herdeiro.

– Adrian – murmurou, desapontada –, esta não foi minha intenção, de forma alguma.

– Então talvez, deva explicar de novo. Porque não consigo ver nenhuma outra explicação lógica para seu comportamento.

Houve uma comoção vinda do hall. O som da voz de Hendricks se erguendo em protesto, e a dispensa ríspida de alguém que não tinha intenção de ouvi-lo. A voz de Parker também aumentou de volume, de modo que pudesse ser ouvido sobre o murmurinho, enquanto fazia suas ofertas usuais de assistência e anúncio.

– Emily. – Seu irmão entrou na sala de maneira tempestuosa, olhando para os dois. – Já não era sem tempo de recuperar seu bom-senso. Quando soube que tinha sido convidada para vir aqui esta noite, temi que tivesse de arrastá-la para o encontro. Ou acha que este é o resultado de seus planos para resolver seus assuntos?

– David, o que faz aqui?

Adrian falou, mais para a lareira do que para eles:

– Convidei-o, porque temi que o choque de descobrir minha condição pudesse ser demais para seus nervos delicados.

– Sua condição? – David atravessou a sala, aproximou-se de Adrian, segurou-o pelo ombro e passou uma mão diante do rosto dele. – Adrian, o que é isso que Anneslea me falou? É uma brincadeira, não é, porque eu o vi na semana passada.

– Mas não vi você – respondeu, com uma risada amarga, tirando a mão de David de seu ombro. – Tenho visão bastante para saber que está balançando os dedos diante de meus olhos, tentando me pegar num truque. Posso ver a sombra deles. Mas isso é tudo. Agora pare com isso, ou acharei visão suficiente para socá-lo por seu atrevimento.

– E me deixou aqui, criticando-o outro dia, e não disse nada sobre um problema. Você me fez pensar que estava bêbado. Ou estava bêbado? Não sei mais em que acreditar. – Emily podia ver raiva e confusão se misturando nas feições de David, e ergueu uma das mãos em aviso, esperando que não complicasse mais a situação.

– Pode seguramente acreditar que não lhe contei, porque isso não era da sua conta. Nada disso é – retrucou seu marido. Então, empurrou David e andou até ela, segurando-a pelo braço e puxando-a para seu lado. Uma das mãos foi para o rosto de Emily, e ele inclinou a cabeça para a lateral enquanto lhe traçava as linhas, como se tentasse substituir aquela imagem pela que tinha em mente. A outra mão a libertou, pegando a miniatura, como se houvesse alguma maneira de comparar as duas.

– Então, não deveria ter me convidado a participar desta confusão hoje à noite – gritou David. – E você. – Seu irmão a encarou, quase tremendo de raiva. – Era ele o tempo inteiro, não era? Não sei o que é pior... o fato de não ter admitido para o mundo que estão juntos novamente, ou o fato de não ter sido capaz de admitir nem mesmo para mim.

Adrian sorriu para Emily. E a expressão dele era tão fria e cruel que ficou satisfeita que seu marido não pudesse ver seu medo.

– Oh, acho que há muito mais que precisa ser confessado, se quer saber o resto da história, não há, Emily?

– É claro que não. – Certamente, ele não esperava que contasse para seu próprio irmão os detalhes mais íntimos dos últimos dias.

– Poderia ao menos assegurar a David que estava certo em assumir que você entretinha outro cavalheiro debaixo de nossos narizes.

– Perdão? – De onde tinha tirado tais ideias?

Adrian olhou para David.

– Sua irmãzinha me pregou uma peça. Enganou-me, fazendo com que eu pensasse que era outra mulher, em vez de admitir desde o começo que era minha esposa. Nem mesmo me deu um nome, porque disse que a reconheceria num instante, caso me desse a menor pista de sua identidade. – Ele riu. – E fiquei encontrando-a durante dias, como um adolescente apaixonado, repleto de culpa por trair minha esposa, e pelos sentimentos profundos que tinha desenvolvido por esta suposta estranha.

David a olhava, sua raiva sendo substituída por perplexidade.

– Por que faria uma coisa tão tola, Emily? A verdade não teria sido mais simples?

– Oh, acho que a resposta é óbvia – anunciou Adrian. – Ela veio para Londres, a fim de me enganar e me levar para cama, esperando que pudesse esconder a evidência de sua infidelidade. E quando percebeu que não podia enxergar, achou prazeroso me enganar com mentiras. Espero que tenha se divertido bastante em nosso tempo juntos. Porque certamente me diverti.

Emily arfou em fúria diante do pensamento de que pudesse se referir a coisas que tinham feito juntos, mesmo de uma maneira tão indireta.

– É claro, Adrian. Afinal, por que não acharia divertido que meu marido ficasse tanto tempo longe de mim que nem sequer me reconheceu? Ou ter a evidência de sua frequente infidelidade jogada em meu rosto?

– Minha infidelidade? – gritou. – Pelo menos, você não teve de beber infinitos drinques para celebrar os resultados de tal infidelidade, como eu tive de fazer em White's.

– Não faço ideia do que está falando – disse, zangada, mas ainda confusa.

– Quando, exatamente, devo esperar o herdeiro que providenciou para mim? Ou a data da chegada da criança será uma surpresa, assim como a identidade do pai?

– Eu digo... – começou David, pronto, mais uma vez, a defender a irmã. – Emily, você...

– Oh, cale-se – disse, olhando para ele. – Se não tem nada construtivo para acrescentar, então, por favor, permaneça em silêncio. – Emily voltou-se para Adrian: – Não lhe contei a verdade porque ficou óbvio, desde o dia em que nos casamos, que não queria nada comigo.

– Se meu tratamento a incomodava, então deveria ter poupado sua viagem a Londres e escrito uma carta sobre o assunto. Se tivesse me explicado sua insatisfação, poderíamos ter discutido a questão como adultos.

Podia senti-lo se distanciar novamente, como se fosse possível, a essa altura, voltar ao estágio anterior ao reencontro de ambos.

– Se tivesse se dado ao trabalho de responder às minhas cartas. Ou me contado toda a verdade quando respondia. Tive de vir a Londres para vê-lo, para descobrir sua perda de visão.

– E quando descobriu, achou que seria fácil enganar um cego tolo e fazê-lo pensar que ele a engravidou, de modo que não precisasse se explicar.

– Não fiz nada que exija explicação. Mas se quer pensar em si mesmo como um tolo – retrucou –, então quem sou eu para fazê-lo mudar de ideia? Está bem claro para mim que não se deixa embaraçar por sua condição, quando quer alguma coisa. É somente quando não consegue o que quer que insiste em lembrar as pessoas disso. Se usei um subterfúgio infantil, foi em resposta

ao meu adversário.

– Sou seu adversário agora? – Ele sorriu de novo, como se satisfeito por ter entendido a situação finalmente. – Pensando melhor, foi bom que você tenha vindo me ver, assim descobri como as coisas são. Parece que minha visão idealizada de esposa interiorana era muito ingênua. Administra a fazenda porque eu permito, e agora providenciou meu sucessor. E em toda a recente tolice, esqueci como este arranjo bem me serve. Retornarei a minhas diversões, e pode voltar para Derbyshire com seu bastardo, tranquila de que não oferecerei objeções. – Virou-se para ir em direção a seu quarto, e David começou a segui-lo.

Emily pôs uma mão no braço do irmão e empurrou-o firmemente para fora do caminho.

– Fui dispensada novamente, não? E suponho que não deveria estar nem um pouco surpresa por isso. É como suspeitava, desde o começo. Uma vez que soubesse quem eu era, não ia querer nada comigo.

Adrian virou-se para ela.

– Não quero nada com uma mulher que usou minha cegueira para obter vantagem sobre mim.

– Vantagem? – Ela riu. – E que vantagem tive que não fosse de direito?Em troca de ser tratada como um homem normalmente trataria a esposa, fiz todas as tentativas para melhorar o seu caráter. Ouso dizer que o homem que encontrei era um bêbado suicida, muito mergulhado em autopiedade para ser digno de suas terras, de seu título e da mulher com quem se casou. E agora, depois das promessas que fez no último dia, planeja um retorno para aquelas terras. Certamente, se lhe agrada, cause sofrimento a si mesmo, como causa em sua esposa e amigos.

Os olhos azuis brilharam; por um momento, pareceu tão desapontado pela ideia quanto ela. Mas então, recobrou o controle e falou como se não soubesse ou não se importasse se ainda estava na sala.

– Esta conversa acabou. Considero qualquer comunicação futura desnecessária e indesejável. Se for absolutamente crucial, nós comunicaremos através de um intermediário. – Virou-se para voltar ao seu quarto. Então, voltou-se mais uma vez de maneira abrupta e acrescentou: – E, pelo amor de Deus, mulher, escolha alguém além de Hendricks para enviar as mensagens. Permita-me isso, pelo menos. – Virou-se novamente e desapareceu atrás da porta.

Emily alcançou o braço do irmão antes que a tremedeira começasse, devido à sobrecarga de emoções que a deixara quase fraca fisicamente.

– Leve-me para casa, David. Quero ir para casa.

Não teve coragem de lhe dizer que a raiva óbvia que sentia por seu marido era totalmente perdida para ele, que não tinha visto a expressão furiosa que recebera do próprio amigo. David a ajudava a passar pela porta da frente agora, conduzindo-a para sua carruagem.

E por um momento, ela pensou ter ouvido o som pelo qual tanto ansiava. Um chamado pela porta aberta atrás de si, o som de passos apressados no hall de entrada. Um sinal de que seu marido a queria, agora que sabia quem era.

Mas não havia nada. Apenas Hendricks, de pé contra a moldura da porta.

Ela se virou, muito confusa para buscar conforto. Em vez disso, inclinou-se sobre o braço de seu irmão com todo peso, deixando-o conduzi-la o resto do caminho para seu assento. Quando estavam seguramente dentro da carruagem, Emily pensou em se permitir o luxo das lágrimas. Mas apenas revelariam o que suspeitava que seu irmão já sabia: o quanto a última rejeição de Adrian a ferira.

David estava olhando pela janela em direção à casa de Adrian, como se não pudesse acreditar em tudo que acabara de acontecer. Então, voltou-se para ela com olhos acusadores.

– Você poderia ao menos ter me contado sobre a criança.

– Não há criança – respondeu.

– Então, por que ele pensa que há?

– Possivelmente porque meu próprio irmão veio avisá-lo sobre meu suposto caso extraconjugal. – Emily esperava que não almejasse algum tipo de absolvição por todo problema que sua interferência causara.

– Sinto muito. Eu não sabia.

– Não era para saber – disse ela. – As circunstâncias eram... incomuns. Mas no futuro, quando lhe pedir que não interfira, apreciaria sua cooperação. – Então, Emily lembrou-se do comentário sobre a tarde dele no clube. – E acho que foi Rupert que falou para Adrian sobre minha suposta gravidez. Você só pôs lenha na fogueira.

Seu irmão permaneceu silencioso por alguns momentos, antes de murmurar:

– Talvez, depois que Adrian tiver tempo para refletir, cederá e vai procurar você.

– Ou talvez não. É um homem muito orgulhoso. E o magoei.

– Tem medo de ser exposto.

– Não é covarde.

– É claro que não – seu irmão falou numa voz repleta de sarcasmo. – Ele escondeu um problema de nós, para nosso próprio bem. Temia que a família fosse lhe remover o título. – E então, acrescentou de modo mais ponderado: – Há uma chance de que possamos fazer isso, sabe? Adrian tem se comportado pouco melhor do que um homem louco, fugindo de suas responsabilidades, arriscando a própria vida. Talvez pudéssemos arranjar uma anulação, se esta for uma condição familiar. Se estiveram juntos, então os filhos...

– Não – retrucou ela. – Não há nada de errado com a mente de Adrian. São apenas os olhos dele. – Emily encarou o irmão com raiva, desafiando-o a se opor. – Não hesitou em me casar com Adrian quando era seu amigo. E ainda queria a nossa união quando me abandonou. Não pode querer anular meu casamento, depois de três anos, porque teme que me deixe sem filhos e perca a herança.

– Não é isso, em absoluto, Emily. – Gemeu em frustração. – Por que todos sempre esperam o pior de mim? Pode verdadeiramente ser feliz com Adrian, com sua condição? Estará indefeso, e precisará cuidar de seu marido, como cuidaria de um filho.

– Não sabe nada sobre Adrian, e sobre o que pode fazer – respondeu furiosa. – Ele é bem capaz, quando está determinado a ser. Tão capaz quanto sempre foi. E se precisar de minha ajuda? – Emily ergueu o queixo. – Tenho esperado pela chance de ser sua esposa por um bom tempo. E se houver um bebê, não pode haver nenhuma dúvida que Adrian é o pai.

Seu irmão levantou as mãos à frente, num gesto de impotência, como se temesse pedir por mais explicações.

– Juro, quanto mais você me explica, mais confuso tudo se torna.

– É muito simples. Tudo que fiz foi por amor. E acho que, com o tempo, irá perceber que sente o mesmo por mim.

David a observou com expressão duvidosa.

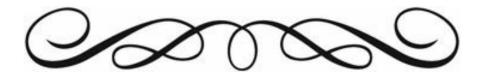
– Muito bem. Se uma reconciliação com seu marido é o que deseja, então espero que tenha

sucesso. Mas depois do encontro de hoje, parece que continua tão teimoso como sempre foi em relação a evitar a união de vocês.

E lembrando-se do que dissera a si mesma antes de ir a Londres, Emily deveria estar satisfeita com os resultados da visita. Estivera com ele, do jeito que uma esposa deveria com o marido. Descobrira que ainda estava vivo, e Rupert assegurava-se do bem-estar de Adrian. Havia esclarecido a razão da ausência de seu marido. Se continuasse longe, ela pelo menos saberia por quê. E no final, tinha conseguido falar o que pensava e torná-lo ciente de seu desprazer em relação à separação.

Obtivera sucesso em todas as coisas que se determinara a fazer.

E fizera a única coisa que nunca pretendera. Apaixonara-se verdadeiramente por seu marido.

Capítulo Vinte

QUANDO SEUS visitantes o deixaram, Adrian voltou ao quarto, ainda furioso pela maneira como fora enganado. Emily o reconhecera desde o primeiro momento. E o ridicularizara com o conhecimento durante o tempo que tinham ficado juntos. Como ela devia ter rido, escondendo-lhe a verdade.

Os servos também sabiam, pois tinham visto Emily quando ela o levara para casa da taverna. E Hendricks fora cúmplice no esquema elaborado, porque não teria conseguido, sem a ajuda dele. Todos ao redor encobriram a verdade, rindo enquanto ele sonhava acordado com a própria esposa, com pena do pobre cego.

Se tinham tempo para rir, então talvez não tivessem o bastante para ocupar o tempo. Adrian socou a escrivaninha no canto, enviando caneta, tinteiro e prancheta para o chão com um único golpe. Derrubou os livros das prateleiras também, coisas inúteis, agora que não podia enxergá-los. Virou o banquinho do piano, e desejou que tivesse descoberto o bastante sobre o instrumento para destruí-lo, de modo que nunca mais lhe trouxesse memórias perturbadoras. Bateu a tampa sobre as teclas, e seus dedos tocaram a garrafa de uísque colocada em cima do piano. Para um homem que não tocava, tal instrumento não servia para nada além de ser uma mesa improvisada.

Seus dedos se fecharam ao redor do gargalo da garrafa, e imaginou o som de cristal estilhaçando, e a visão de uísque escorrendo pela parede, ou pingando entre as cordas do piano, e o cheiro pungente do líquido derramado...

Então parou. Seria melhor consumir a bebida do que desperdiçar uma chance de entorpecimento. Não precisava de um copo...

Seu braço congelou na metade do caminho da garrafa para a boca. Quanto do último ano passara daquela maneira? Fazendo bobagens, quebrando coisas e bebendo? O tempo passando, sem que soubesse de que maneira. Quanto tempo fazia desde que desistira de até mesmo tentar

se preocupar com isso?

Sua Emily estivera em casa, esperando-o. Ela lhe dissera isso, quando lhe contara sobre seu casamento. Como se preocupara que tivesse sido culpada pelo abandono do marido. E como sentira medo, no começo, que a rejeitasse novamente. Emily estivera certa de que se algum dia a reconhecesse, tudo acabaria. Adrian tentara lhe provar o contrário.

No final, estivera certa. No momento em que descobrira sua identidade, mandara-a embora de sua vida.

Emily havia aceitado a verdade dele quando a descobrira. Adrian lhe assegurara que não havia nada que sua esposa pudesse fazer para perder sua confiança, pois a culpa da separação tinha sido sua, e somente sua.

Ainda segurando o uísque, abaixou-se, tateando para pegar os livros ao redor de seus pés. Quanto dano causara em sua pressa de destruir o que não podia apreciar? Os estragos ao seu redor eram resultado de mais um ato egoísta de sua parte. Apenas mais um de muitos nos últimos anos.

Mas quando aprendera a ser diferente? Pensou na fúria que tinha sentido com a indiferença de seu pai em relação ao futuro da família. E em como seu pai ficara zangado toda vez que falava do avô de Adrian. Todos furiosos pelo o que o destino lhes enviara.

Contudo, embora Emily pudesse ter ficado irritada pelo tratamento que lhe dera, lutara para mudar as coisas que a faziam infeliz, e lidara com o resto da melhor maneira possível.

Ela o aceitara.

Adrian respirou fundo, endireitou o corpo e andou até a porta, abrindo-a subitamente sob a sombra esperando no hall.

– Hendricks.

– Sim, meu lorde. – Não era o tom de voz normalmente calmo de seu velho amigo, mas as palavras tensas de um homem fervilhando de raiva.

Adrian pigarreou, desejando que pudesse voltar 15 minutos no tempo e recomeçar.

– Parece que tive uma demonstração de nervos embaraçosa.

– Posso ver isso.

– Não irá acontecer novamente.

– Não perto de mim, pelo menos. Eu estou pedindo minha demissão.

Por um momento, Adrian sentiu o mesmo que experimentara quando sua vista havia começado a abandoná-lo. Como se tudo com o que sempre contara como certo estivesse escorregando pelos seus dedos.

– Não pode estar falando sério.

– Sou sempre sério, meu lorde. Você frequentemente comenta sobre a minha falta de humor.

– Isso nunca foi problema, quando nos conhecemos – Adrian o relembrou. – Na Península, você era uma ótima companhia.

– E você não costumava ser tão tolo. – O golpe pareceu vir de lugar nenhum quando Hendricks chutou a garrafa de uísque de sua mão, atingindo o chão com um estrondo. Adrian podia ouvir o barulho do líquido se derramando, e sentiu o cheiro do álcool ensopando o tapete.

– Talvez não. – Adrian endireitou o corpo em toda sua altura e deu um passo à frente, sabendo que, visse ou não, ainda era muito maior que seu amigo. – Mas naquela época, não precisava me preocupar sobre você mentindo para mim, a fim de cimentar sua posição com minha esposa.

Sabia desta farsa desde o começo, não é?

– É claro. Porque não sou cego. – Hendricks acrescentara a última frase para atingi-lo, Adrian tinha certeza.

– Posso pensar numa única razão para ter compactuado com esta farsa. Rupert me contou, ontem, que Emily está esperando um filho.

Hendricks emitiu um gemido de surpresa, e ameaçou praguejar.

– E presumo que o filho é seu, e que a chamou a Londres, de modo que Emily pudesse me enganar para que houvesse algum traço de legitimidade. – Adrian riu. – Por que achou que uma coisa dessas poderia dar certo, não tenho ideia. Não preciso de minha visão para contar até nove.

Hendricks praguejou em voz alta agora, como não o ouvia fazer desde os dias deles no exército.

– Você é realmente um idiota, Folbroke. E fico impressionado por não ter percebido antes. Quer saber como encontrei sua esposa, quando fui até ela hoje?

– A verdade de sua parte seria uma mudança bem-vinda – retrucou Adrian.

– Muito bem, então. Quando a vi esta manhã, não estava nada como a tola miniatura que você carrega. A miniatura que gastou de tanto acariciar é de uma garota jovem e comum. Mas a mulher que vi hoje tinha acabado de sair da cama, e não usava nada além de um penhoar azul de seda. Ela o amarrara abaixo dos seios de uma maneira que deixava pouco para a imaginação. E quando se sentou, a saia se abriu e pude ver seus tornozelos, e uma parte da canela desnuda.

Adrian fechou uma das mãos, desejando que ainda estivesse segurando a garrafa, de modo que pudesse jogar em direção à voz e calar a boca do homem para sempre.

– Ela pegou as cartas que você enviou, e leu em rápida sucessão. Suspirou. Beijou as duas folhas. Praticamente fez amor com os papéis, enquanto estava lá, parado como um idiota, admirando-lhe o corpo e desejando que, pelo menos uma vez, ela me desse alguma instrução que não envolvesse correr de volta para você. Mas nada tinha mudado. Em relação a homens que não seja o conde de Folbroke, ela é tão cega quanto você.

– Então, não sabe nada sobre esta suposta criança?

Houve uma longa pausa, como se as próximas palavras fossem difíceis.

– Emily foi fiel com você. Desde o momento em que se casaram. Apostaria minha vida nisso. Não existe possibilidade de estar grávida.

– Mas em White's, Rupert falou...

Hendricks o interrompeu:

– Se usasse o cérebro, como costumava fazer, teria considerado a fonte do boato, e lembrado que seu primo é ainda mais tolo que você.

Para o ouvido treinado de alguém que não tinha escolha senão ouvir, havia tanta emoção nas últimas palavras de Hendricks quanto nas anteriores. Tristeza, frustração e inveja de um homem tão indigno da devoção que recebera de sua linda esposa.

Adrian conhecia os sentimentos, pois os experimentara quando pensara em Emily.

– Você tem razão – disse Adrian finalmente. – Se há alguma verdade nisso, ou alguma explicação a ser dada, eu deveria ter questionado Emily sobre o assunto, em vez de acreditar no homem que quer muito garantir que eu não tenha um filho. E acho que entendo os seus motivos para me deixar, também, Hendricks. – Afinal de contas, seria muito estranho se Adrian se desculpasse com sua esposa, e todos voltassem a Derbyshire. Dois homens, vivendo lado a lado

na mesma casa, amando a mesma mulher? Seria ainda pior para Hendricks, forçado a testemunhar a felicidade deles, e saber que, embora Adrian fosse seu igual em habilidade e inferior em temperamento, possuía uma posição superior, e o amor incondicional de sua condessa.

Ele pôs os pensamentos de Emily de lado por um momento e disse:

– Terá cartas de referência, é claro. E qualquer coisa que precise.

– Já escrevi as cartas.

Adrian riu.

– Não esperava menos de sua parte. Você é muito eficiente, quando se determina a fazer alguma coisa. – Ele pulou a garrafa no chão e apertou a mão do outro homem. – Creio que fui efusivo ao elogiá-lo. E generoso no que diz respeito a seu pedido de demissão?

– É claro, meu lorde.

– Não esperava menos de você. Foi um empregado inestimável. E será sempre bem-vindo em minha casa, como convidado, se algum dia quiser retornar lá.

– Não acho que voltarei por algum tempo – respondeu Hendricks. – Se as coisas saírem como espero, estará muito ocupado para querer companhia, pelo menos até depois do ano novo.

– No próximo ano, então. A pesca é boa na fazenda Folbroke. Ainda gosta de truta, não é?

– Sim, gosto, meu lorde.

– Então, certifique-se de que o dinheiro que darei como último pagamento é o bastante para que possa viver confortavelmente durante 12 meses, e depois me visitar como um amigo, antes de arranjar outro emprego. Eu não aceitarei uma negativa como resposta.

– É claro, meu lorde.

Teria parecido muito estranho tocar o rosto do homem, depois de todos aqueles anos. Mas subitamente, como se uma mudança tivesse ocorrido entre os dois, era difícil não ler a verdade nas palavras de Hendricks. Adrian ouvira a preocupação e frustração na voz do homem por tanto tempo que a súbita ausência destas era como um vazio na sala. Havia sido tolice de sua parte pensar que seu velho amigo algum dia tivesse zombado dele ou o enganado cruelmente.

– Hendricks, sinto muito. Entendo que não fui um patrão fácil...

– Lorde Folbroke. Não há necessidade...

Adrian ergueu uma das mãos para evitar as desculpas do homem.

– É verdade. Mas não haverá mais tolices a partir de hoje. Se pretende me deixar nas mãos de minha boa esposa, serei um homem amável, e não a perturbarei desnecessariamente.

– Muito bem, meu lorde. – Havia alívio na voz de Hendricks, como se Adrian tivesse lhe dado compensação além de dinheiro naquele único plano simples.

– É claro, terei de acertar as coisas novamente, depois da confusão que acabei de criar neste encontro. – Ele falou da maneira mais casual possível, como se o staff inteiro não tivesse ouvido a discussão que ocorrera ali. – Eston levou-a para casa dele, presumo?

– Creio que sim, meu lorde. Posso mandar chamá-la, se quiser.

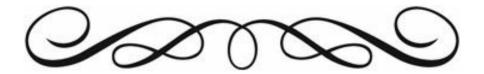
– Não é necessário. Irei até ela.

– Eu mandarei trazer a carruagem.

– Não. – Uma ideia subitamente lhe ocorrera. – O lugar fica a menos de um quilômetro daqui. E a noite está clara, não está?

– Sim, meu lorde.

– Então, irei andando.
– Pedirei que um lacaio o acompanhe.
Adrian apertou o braço de seu velho amigo.
– Se pretende me deixar sozinho, então terei de aprender a me virar sem você. – Embora não soubesse como. – As ruas não estão congestionadas. E me lembro do caminho. Irei sozinho.
– Muito bem, senhor. – Havia apenas um leve traço de dúvida na voz de Hendricks, indicando que não estava sugerindo que aquilo era impossível. Era algo que Adrian nunca tentara antes, é claro. Mas era improvável que sua visão melhorasse. Estava na hora de aprender a circular pela cidade. Andaram juntos até o hall de entrada, e, em vez de Parker ajudá-lo, Adrian sentiu as mãos familiares de Hendricks ajudando-o com o casaco, e entregando-lhe chapéu e luvas. Então a porta se abriu, e deu um tapinha nas costas de Adrian.
Após alguns segundos, aproximou-se suavemente dele:
– Cuide dela, Adrian.
– Pretendo fazer isso, John. – Então Adrian desceu os degraus para a calçada e foi em direção ao que poderia muito bem ter sido uma selva, por tudo que sabia.

Capítulo Vinte e Um

QUATRO DEGRAUS logo abaixo, para a rua. Sentiu a extremidade da calçada com a bengala e afastou-se um pouco. E agora, à esquerda. Seriam duas ruas em frente, seguindo aquela direção, lembrou, antes de virar na rua mais movimentada. Prestou atenção aos sons, para avaliar as redondezas. Era mais difícil no escuro do que teria sido sob a luz, pois não podia usar os raios de sol para determinar uma direção.

Todavia, para aquela primeira viagem, era melhor estar na rua quando o caminho não estava congestionado. Ouviu um único andarilho do outro lado da rua, e lembrou que teria de tomar cuidado com ladrões e batedores de carteira. Apesar de aquele ser bom, nem todos que saíam depois de escurecer podiam ser confiáveis.

Bateu com a bengala à sua frente, para se certificar de que não houvesse obstáculos, e estabeleceu um ritmo que era mais lento do que o normal, mas ainda um pouco diferente de um passeio preguiçoso. Quase tropeçou, quando a calçada deu lugar a outro meio-fio. Mas então, percebeu e endireitou o corpo, olhando para ambos os lados à procura de mudanças nas sombras que obscureciam sua visão, e ouviu o som de cascos de cavalos e o ruído de coches ou carruagens.

Quando teve certeza que não havia nada, fez a travessia sem ocorrências especiais, ganhando o lado oposto da rua. Prosseguiu um pouco mais de tempo no mesmo ritmo, antes que tudo começasse a dar errado.

Pôde ouvir o trânsito aumentar ao seu redor quando o caminho se tornou mais movimentado. Embora a maioria dos transeuntes lhe desse um espaço seguro para andar, sofria esbarrões ocasionalmente e fora forçado a ajustar seu ritmo ao daqueles à sua volta. As mudanças rápidas dificultaram sua noção de distância, e a esquina pareceu chegar muito antes do que esperara. Quantas ruas havia passado? Duas ou três?

Subitamente, sentiu uma mão, leve como o toque de uma mariposa, no bolso que levava sua carteira.

Capturou o pulso fino com facilidade nos dedos da mão esquerda.

– Ei, o que faz?

– Por favor, senhor. Não ia fazer nada. – Uma criança? Uma garota? Não. Um menino. Estava certo disso; embora o pulso fosse fino, não parecia delicado, e a manga da qual se sobressaía era de lã grossa.

– Você simplesmente escolheu andar com a mão no meu bolso, então? Chega de mentiras, garoto. Pretendia roubar minha carteira. E agora os homens da lei o levarão.

– Por favor, senhor – houve o fungar alto de uma criança que estava perto das lágrimas –, não quis lhe fazer nenhum mal. Estava com fome.

– Sou cego, não estúpido. E certamente não tão insensível quanto esperava. É muito mais difícil me roubar, porque presto mais atenção em coisas pequenas como você. – Deu um suspiro frustrado para persuadir o menino que estava sério em sua intenção, mas não sem compaixão. Então acrescentou: – Se quiser evitar a lei, então é melhor provar seu valor. Estou indo para St James's Square. Conhece o caminho?

– Sim, senhor. É claro.

– Então pegue minha mão e me guie o resto da distância. Fique bem atento e me desvie de qualquer batedor de carteira. Saberei se você me levar pelo caminho errado, portanto não tente, ou terá que se entender com a lei. – Então Adrian fingiu amaciar. – Mas se me conduzir corretamente, receberá um xelim e um bom jantar. – Ao som de outra fungada, acrescentou: – E um lenço limpo.

– Sim, senhor.

Sentiu uma mãozinha na sua, e um puxão, enquanto o garoto o virava e estabelecia um ritmo apressado na outra direção. Após um tempo, podia dizer que o menino era honesto, pois os sons ao redor e os ecos dos prédios da praça mudaram para alguma coisa mais parecida com o que tinha esperado.

Irritava-o que, em sua primeira saída sozinho, provara-se incapaz de achar uma casa que visitara centenas de vezes. Talvez isso significasse que fosse tão inútil quanto temia, um inválido que não passaria de um fardo para sua esposa.

Ou talvez aquilo provasse que se viraria o melhor possível, sob as circunstâncias. Qualquer que fosse o caso, sentia-se melhor assim do que escondido em seu quarto. Mesmo tendo aceitado ajuda, experimentou um estranho senso de poder.

O garoto leu os números enquanto eles passavam, depois o conduziu para a porta especificada.

– Aqui estamos, senhor. – O garoto hesitou, como se estivesse com medo de levantar a aldrava.

Por um momento, Adrian também hesitou, então subiu o degrau, tateou e agarrou a aldrava, batendo forte na madeira.

– Muito bom.

– Lorde Folbroke? – O cumprimento do mordomo foi incerto, pois fazia muito tempo que Adrian não visitava a casa. E se a fofoca dos servos fosse tão eficiente quanto era em sua própria casa, todos deveriam estar comentando sobre ele desde o retorno de Emily à casa do irmão.

Adrian assentiu com um gesto afirmativo de cabeça, e estendeu seu chapéu, esperando que o homem pudesse entender a natureza de sua dificuldade por seu olhar vago.

– E um ajudante – murmurou, gesticulando para o garoto com a outra mão. – Alguém poderia levar este jovem para a cozinha e alimentá-lo? E dê-lhe o xelim que lhe prometi. – Baixou o olhar na direção geral da criança e ouviu outra fungada. – E um lenço para limpar o nariz.

Então estendeu o braço e achou o ombro do menino, apertando-o de leve.

– E você, rapaz, se estiver interessado em trabalho honesto, talvez possa encontrar em minha casa. – Se pretendesse andar pela cidade no futuro, um guia seria indispensável. E supunha que uma criança das ruas as conhecia melhor do que a maioria das pessoas.

– Sim, senhor – respondeu o garoto.

– Sim, meu lorde – corrigiu. – Agora vá jantar, e depois espere até que decida o que fazer com você.

Adrian virou-se, olhando para o hall de entrada da casa do cunhado, tentando se lembrar do modo como podia do arranjo dos móveis. O mordomo estava de pé atrás dele, ainda esperando uma explicação.

– Minha esposa está? – perguntou. – Gostaria de falar com ela.

Suspeitava que o homem assentira com a cabeça, porque não houve resposta imediata, então Adrian inclinou a cabeça e incentivou:

– Desculpe-me, não ouvi.

O homem pigarreou.

– Sim, meu lorde. Se quiser aguardar no salão...

Adrian sentiu o toque em seu braço, e se desvencilhou.

– Se descrever o caminho para mim, prefiro andar sozinho. – O homem lhe deu instruções, e Adrian usou a bengala para chegar até a sala de estar.

Quando atravessou a soleira da porta, ouviu o som de uma respiração à esquerda, do outro lado do hall. Mais alto do que deveria ser. Havia escada, certamente. E uma mulher em chinelos quase silenciosos, descendo os degraus com passos curtos.

– Adrian. – A voz dela estava ofegante e infantil, como lembrava, como se ela não pudesse conter o encantamento que sentia, e a entonação era a de sua jovem noiva ansiosa.

Mas agora, antes que a alcançasse, conteve-se, para que não a considerasse muito dócil, e mudou o tom de voz.

– Adrian. – Em alguns passos, Emily tinha mudado da garota que abandonara para a mulher que fora atrás dele em Londres. Ainda estava zangada. E fingindo não estar surpresa por sua chegada.

– Notou que vim para você. – Estendeu os braços, esperando que ela fosse para eles.

– Já não era sem tempo – respondeu. – De acordo com David, nunca mais o visitou, embora não seja longe, e seu cocheiro conheça o caminho. Não é uma jornada onerosa, em absoluto.

Adrian se aproximou um pouco e inalou o aroma feminino. *Limões.* Sentiu água na boca por ela.

– Não requisitei um cocheiro. A noite está clara, a brisa fresca. Então, vim andando.

Pensou tê-la ouvido arfar baixinho em surpresa.

– Quase me perdi no caminho. Mas havia um garoto na rua, tentando roubar minha carteira. Então peguei-o e forcei a me ajudar.

Agora podia imaginar a leve curvatura na boca de Emily, como se falasse as próximas palavras sérias sorrindo.

– Foi muito engenhoso de sua parte. Não há vergonha em admitir que precisa de ajuda, de vez em quando. Assim como um pequeno empecilho durante a jornada não deve impedi-lo de tentar novamente.

– Está tentando me ensinar a ser independente?

– Acho que não precisa aprender isso. É da dependência que tem medo.

– Verdade. – O medo da dependência o fizera resistir a ela por muito tempo. – Foi errado de sua parte mentir para mim, sabia? Senti-me tolo ao pensar que fui seduzido por minha própria esposa. – E agora, tinha começado com as palavras erradas, pois estas davam a impressão de que Emily não valia o esforço.

O sorriso desapareceu da voz dela.

– Se não tivesse escondido a verdade de mim, para começar, então eu não teria precisado mentir. E duvido que tivesse se incomodado em me seduzir, se soubesse quem eu era. Se a primeira semana de nosso casamento foi alguma indicação de nosso futuro, teria ficado entediado e me deixado, a essas alturas. – A voz dela era baixa, e com a falta de confiança que lembrava a garota com quem se casara. Então houve uma fungada baixinha, como se ela pudesse ter uma lágrima no olho diante do pensamento, mas foi reprimida e substituída com a resolução firme da nova Emily. – E teria encontrado um amante menos comportado para me satisfazer.

Adrian suspirou. Tinha esquecido os comentários dela sobre suas habilidades, nos primeiros dias da união dos dois. E ela escolhera relembrar aquilo, num hall de entrada, onde qualquer um poderia ouvir. Andou o resto do caminho para a sala, e puxou-a atrás de si, fechando a porta, de modo que pudessem ficar a sós. Então permitiu que o calor da raiva se espalhasse para a parte baixa de seu corpo, transformando-se num tipo de calor inteiramente distinto.

– Ou teria aprendido a falar mais claramente o que desejava de mim, de modo a se certificar de que entendesse. Sou cego, e preciso de uma mulher compreensiva. – Tentou parecer digno de piedade.

Mas Emily não caía naquilo.

– Sua visão era normal quando nos casamos, todavia, você era cego para meus encantos.

– Se tivesse tido mais tempo, descobriria seus encantos – murmurou Adrian. – É mais provável que eu tivesse fugido para Londres a essas alturas, para descansar um pouco. – Inclinou-se para mais perto, de modo que pudesse sussurrar no ouvido dela: – Juro, depois de uma semana em sua companhia, estou exausto por seu apetite.

– Já está exausto? – Emily estava definitivamente sorrindo de novo. – Achei que só estivesse começando a ficar interessante. Mas, é claro, você já tinha começado a pensar em outra enquanto dormia comigo. Numa mulher inocente e sensata chamada Emily, que é muito diferente de mim. – Capturou-o pela lapela do paletó e apalpou seu bolso para ter certeza de que o medalhão ainda estava no lugar de sempre. Então o removeu de lá. – E ela não é nem um pouco atraente, julgando por esta pintura.

Adrian segurou seu pulso para deter a mão.

– Ela é maravilhosa.

– Seu retrato está estragado.

– Entretanto, não me separo dele. O medalhão me acompanhou durante a batalha em

Talavera, e em muitas outras depois desta. Não preciso vê-lo, pois carreguei-o por tanto tempo que memorizei cada linha.

– Verdade? – Havia um fascínio na voz feminina que se suavizou, e ele soube que tinha vencido. – Mas não sou mais a garota do retrato. Eu mudei, Adrian.

Ele tirou o medalhão da sua mão e colocou-o de volta no bolso, impressionado que não a reconhecera desde o começo.

– Não tanto quanto pensa. Era linda na época, e é agora. Emily – murmurou, apreciando o som da palavra em seus lábios e o pequeno gemido que ela emitiu ao ouvir. – Emily. – O corpo de Adrian se retesou, apenas por saber que estava com sua esposa depois de tanto tempo. – Já disse que a amo muito?

– Não acredito que tenha dito. – Inclinou-se nele, até que os ombros largos batessem na porta logo atrás.

– Mas ouvirá isso com frequência, agora que voltei para você. – Beijou-a gentilmente, maravilhando-se como aquilo parecia certo, abraçando-a com força, apreciando o calor do corpo delgado, as curvas familiares, e o cheiro dos cabelos sedosos, e perguntando-se por que tinha sido tão tolo para se negar tanto prazer.

E então se lembrou do que ela lhe dissera na noite em que tinham falado sobre seus casamentos.

– Três vezes?

– Perdão?

– Contou-me que seu marido tinha feito amor com você somente três vezes, antes de abandoná-la.

– Sim, Adrian – confirmou, batendo um dos pés no chão com impaciência. – É claro, o número de vezes aumentou depois desta semana. Agora são quatro. Ou talvez quatro e meia. Não tenho certeza como contar algumas das coisas que aconteceram.

– Mesmo assim. Três vezes. – Balançou a cabeça perplexo. – Podia jurar que foram mais.

– E estaria errado. Foram apenas três. – Emily pressionou o corpo ao dele. – Agora, está me tratando de maneira tão educada que faz eu me questionar se devo forçá-lo a cumprir suas obrigações.

– Minhas obrigações? – perguntou.

– Em relação à sua esposa – replicou de modo significativo. E deslizou as mãos para dentro do colete dele, abrindo os dedos sobre suas costelas, puxando a camisa para fora da calça. Estava sedenta por ele novamente. E ele se lembrou do que Hendricks lhe dissera, e fez o possível para não tentar adivinhar a razão daquilo.

Parou as mãos de Emily.

– Antes de continuarmos, quando fui ao White's ontem, encontrei Rupert, por acaso.

– Que falta de sorte a sua – respondeu ela. – Mas isso explica a bobagem da qual me acusava algumas horas atrás. Seu primo vinha me perturbando infinitamente, em Derbyshire, por causa de sua ausência. Ficou longe por tanto tempo que ele começou a duvidar de sua existência. – Emily se colocou na ponta dos pés para beijá-lo, capturando-lhe o lábio inferior em seus dentes e mordiscando-o.

– Rupert é um idiota – murmurou Adrian em meio ao beijo, imaginando se ele se importava com a verdade. Se tivesse pretendido distraí-lo, tinha feito um bom trabalho, porque as mãos

delicadas estavam se movendo de novo, alcançando os botões de sua calça. – Da próxima vez que ele visitar, vou lhe socar as orelhas e mandar embora. Como desejei que pudesse ter feito ontem. Ele foi rápido em me dar os parabéns pelo nascimento iminente. Assegurei-o de que você havia falado a verdade, é claro. E que eu estava feliz. Como estou, é claro. – Adrian sentiu os ombros delgados começarem a tremer e temeu que ela estivesse chorando. Tocou-lhe a face para secar as lágrimas, mas não sentiu nada, exceto a pele macia e beijável. – O que é isso? Você está rindo de mim. O que há de engraçado?

– Que insiste em ser tão nobre sobre minha pobre criança indesejada. – As mãos de Emily deixaram seu corpo, e ele ouviu o farfalhar das saias e sentiu as bainhas roçando em seu dedo quando ela ergueu-as até a cintura, então pressionou as mãos dele em sua barriga para provar que estava reta e vazia. – Não me tocou aqui o bastante para descobrir a verdade?

– Não estava prestando atenção – replicou Adrian. Nem estava agora. Encontrava-se muito ocupado sentindo a parte inferior do espartilho feminino, o topo das meias, e a pele deliciosa entre ambos. Deslizou um dedo sob o laço da liga. – Isto é novo.

Uma perna sedosa envolveu a dele para ajudá-la a se equilibrar quando beijou-lhe o pescoço.

– Sua querida Emily é uma *lady* virtuosa que não fica nua por baixo do vestido. Mas há limites para minha propriedade. Seu primo irritante não pararia de me aborrecer com seus planos para a fazenda quando herdasse o título. Então, disse a ele que estava grávida de um filho seu, e que Rupert tinha sido cortado da sucessão.

– Sua pequena mentirosa. Tem ideia da agonia pela qual passei, pensando que amasse outro?

– Desconfio que sim. Porque senti essa agonia todos os dias em que estivemos separados.

Adrian tremeu, imaginando a dor que sentira no último dia sendo ampliada para semanas, meses e anos. Então, envolveu-a nos braços para um beijo que não compensava tal dor nem de perto. Mas um beijo que pareceu ajudar, pois Emily gemeu com satisfação contra a pele de seu pescoço.

– Diga-me, quando descobriu a suposta verdade sobre minha infidelidade, correu para cama de sua amante, de modo que pudesse extravasar as frustrações?

– Talvez – admitiu.

– Então, espero que possamos voltar para meus aposentos, a fim de ficarmos sozinhos, e que esteja similarmente frustrado esta noite.

Adrian lembrou-se do ato de amor deles na noite anterior, e da resposta ansiosa de Emily, depois pensou nas mentiras dela para Rupert.

– E quando meu primo voltasse em nove meses, com um presente de batizado, de onde planejava arranjar um bebê?

– De você, é claro. Fui a Londres para seduzi-lo.

Aquelas eram as últimas palavras que ele pensara que ouviria da esposa. Não que não fossem bem-vindas, é claro. Apenas inesperadas. Em resposta, sua pulsação acelerou e a mente foi preenchida com possibilidades.

– E não me fale que não quer um filho, porque não ouvirei isso. – Com boa visão ou cego, não importa, contanto que tenha um pai forte para lhe mostrar o caminho.

– Realmente pensa assim, não é? – Adrian não pôde deixar de sorrir diante da perspectiva. Uma criança que tivesse uma mãe como Emily, certamente cresceria forte e emocionalmente equilibrada.

– E irmãos e irmãs, também.
– Irmãos e irmãs?
– Você não sabe, mas irmãos, quando não estão tirando sua paz, são um grande conforto – assegurou.
– Nós ainda não temos um, e já está planejando uma família.
– Estou cansada de planejar – sussurrou. – Principalmente agora que me ensinou o que significa agir sobre o desejo.
Adrian deu um suspiro cansado, como se fosse trabalhoso lhe dar prazer, e escondeu o quanto adorava seu plano, agora que começava a se acostumar com a ideia.
– É uma mulher muito teimosa, minha *lady* Folbroke. Se isso é tudo que lhe dá prazer, então estou cansado de lutar contra você. Tome conta de mim, e acabe logo com isso.
– Como desejar, meu lorde. – E estava alcançando os botões novamente. – Ele segurou-a pelos pulsos. Não esperara que o levasse a sério, e agora as coisas estavam saindo do controle.
– Emily. – Aquele fora um erro. Pois, embora a sensação das mãos dela o excitassem, falar aquele nome amado quase o fez perder o controle. – Não pode esperar até que a leve para cama?
Ela puxou a ponta da gravata com os dentes.
– Esperei três anos, Adrian. – Ela ergueu-lhe as mãos até que pudesse beijar os seus dedos, pondo as pontas na boca. Adrian libertou as mãos, tentando não imaginar as coisas chocantes que desejava fazer com a mãe de seus futuros filhos.
Ele as faria, com o tempo. Logo, lembrou com firmeza. Muito em breve. Tinha uma vida inteira com Emily. Certamente, poderia esperar alguns minutos, até que pudessem ir ao apartamento alugado dela. Ou para sua casa. Removeu os dedos e os deslizou sobre o rosto de sua amada, traçando o sorriso, examinando cada feição. Como pudera não reconhecer aquele rosto? Que deveria ter sido tão familiar quanto o seu próprio.
– É tão adorável – disse ele, tentando preencher o vazio de negligência que criara, com uma emoção mais valiosa do que luxúria. – Se pretende tirar o medalhão de mim, então devo achar outra coisa para carregar, de modo que possa compartilhar sua beleza com outros, enquanto eu mesmo a aprecio. Gostaria de um camafeu?
Ela pisou com os chinelos macios sobre as botas dele para que pudesse beijá-lo com mais facilidade.
– Que ideia ótima.
– Também achei. – Adrian sorriu e deslizou um dedo por uma das faces dela. – Alguma coisa grega, acho. Eu a vejo como Atenas.
– Afrodite – sugeriu –, com ombros desnudos.
Desceu os dedos, tocando-lhe o pescoço.
– E desnuda aqui também. E aqui. – Seus dedos tocaram-lhe a saia, ainda erguida, e se pressionaram entre os corpos, fazendo-o se lembrar dos tesouros escondidos ali. – Talvez com uma túnica arranjada artisticamente – imaginou, acariciando-lhe o corpo em diagonal, até que sua mão descansasse no quadril desnudo.
– E poderia me tocar, sempre que quisesse – encorajou Emily. E suas mãos escorregaram para baixo novamente.
– Isso é loucura – disse, sem muita convicção. – Pare imediatamente.
– Por quê? – sussurrou ela.

– Porque estamos numa sala de estar, e não num quarto. Seria falta de respeito com seu irmão. E não é apropriado. – Ele tentou pensar em outras razões. Mas quando o expôs, massageou e deslizou por entre suas pernas, Adrian não fez nada para detê-la.

– E sou sua esposa e não amante – disse, parando. Na voz de Emily, ele ouviu a hesitação e a resignação que tinham estado presentes nas primeiras noites dos dois.

Estava suave, ardente e disposta. E ele mais excitado por ela do que já estivera. O contato com o corpo delgado de Emily fazia cada fibra de seu ser pulsar de desejo. O ar estava repleto do aroma de limão, e estava perdendo tempo com o que era apropriado.

– Você é as duas coisas – respondeu. – Esposa e amante. Deixe-me lhe provar isso. – Então, inclinou-se contra a porta, dobrou os joelhos, encontrou o seu corpo e se perdeu.

Os minutos seguintes foram uma confusão de braços e pernas se entrelaçando, mãos acariciando, beijos apaixonados. E os corpos de ambos se encontrando, repetidas vezes em investidas sutis e silenciosas, de modo a não alertar os servos de seu amigo de infância para a sensualidade deleitosa que acontecia na casa dele. E todo o tempo, o pensamento ecoando em sua cabeça era que a maioria dos homens daria dois olhos bons pela oportunidade de ter uma mulher como aquela, mesmo que por uma noite.

Mas a criatura sensual ofegando de desejo no ouvido dele era sua esposa. Sua Emily. Emily. Emily. E liberou seu próprio prazer nela com um tremor de abalar a alma, antes de relaxar contra a porta. Enquanto seus corpos se acalmavam, Adrian a abraçou, feliz.

Atrás deles, houve uma batida à porta, e então esta balançou contra os ombros dele, como se alguém estivesse tentando abrir.

– Que diabo está acontecendo aí?

– David – disse Adrian, lembrando por que tinha resistido àquele interlúdio. – Um momento, por favor.

– Folbroke? – Houve um momento de silêncio. – Suponho que minha irmã está aí com você.

Ele sorriu e respondeu:

– Minha esposa. Sim.

– Estamos resolvendo nossas diferenças – disse Emily, com um pequeno meneio dos quadris, antes que se separasse dele e deixasse as saias caírem no lugar com um sussurro.

– Mas precisam fazer isso na sala? – murmurou David do hall de entrada.

Sua esposa estava rindo contra a lapela de seu paletó, e ajeitando suas roupas no lugar quando Adrian falou:

– Peço perdão pelo lapso momentâneo de julgamento, Eston. Foi – rolou os olhos em direção ao teto para o benefício de Emily – inevitável. Num momento, estaremos indo para o apartamento dela, e não o perturbaremos mais.

– Mas talvez possa jantar conosco – convidou Emily.

– Mais para o fim da semana – acrescentou Adrian.

– Dentro de muitos – corrigiu ela.

Do outro lado da porta, ouviram David bufando de desgosto, e o som de passos se retirando. Emily caiu na gargalhada, então estava abraçando seu marido novamente.

Desta vez, impediu-a, ignorando seus resmungos e as demandas de seu próprio corpo.

– *Lady* Folbroke, seu comportamento é vergonhoso. – E então sussurrou no ouvido dela. – E fui um tolo por ter fugido de você.

– Sim, foi – concordou. – Mas é o meu tolo agora, e não irá mais fugir de mim.

– Nunca mais. – Sorriu. – Graças a você, acho que serei o primeiro numa longa linha de Folbroke a morrer naquela cama.